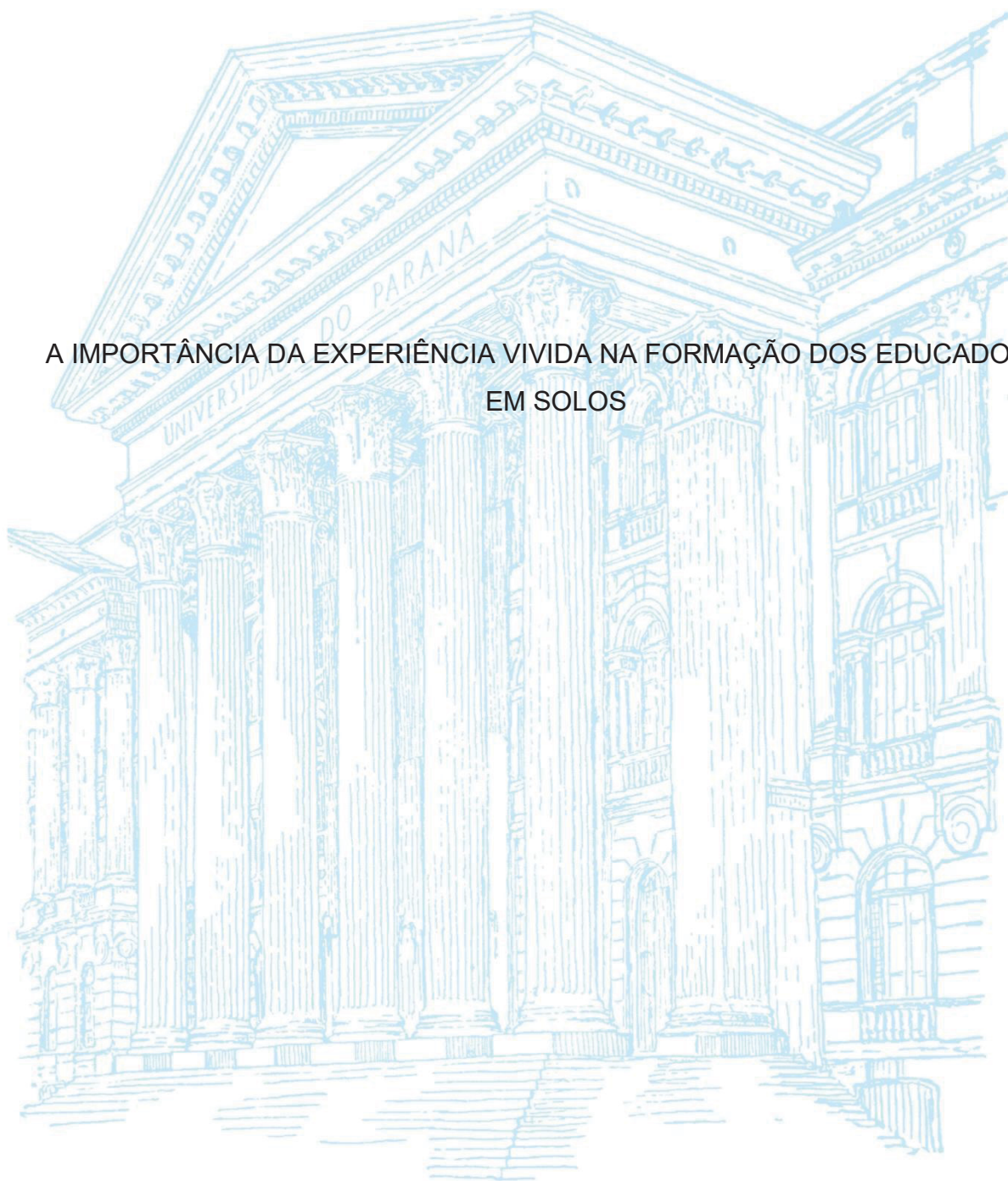


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JULIMEIRY DA SILVA PRZYBYCIEN

A IMPORTÂNCIA DA EXPERIÊNCIA VIVIDA NA FORMAÇÃO DOS EDUCADORES
EM SOLOS



CURITIBA

2025

JULIMEIRY DA SILVA PRZYBYCIEN

A IMPORTÂNCIA DA EXPERIÊNCIA VIVIDA NA FORMAÇÃO DOS EDUCADORES
EM SOLOS

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Ciência do Solo, Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciência do Solo, Área de Concentração Solo e Ambiente.

Orientadora: Profa. Dra. Fabiane Machado Vezzani.

Coorientador: Prof. Dr. Valentim da Silva.

Coorientador: Prof. Dr. Marcelo Ricardo de Lima.

CURITIBA

2025

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS

Przybycien, Julimeiry da Silva

A importância da experiência vivida na formação dos educadores em solos / Julimeiry da Silva Przybycien. – Curitiba, 2025.

1 recurso online: PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Agrárias, Programa de Pós-Graduação em Ciência do Solo.

Orientador: Profª Dra. Fabiane Machado Vezzani

Coorientador: Prof. Dr. Valentim da Silva

Coorientador: Prof. Dr. Marcelo Ricardo de Lima

1. Ciência do solo. 2. Educação. 3. Formação profissional. I. Vezzani, Fabiane Machado. II. Silva, Valentim da. III Lima, Marcelo Ricardo de. IV. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Ciência do Solo. V. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO CIÊNCIA DO SOLO -
40001016014P4

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação CIÊNCIA DO SOLO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **JULIMEIRY DA SILVA PRZYBYCIEN** intitulada: **A IMPORTÂNCIA DA EXPERIÊNCIA VIVIDA NA FORMAÇÃO DOS EDUCADORES EM SOLOS**, sob orientação da Profa. Dra. **FABIANE MACHADO VEZZANI**, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO** no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 04 de Fevereiro de 2025.

Assinatura Eletrônica
04/02/2025 16:45:37.0
FABIANE MACHADO VEZZANI
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
05/02/2025 09:08:08.0
MARIA HELENA MENNA BARRETO ABRAHÃO
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS)

Assinatura Eletrônica
04/02/2025 16:37:56.0
MARIA ANTONIA RAMOS DE AZEVEDO
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA)

Assinatura Eletrônica
04/02/2025 17:43:53.0
NERILDE FAVARETTO
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Dedico esta dissertação à minha Mãe e ao meu Pai que me deram a vida e me inspiram a buscar diariamente o meu ser mais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Bruno, meu marido, e meus filhos, Matheus e Rafaela, por sempre me apoiarem e acreditarem em mim, meu porto seguro.

Agradeço aos meus Pais, e todos os meus familiares... minha base!

Um agradecimento muito especial aos trinta e dois profissionais que aceitaram participar da pesquisa, que se entregaram na escrita. Com eles refleti, aprendi, me emocionei. São trinta e duas pessoas com histórias potentes que com certeza fizeram a diferença na minha (trans)formação.

Agradeço de coração à Professora Doutora Fabiane Vezzani, minha orientadora, por sua incansável presença e apoio, mesmo à distância. Sua orientação foi essencial para me guiar com segurança e claramente ao longo desta travessia. Agradeço aos Professores Doutores Valentim da Silva e Marcelo Lima, meus coorientadores, por compartilharem tantos conhecimentos. “Se eu vi mais longe, foi por estar sobre o ombro de gigantes.” (Isaac Newton)

Agradeço aos galhas amigáveis construídas durante as disciplinas do PPGCS, setor agrárias, tornaram esses momentos mais ricos e felizes.

Agradeço a todos aneãos da Especialização Alternativas para uma Nova Educação da UFPR setor Litoral que fizeram parte do meu processo de (trans)formação.

“Um homem se propõe a tarefa de desenhar o mundo. Ao longo dos anos, povoa um espaço com imagens de províncias, de reinos, de montanhas, de baías, de naus, de ilhas, de peixes, de moradas, de instrumentos, de astros, de cavalos e de pessoas. Pouco antes de morrer, descobre que esse paciente labirinto de linhas traça a imagem de seu rosto”.

(Jorge Luis Borges)

RESUMO

A Educação em Solos é um campo emergente que busca se consolidar como área de conhecimento, reunindo profissionais de diversas áreas que se autodenominam, dado a inexistência de um processo formal e institucionalizado de formação, em Educadores em Solos. Nesse sentido, a primeira parte deste estudo teve como objetivo identificar uma metodologia que nos auxilie a compreender os processos de autodenominação e formação desses educadores, considerando a inseparabilidade entre identidade pessoal e profissional, especialmente em profissões fundamentadas em valores e relações humanas. Para isso, iniciamos com uma narrativa histórica sobre o surgimento da Pesquisa (Auto)biográfica no Brasil. Na sequência, exploramos os principais aportes teóricos relacionados aos conceitos de formação experiencial, (trans)formação da identidade e a arte de narrar a própria vida, que são fundamentais para compreensão das abordagens narrativas. Concluímos evidenciando o potencial da Pesquisa (Auto)biográfica para compreender a formação dos Educadores em Solos. Na segunda parte, operamos com a Pesquisa (Auto)biográfica e a teoria tripolar da formação com o objetivo de identificar as dimensões de hetero (interações com os outros), eco (interações com o meio e com as coisas) e autoformação (interações consigo mesmo) dos sujeitos que se autodenominam "Educadores em Solos". Os participantes foram selecionados com base em três critérios: a) autores do livro Educação em Solos; b) profissionais do livro Iniciativas de Educação em Solos no Brasil; e c) integrantes do grupo de WhatsApp "Educação em Solos" que atuam como professores ou pesquisadores. Com os 52 profissionais que aceitaram participar, foi realizada uma conversa explicativa, por meio de videoconferência ou presencial, e, nesse momento, foi solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e, posteriormente foi enviado as perguntas para produzirem suas narrativas. As perguntas tiveram o objetivo de obter quatro conjuntos de informações: aqueles que se autodenominaram Educadores em Solos, o perfil biográfico, a narrativa de vida e formação, e a reflexão sobre a prática educacional. Do total, 32 profissionais entregaram as narrativas, que foram analisadas pelo método de Análise de Conteúdo identificando-se unidades de registro relacionadas às dimensões tripolar de formação e suas subcategorias. Dos 32 participantes da pesquisa, 26 se autodenominaram Educadores em Solos. A partir da análise das narrativas e cálculo das frequências das categorias de análise, identificamos que 40,8 % das menções dos profissionais foram relacionadas com a heteroformação, 30,6 % com a ecoformação e 28,6 % com a autoformação. A (re)construção da identidade de Educadores em Solos acontece de forma permanente e ao longo das suas vidas. Por meio de processos de hetero, eco, autoformação. Esses processos tramam suas trajetórias profissionais e pessoais. O ser Educador/a em Solos foi influenciado pelas vivências acadêmicas (100 %), familiares (92,3 %), atividades profissionais acadêmicas (92,3 %), escolares (84,6 %), comunidade (46,2 %) assim como pela reflexão e reelaboração da prática (92,3 %). Por fim, essas compreensões reforçaram a necessidade de promover pesquisas e processos formais que abordem a complexidade da formação dos sujeitos.

Palavras-chave: Educação em Solos. Pesquisa (Auto)biográfica. Heteroformação. Autoformação. Ecoformação.

ABSTRACT

Soil Education is an emerging field that seeks to consolidate itself as an area of knowledge, bringing together professionals from different areas who call themselves Soil Educators, given the lack of a formal and institutionalized training process. In this sense, the first part of this study aimed to identify a methodology that helps us understand the processes of self-designation and training of these educators, considering the inseparability between personal and professional identity, especially in professions based on values and human relations. To this end, we begin with a historical narrative about the emergence of (Auto)biographical Research in Brazil. Next, we explore the main theoretical contributions related to the concepts of experiential training, (trans)formation of identity and the art of narrating one's own life, which are fundamental to understanding narrative approaches. We conclude by highlighting the potential of (Auto)biographical Research to understand the training of Soil Educators. In the second part, we used (Auto)biographical Research and the tripolar theory of formation to identify the dimensions of hetero (interactions with others), eco (interactions with the environment and with things) and self-formation (interactions with oneself) of the subjects who call themselves "Educators in Soils". The participants were selected based on three criteria: a) authors of the book *Educação em Solos*; b) professionals from the book *Iniciativas de Educação em Solos no Brasil*; and c) members of the WhatsApp group "Educação em Solos" who work as teachers or researchers. An explanatory conversation was held with the 52 professionals who agreed to participate, via videoconference or in person, and at that time, they were asked to sign the Free and Informed Consent Form, and then the questions were sent to produce their narratives. The questions aimed to obtain four sets of information: those who called themselves Soil Educators, their biographical profile, their life and training narrative, and their reflection on their educational practice. Of the total, 32 professionals submitted narratives, which were analyzed using the Content Analysis method, identifying recording units related to the tripolar dimensions of training and their subcategories. Of the 32 participants in the research, 26 called themselves Soil Educators. Based on the analysis of the narratives and calculation of the frequencies of the analysis categories, we identified that 40,8 % of the professionals' mentions were related to hetero-training, 30,6 % to eco-training, and 28,6 % to self-training. The (re)construction of the identity of Soil Educators happens permanently and throughout their lives, through processes of hetero-, eco-, and self-training. These processes weave their professional and personal trajectories. Being a Soil Educator was influenced by academic experiences (100 %), family experiences (92,3 %), academic professional activities (92,3 %), school experiences (84,6 %), community experiences (46,2 %), as well as by reflection and reworking of practice (92,3 %). Finally, these understandings reinforced the need to promote research and formal processes that address the complexity of the training of subjects.

Keywords: Soil Education. (Auto)biographical research. Heteroformation. Self-formation. Ecoformation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.	PERGUNTAS PARA PRODUÇÃO DAS NARRATIVAS.....	40
Figura 2.	CATEGORIAS E SUAS SUBCATEGORIAS DEFINIDAS APÓS ANÁLISE DAS NARRATIVAS.....	43
Figura 3.	ESTADOS FEDERATIVOS EM QUE OS PROFISSIONAIS PARTICIPANTES DA PESQUISA INDICARAM RESIDIR.....	45

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. CONCEPÇÃO TRIPOLAR DOS PROCESSOS FORMATIVOS: VISÃO CONTRASTIVA ENTRE A AUTO, HETERO E ECOFORMAÇÃO.....	28
--	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. CRITÉRIOS PARA CATEGORIZAÇÃO DOS EXCERTOS IDENTIFICADOS NA ANÁLISE DAS NARRATIVAS.....	42
Tabela 2. NÚMERO DE PROFISSIONAIS POR FORMAÇÃO ACADÊMICA E POR PROFISSÃO DOS PARTICIPANTES QUE SE AUTODENOMINARAM EDUCADORES EM SOLOS	46
Tabela 3. NÚMERO DE PARTICIPANTES E FREQUÊNCIA DE MENÇÕES EM CADA SUBCATEGORIA DA DIMENSÃO HETEROFORMAÇÃO DAQUELES QUE SE AUTODENOMINARAM EDUCADORES EM SOLOS.....	47
Tabela 4. NÚMERO DE PARTICIPANTES E FREQUÊNCIA DE MENÇÕES EM CADA SUBCATEGORIA DA DIMENSÃO ECOFORMAÇÃO DAQUELES QUE SE AUTODENOMINARAM EDUCADORES EM SOLOS	51
Tabela 5. NÚMERO DE PARTICIPANTES E FREQUÊNCIA DE MENÇÕES EM CADA SUBCATEGORIA DA DIMENSÃO AUTOFORMAÇÃO DAQUELES QUE SE AUTODENOMINARAM EDUCADORES EM SOLOS.....	55
Tabela 6. FORMAÇÃO ACADÊMICA E PROFISSÃO DOS PARTICIPANTES QUE NÃO SE AUTODENOMINARAM EDUCADORES EM SOLOS.....	59

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

UFPR - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

PPGCS- PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO DE CIÊNCIA DO SOLO

FAO - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA AGRICULTURA E ALIMENTAÇÃO

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO GERAL	16
2.	CAPÍTULO 1: POTENCIAL DA PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA E FORMAÇÃO EXPERIENCIAL NA INVESTIGAÇÃO SOBRE A FORMAÇÃO DE EDUCADORES EM SOLOS	18
2.1	RESUMO	18
2.2	ABSTRACT.....	18
2.3	INTRODUÇÃO.....	19
2.4	ABORDAGENS NARRATIVAS UTILIZADAS COMO PRÁTICA DE PESQUISA E FORMAÇÃO NA EDUCAÇÃO.....	20
2.5	A FORMAÇÃO NAS ABORDAGENS NARRATIVAS	24
2.6	A PRODUÇÃO DA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA COMO MEDIAÇÃO DA FORMAÇÃO EXPERIENCIAL NAS ABORDAGENS NARRATIVAS	28
2.7	A PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA USADA NA INVESTIGAÇÃO DOS PROCESSOS DE FORMAÇÃO EXPERIENCIAL DO EDUCADOR EM SOLOS.....	30
2.8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
2.9	REFERÊNCIAS.....	31
3.	CAPÍTULO 2: A FORMAÇÃO EXPERIENCIAL DOS EDUCADORES EM SOLOS NO BRASIL.....	35
3.1	RESUMO	35
3.2	ABSTRACT.....	36
3.3	INTRODUÇÃO.....	37
3.4	MATERIAIS E MÉTODOS	38
3.4.1	SELEÇÃO DA POPULAÇÃO DE PROFISSIONAIS QUE PROMOVEM A EDUCAÇÃO EM SOLOS A SER ESTUDADA.....	39
3.4.2	PRODUÇÃO DAS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS.....	39
3.4.3	ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DAS NARRATIVAS	41
3.5	RESULTADOS E DISCUSSÃO	44
3.5.1	PERFIL BIOGRÁFICO DOS AUTORES DAS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS.....	44
3.5.2	PROFISSIONAIS QUE SE AUTODENOMINAM EDUCADORES EM SOLOS	46

3.5.2.1 A CATEGORIA DE HETEROFORMAÇÃO.....	47
3.5.2.2 A CATEGORIA DE ECOFORMAÇÃO.....	51
3.5.2.3 A CATEGORIA DE AUTOFORMAÇÃO.....	54
3.5.3 PROFISSIONAIS QUE NÃO SE AUTODENOMINAM EDUCADORES EM SOLOS.....	59
3.5.4 PROCESSO DE FORMAÇÃO FORMAL DE EDUCADORES EM SOLOS.....	62
3.6 CONCLUSÕES.....	63
3.7 REFERÊNCIAS.....	63
4. CONCLUSÃO GERAL.....	66
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
6. REFERÊNCIAS.....	67
7. APÊNDICE 1 – PARTE 1 DO DOCUMENTO ENVIADO AOS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	71
8. APÊNDICE 2 - PARTE 2 DO DOCUMENTO ENVIADO AOS PARTICIPANTES DA PESQUISA – ROTEIRO CRÍTICO REFLEXIVO.....	72
9. APÊNDICE 3 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	75
10. APÊNDICE 4 – GRELHAS DE ANÁLISE DA FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS QUE SE AUTODENOMINARAM EDUCADORES EM SOLOS.....	78
11. APÊNDICE 5 – GRELHAS DE ANÁLISE DA FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS QUE NÃO SE AUTODENOMINARAM EDUCADORES EM SOLOS.....	145

1 INTRODUÇÃO GERAL

Os solos são a base de toda vida na Terra (PRIMAVESI, 2009). Pois desempenham importantes serviços ambientais que possibilitam a vida na Terra: promovem a ciclagem de nutrientes, a purificação da água e degradação de contaminantes, a regulação do clima, além de servirem como habitat para organismos vivos e para produção de alimentos, fibras e combustíveis (FAO, 2015). E ainda assim são pouco percebidos e valorizados pela maioria das pessoas fazendo com que sejam degradados (MUGGLER *et al.*, 2022). Diante desse contexto, a Educação em Solos visa a transformação dos sujeitos na relação com o solo por meio de processos educacionais.

A Educação em Solos precisa promover o que Muggler et al. (2006) chama de consciência pedológica, ou seja, considerar a relação de sustentabilidade entre humanos e natureza e valores e atitudes de conservação do solo. Lima et al. (2020) destacam a importância de que os processos de formação valorizem o protagonismo dos sujeitos e que a construção dos saberes em solos dialogue com sua realidade, valorizando suas vivências cotidianas. Com isso, os sujeitos podem transformar a realidade com seus próprios conhecimentos.

A Educação em Solos, enquanto campo emergente, busca se consolidar como uma área de conhecimento, unindo profissionais de diversas áreas que atuam em contextos educacionais diversos. Esse diverso grupo de profissionais não realizaram um processo de formação acadêmica na área de Educação em Solos, embora se autodenominem Educadores em Solos. Contudo, outros que vivenciam ações transformadoras em solos não se autodenominam Educadores em Solos.

Ao pertencer a um grupo social, o próprio grupo torna-se simultaneamente o objetivo da práxis de seus membros, sendo lido por cada um deles a partir de suas perspectivas individuais (FERRAROTTI, 2010). Assim, cada membro constrói psicologicamente seu "eu" com base na interpretação que faz do grupo ao qual pertence. Nesse sentido, é importante investigar a percepção que os profissionais fazem da Educação em Solos e da construção da própria identidade de Educadores em Solos.

O presente trabalho teve como objetivo identificar os processos de formação que promovem a construção da identidade dos Educadores em Solos. A compreensão dos processos de formação dos profissionais que atuam na Educação em Solos

poderá servir de subsídios para a constituição de um processo formal de formação e fortalecimento da área de conhecimento.

O primeiro capítulo teve como objetivo identificar uma metodologia que nos auxiliasse a compreender os processos de autodenominação e formação desses educadores, considerando a inseparabilidade entre identidade pessoal e profissional, especialmente em profissões fundamentadas em valores e relações humanas. Para isso, iniciamos com uma narrativa histórica sobre o surgimento da Pesquisa (Auto)biográfica no Brasil. O percurso traçado começou nas Histórias de Vida em Formação e avançou para a Pesquisa Biográfica em Educação, uma vez que ambas influenciaram significativamente a Pesquisa (Auto)biográfica. Ao longo da narrativa, destacamos as principais características e os teóricos de referência das abordagens narrativas. Por fim, exploramos os principais aportes teóricos relacionados aos conceitos de formação experiencial, (trans)formação da identidade e a arte de narrar a própria vida.

E no segundo capítulo, operamos com a Pesquisa (Auto)biográfica e a teoria tripolar da formação com o objetivo de identificar as dimensões de hetero (interações com os outros), eco (interações com o meio e com as coisas) e autoformação (interações consigo mesmo) dos sujeitos que se autodenominam Educadores em Solos.

2 CAPÍTULO I: POTENCIAL DA PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA E FORMAÇÃO EXPERIENCIAL NA INVESTIGAÇÃO SOBRE A FORMAÇÃO DE EDUCADORES EM SOLOS

2.1 RESUMO

A Educação em Solos é um campo emergente que busca se consolidar como área de conhecimento, reunindo profissionais de diversas áreas que se autodenominam Educadores em Solos, dado a inexistência de um processo formal e institucionalizado de formação. Este estudo tem como objetivo identificar uma metodologia que nos auxilie a compreender os processos de autodenominação e formação desses educadores, considerando a inseparabilidade entre identidade pessoal e profissional, especialmente em profissões fundamentadas em valores e relações humanas. Para isso, iniciamos com uma narrativa histórica sobre o surgimento da Pesquisa (Auto)biográfica no Brasil. O percurso traçado começou nas Histórias de Vida em Formação e avançou para a Pesquisa Biográfica em Educação, uma vez que ambas influenciaram significativamente a Pesquisa (Auto)biográfica. Ao longo da narrativa, destacamos as principais características e os teóricos de referência das abordagens narrativas. Na sequência, exploramos os principais aportes teóricos relacionados aos conceitos de formação experiencial, (trans)formação da identidade e a arte de narrar a própria vida, que são fundamentais para compreensão das abordagens narrativas. A Pesquisa (Auto)biográfica explora, por meio de narrativas autobiográficas, como os indivíduos e, conseqüentemente, os grupos sociais assimilam os acontecimentos e as experiências de aprendizagem vivenciadas ao longo de suas trajetórias de vida. Concluímos que a Pesquisa (Auto)biográfica se configura como uma metodologia apropriada para analisar e identificar os elementos fundamentais que levam profissionais de diferentes áreas a se autodenominar Educadores em Solos, além de elucidar o processo de formação do(a) Educador(a) em Solos no Brasil.

Palavras-chave: Autoformação. Ecoformação. Heteroformação. Identidade. Narrativa autobiográfica.

2.2 ABSTRACT

Soil Education is an emerging field that seeks to consolidate itself as an area of knowledge, bringing together professionals from different areas who call themselves Soil Educators, given the lack of a formal and institutionalized training process. This study aims to identify a methodology that helps us understand the processes of self-designation and training of these educators, considering the inseparability between personal and professional identity, especially in professions based on values and human relations. To this end, we begin with a historical narrative about the emergence of (Auto)biographical Research in Brazil. The path traced began with Life Stories in Formation and advanced to Biographical Research in Education, since both significantly influenced (Auto)biographical Research. Throughout the narrative, we highlight the main characteristics and theorists of reference of narrative approaches. Next, we explore the main theoretical contributions related to the concepts of experiential training, (trans)formation of identity and the art of narrating one's own life, which are fundamental to understanding narrative approaches. (Auto)biographical

research explores, through autobiographical narratives, how individuals and, consequently, social groups assimilate events and learning experiences experienced throughout their life trajectories. We conclude that (Auto)biographical research is an appropriate methodology for analyzing and identifying the fundamental elements that lead professionals from different areas to call themselves Soil Educators, in addition to elucidating the process of training Soil Educators in Brazil.

Keywords: Self-training. Ecotraining. Heteroformation. Identity. Autobiographical narrative.

2.3 INTRODUÇÃO

A Educação em Solos, enquanto campo emergente, busca se consolidar como uma área de conhecimento, unindo profissionais de diversas áreas que atuam em contextos diversos e que buscam a transformação tanto da realidade quanto dos sujeitos na relação com o solo por meio de processos de formação e humanização dos sujeitos envolvidos. Diante da ausência de um processo formal e institucionalizado de formação de Educadores/as em Solos, a necessidade de refletir sobre a autodenominação desses profissionais e seus processos de formação se apresentam como questões centrais.

Nas profissões profundamente marcadas por valores, ideais e relações humanas, como a dos educadores, não é possível separar a identidade profissional da identidade pessoal (NÓVOA, 2013). Isso significa que o profissional leva consigo suas crenças, emoções e valores, que vão influenciar fortemente sua prática e sua relação com os outros. Pensando nisso torna-se imprescindível uma metodologia de pesquisa que compreenda a complexidade da formação dos Educadores em Solos, e que para isso leve em conta a identidade dos educadores e sua história de vida.

Este estudo teve como objetivo identificar uma metodologia que nos auxiliasse a compreender os processos de autodenominação e formação desses educadores, considerando a inseparabilidade entre identidade pessoal e profissional. Para isso, iniciamos com uma narrativa histórica sobre o surgimento da Pesquisa (Auto)biográfica no Brasil. O percurso traçado começou nas Histórias de Vida em Formação e avançou para a Pesquisa Biográfica em Educação, uma vez que ambas influenciaram significativamente a Pesquisa (Auto)biográfica. Ao longo da narrativa, destacamos as principais características e os teóricos de referência das abordagens narrativas. Na sequência, exploramos os principais aportes teóricos relacionados aos conceitos de formação experiencial, (trans)formação da identidade e a arte de narrar

a própria vida, que são fundamentais para compreensão das abordagens narrativas. Por fim, buscamos evidenciar o potencial da Pesquisa (Auto)biográficas e das narrativas autobiográficas como instrumentos para investigar e compreender os processos de formação dos Educadores em Solos.

A compreensão desses processos poderá servir de subsídios para a constituição de um processo formal de formação (ABRAHÃO, 2005) de Educador/a em Solos e contribuir para o fortalecimento da área de conhecimento.

2.4 ABORDAGENS NARRATIVAS UTILIZADAS COMO PRÁTICA DE PESQUISA E FORMAÇÃO NA EDUCAÇÃO.

A Pesquisa (Auto)biográfica brasileira foi significativamente influenciada por movimentos de pesquisa que aconteciam em países estrangeiros, conforme destaca Abrahão (2024). O movimento das Histórias de Vida em Formação teve origem na Europa, em 1980, num momento pós crise socioeconômica, a partir da necessidade de novas práxis socio-formadoras que tratassem de problemas vitais na formação de adultos (PINEAU, 2006), assim como questões do mundo do trabalho, transformação da prática profissional, desemprego, reinserção no mercado de trabalho e aposentadoria (PASSEGGI, 2021).

Para suprir essa necessidade os grupos de formação de adultos passaram a usar a prática da escrita narrativa, baseando-se em que o sujeito ao produzir sua história de vida, através da (auto)reflexão e da busca por dar sentido ao vivido, autoforma-se. Assim, as Histórias de Vida em Formação visavam a emancipação humana através da apropriação pelo sujeito do seu processo de formação e tornando-se autor de sua própria história (PASSEGGI, 2008).

A partir de 1980, com a crise dos paradigmas vigentes, abriu-se caminho para o que convencionou-se chamar de “giro linguístico” ou “giro discursivo”, que foi marcado pela volta do sujeito e de sua capacidade humana de reflexividade autobiográfica nos campos de pesquisa-formação (PASSEGGI E SOUZA, 2017). Com isso, a linguagem deixou de ser apenas instrumento de expressão e explicação do pensamento, passando a ser entendida como fator estruturante de compreensão e visões de mundo (PASSEGGI; SOUZA, 2017).

Por meio de um resgate histórico do uso socioeducativo da abordagem das Histórias de Vida em Formação, de 1980 a 2005, com base em publicações,

fundações de associações e de redes, Pineau (2006) dividiu esse período em três momentos: eclosão, fundação e desenvolvimento diferenciado. A década dos anos 80, mais precisamente em 1983, com a publicação da obra “Produire sa vie: autoformation et autobiographie” marcou o momento eclosão (Pineau, 1983). Nesse período, o autor usou a abordagem autobiográfica explorando a autoformação de Marie Michéle, dona de casa que possuía uma vida comum. À época, esse livro foi inovador, porque, anteriormente a ele, o gênero autobiográfico/biográfico era usado apenas por pessoas da elite. Ainda esse mesmo ano foi marcado pela origem de uma rede de pesquisadores e estudiosos do tema e se chamou “História de vida e autoformação”. Os pioneiros foram: Pierre Dominice e Marie Chistine Josso, da Universidade de Genebra; Guy de Villers, Universidade Nova de Louvain; Bernadette Courtois e Guy Bonvalot Associação de Formação Profissional de adultos da França; Gaston Pineau, Universidade de Montreal; António Nóvoa e Mathias Finger, Universidade de Lisboa. O ano de 1990 marcou o início do momento fundação, pois criaram-se associações internacionais, nacionais, regionais, que tinham por objetivos estimular e fortalecer o desenvolvimento da corrente, e definir orientações das práticas com histórias de vida. E, por fim, o ano 2000 foi considerado o início do momento desenvolvimento, pois o uso das histórias de vida em formação, pesquisa e intervenção se expandiu, e além do grupo dos pioneiros, outros dois grupos se formaram: o grupo dos contribuidores, caracterizado por pessoas de fora da associação; e o grupo dos inovadores/reformadores, que se inspiraram nos pioneiros, mas basearam-se em suas próprias teorias. Nesse contexto, se iniciam os laços com a América do Sul.

Outro movimento que influenciou fortemente a Pesquisa (Auto)biográfica foi a Pesquisa Biográfica em educação, proposta por Christine Delory-Momberger, na França, a partir de 2000 (PASSEGGI, 2020). Até então, a pesquisa-formação era usada na formação permanente de adultos, e com Christine Delory-Momberger passa a abranger todos os tempos da vida e os aspectos e os espaços de aprendizagem. A autora nasceu e vive atualmente na cultura francófona, mas se formou e trabalhou, por muito tempo, na alemã (PASSEGGI, 2008). Com isso, a sua linha de pesquisa biográfica em educação explora duas tradições: o movimento socioeducativo das Histórias de Vida em Formação e a Pesquisa Biográfica, consolidada nos países anglo-saxões e na Alemanha, originada das Bildungsroman (romance de formação), no século XVIII (PASSEGGI, 2008).

A Pesquisa biográfica em educação é baseada nas experiências vividas e relatadas com foco nas relações que os sujeitos constroem nas instituições escolares (PASSEGGI, 2020). Para Delory-Momberger (2008, p.31):

trata-se de analisar que experiências os alunos têm do universo escolar e que representações constroem das tarefas e dos objetos próprios da escola, e de mostrar como essa experiência e essas representações, que condicionam sua relação com o aprender e o saber, participam de sua figuração biográfica e dos projetos que eles têm de si mesmos.

Portanto, ao propor a produção de narrativas aos alunos e seu universo escolar estende-se o poder de se conhecer e estar consciente da própria formação e de educar-se do mundo adulto para o mundo das crianças. Para Delory-Momberger (2008, p.141) “seja criança, adolescente ou adulto, (...) Biografia e educação remetem-se, uma à outra, como as duas faces de uma mesma iniciativa: a que faz do ator biográfico um permanente aprendiz e educador de si mesmo”.

No Brasil, em 1988, iniciou-se o uso da metodologia Histórias de Vida no grupo de pesquisa Profissionalização Docente e Identidade – narrativas em primeira pessoa – GRUPRODOCI/CNPq/PUCRS liderado por Maria Helena Menna Barreto Abrahão (ABRAHÃO, 2024). Atualmente, esse grupo é denominado Profissionalidade Docente e identidade – narrativas singulares/plurais (GRUPRODOCI/CNPq/UFPel). À época, foi desenvolvida a pesquisa intitulada “Relações de trabalho no modo não formal de produção e comercialização de bens: o princípio educativo subjacente” por esse grupo, em que trabalharam com a narrativa de vida de 29 expositores, filmagens, e materiais documentais de uma feira cultural em Porto Alegre (ABRAHÃO, 2024). Desde 1998 o GRUPRODOCI estuda a formação continuada de professores operando com duas metodologias do Paradigma (Auto)biográfico: Histórias de vida (1988) e Pesquisa-formação (2002).

De modo geral, no Brasil, inicialmente as narrativas foram empregadas como método qualitativo de investigação, principalmente na pesquisa sobre a profissão docente, e, em menor proporção, como instrumento de formação (BUENO et al., 2006). O uso dessas abordagens cresceu significativamente a partir de 1990, e foi marcado pela intensificação dos debates sobre formação do professor e profissionalização, devido à aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9394/96) (BUENO et al., 2006). Além de dar visibilidade à voz dos professores, colocando-os no centro do debate, a pesquisa por meio de narrativas

aflorou o interesse por novos temas como estudos sobre a profissão, profissionalização e identidades docentes (BUENO et al., 2006).

A partir de 2000, o emprego das narrativas como instrumento de formação (pesquisa-formação) se fortaleceu, como evidencia os trabalhos Passeggi (2000), Passeggi e Câmara (2013). As produções das narrativas de formação colaboraram para a (re)construção identitária dos professores, produzindo um saber sobre e para o professor e ampliando sua capacidade de autonomia (PASSEGGI; SOUZA, 2017). Enquanto, na pesquisa tradicional, o participante era apenas objeto de investigação de um pesquisador e consumidor dos conhecimentos produzidos (Passeggi e Souza, 2017). Na pesquisa-formação, o participante é sujeito e objeto da própria investigação fazendo com que a produção do conhecimento seja democratizada.

O livro “O método (auto)biográfico e a formação” organizado por Antônio Nóvoa e Mathias Finger, em 1988, foi uma das grandes referências sobre abordagem narrativa para os pesquisadores brasileiros, segundo Passeggi (2020). Esse livro, originalmente, foi desenvolvido para um programa de formação que tinha como objetivo formar gestores do Ministério da Saúde de Portugal, a partir das histórias de vida desses profissionais. Além desse livro, duas coletâneas organizadas por Antônio Nóvoa, em 1992, o Profissão Professor e o Vidas de Professores também foram amplamente utilizados pelos pesquisadores brasileiros como embasamento teórico para suas investigações (Bueno et al., 2006). Como é possível identificar nas produções de Souza (2008, 2011), no livro organizado por Catani e Vicentini (2006), e no organizado por Passeggi, Vicentini e Souza (2013).

Em 2004, nasceu no Brasil a denominação de Pesquisa (Auto)biográfica na ocasião do primeiro Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica, realizado em Porto Alegre, idealizado e organizado por Maria Helena Menna Barreto Abrahão. O evento contou com a presença de pesquisadores da Europa, Canadá, Ásia, Estados Unidos da América e Brasil. Desde então, ocorre a expansão e a diversificação do movimento (auto)biográfico pelo país (PASSEGGI, 2020). Maria Helena Menna Barreto Abrahão se dedicou a pesquisar as histórias de vida de profissionais que se destacaram na educação no Estado do Rio Grande do Sul, compreendendo que nas suas histórias poderiam ser encontrados elementos de suas formações que subsidiasse um processo formal de formação de educadores (ABRAHÃO, 2005).

Seguindo o exemplo da divisão histórica realizada por Gaston Pineau (2006) para o Movimento das Histórias de Vida em Formação, Abrahão (2024) propôs uma

categorização semelhante para a Pesquisa (Auto)biográfica, identificando três momentos principais: “do final dos anos 1980 a inícios dos anos 2000 a 2006, aventura (auto)biográfica (eclosão); a partir de 2008, desafios (auto)biográficos (fundacional); nos anos 2020 a 2022 tempo incertos; e, na atualidade insubordinações (auto)biográficas (desenvolvimento diferenciado)”.

A Pesquisa (Auto)biográfica se inspirou nas abordagens narrativas História de Vida em Formação e Pesquisa Biográfica em Educação e evolui com a contribuição de pesquisas de diversas áreas do conhecimento como formação de professores, sociologia, saúde, artes e história oral (PASSEGGI, 2020). De acordo com Passeggi (2020), as Histórias de vida em formação, a Pesquisa biográfica em educação e a Pesquisa (Auto)biográfica possuem dois pontos em comum. O primeiro, relativo ao pressuposto que a produção das narrativas autobiográficas pode propiciar ao narrador/ator/autor um processo de reinvenção de si (JOSSO, 2006), promovendo autonomia e empoderamento (formação). E o segundo, reconhecem o seu valor heurístico como método de pesquisa científica para compreensão dos processos de formação ao longo da vida.

Na mesma linha Abrahão (2006) havia classificado e desenvolvido o conceito da Pesquisa (Auto)biográfica em tríplice dimensão: como fenômeno vivencial (o ato de narrar reflexivamente o vivido); como metodologia de pesquisa (a narrativa como fonte) e como processo heurístico de aprendizagem e de autoconhecimento bem como de (re)significação do vivido.

2.5 A FORMAÇÃO NAS ABORDAGENS NARRATIVAS

O termo “formação” é muito utilizado no dia-dia para designar diversas realidades. Geralmente, o uso da palavra formação está atrelado à relação com instrumentação e escolarização, ou ao extremo oposto quando se diz “fulano se formou no mundo” fazendo-se referência a uma espécie de sabedoria adquirida na vida. A ascensão das abordagens narrativas vai influenciar a forma como se pensa e promove formação, introduzindo com isso uma ruptura epistemológica no conceito de formação (COUCEIRO, 2002).

Josso (2010a), uma das pioneiras do movimento das Histórias de vida em formação, evidenciou a diversidade dos usos do termo “formação” dentro das ciências humanas, atribuindo as diferentes abordagens à fragmentação das ciências e, por

consequência, à fragmentação dos conhecimentos. Para a autora, a formação em psicologia social e sociologia está relacionada à socialização; em antropologia, à enculturação; em psicologia, à constituição do eu e desenvolvimento de suas potencialidades; em ciências da educação, à aprendizagem de conhecimentos e competências que visam a transformação e a produção de sentido ao vivido (JOSSO, 2010a).

Se opondo a essa fragmentação, Josso (2007, p. 424) compreende formação como um processo complexo que precisa ser visto por múltiplas perspectivas:

- como um processo evolutivo de integração/desintegração de saber-pensar, de conhecimentos, de representações, de valores, de comportamento, de saber-fazer,
- como um processo de dar sentido às aprendizagens formais e informais, às experiências e aos projetos de si,
- como um processo de tomadas de consciência de si e de suas potencialidades,
- como um processo de concretização de uma intencionalidade em projetos,
- e finalmente como uma transformação permanente - as vezes imperceptível
- do si psicossomático.

O conjunto dessas perspectivas do processo de formação trazem cinco características importantes de sua abordagem. Primeiro, considera a possibilidade de aprendizagem do novo ou de resignificação e até mesmo da ruptura com conhecimentos/crenças/comportamentos limitantes. Em segundo, traz a necessidade de refletir sobre as vivências e dar sentido ao vivido. O terceiro, fala sobre o tipo de saber gerado através da heurística e hermenêutica presentes nas escritas das narrativas, ou seja, um autoconhecimento que vai evidenciar as potencialidades do sujeito. No quarto, faz referência ao movimento de três tempos presentes no ato de recordar e narrar a própria história: o sujeito narra o passado, com as ideias que tem no presente, e projetando o vir-a-ser no futuro. E, por fim, a (trans)formação do sujeito que é a intencionalidade de todo processo educativo.

Ao referir-se ao processo de formação mediado por uma narrativa escrita pelo sujeito composta pela reflexão das vivências Josso denominou de formação experiencial:

designa a atividade consciente de um sujeito que efetua uma aprendizagem imprevista ou voluntária em termos de competências existenciais (somáticas, afetivas, conscienciais), instrumentais ou pragmáticas, explicativas ou compreensivas na ocasião de um acontecimento, de uma situação, de uma atividade que coloca o aprendiz em interações consigo mesmo, com os outros, com o meio natural ou com as coisas num ou em vários registros (JOSSO, 2010b, p. 56).

Nesse sentido, a formação experiencial se dá a partir da interação consigo mesmo, com os outros sujeitos, com o meio e, principalmente, do conhecimento gerado a partir das reflexões e questionamentos por tais interações, por exemplo: Quem sou eu? Como eu aprendo? Como interajo com as coisas, a natureza e os humanos? Como interpreto minhas vivências? O que aprendi? Como dou sentido às minhas aprendizagens? Para Josso (2009), a aprendizagem pela vivência necessita de uma atitude de reflexão frente ao que foi vivenciado e com isso nomear o que foi aprendido.

Outro ponto importante de destacar é que a autora relaciona formação com aprendizagem (JOSSO, 2010b). Ao longo da vida, vivenciamos experiências que podem ser de três gêneros de aprendizagem e de conhecimentos: existenciais, instrumentais e pragmáticos, compreensivos e explicativos (JOSSO, 2010). Essas experiências nos afetam a ponto de influenciar o processo de mudança da nossa identidade (COURTOIS, 1995), pois as vivências refletidas vão provocando modificações na forma de ser e estar no mundo, e, conseqüentemente, a forma como o sujeito se vê assim como os outros o enxergam vai sendo ressignificada.

Para compreender melhor a complexidade dos processos da formação experiencial, Pineau (1989), um dos pioneiros do movimento das Histórias de Vida em Formação, revisitou teorias educacionais clássicas, especialmente as de Jean-Jacques Rousseau, que considerou um precursor da formação experiencial. A formação humana dos sujeitos se dá em três dimensões (ROUSSEAU, 2004)¹. Conforme este autor, o processo de formação ocorre ao longo da vida através daquilo que considera os três mestres: os homens (na relação com o outro nos educamos), as coisas (através da experiência causada pelos objetos que nos afetam), e a natureza humana (relacionada ao desenvolvimento das habilidades cognitivas e dos órgãos). Com base nisso, Pineau (1988) propôs a teoria tripolar da formação, afirmando que a formação humana acontece na articulação entre os polos de heteroformação, ecoformação e autoformação os quais são interdependentes entre si. Essa teoria também foi enfatizada por Galvani (2002).

A heteroformação está relacionada “à educação, às influências sociais herdadas da família, do meio social e da cultura, e das ações de formação inicial e

¹ Publicado originalmente em 1979.

contínua” (GALVANI, 2002, p. 96). Portanto, o sujeito vai sofrer influência na forma de ser, de agir, de pensar das pessoas que foram importantes e com quem se relacionou e estabeleceu vínculos na sua vida. O sujeito estará em um processo de heteroformação quando se coloca numa postura passiva, submisso ao modo de vida do seu entorno. Pineau (2003) destacou que existem movimentos de coformação, que seriam intermediários à hetero e à autoformação, presentes nas situações que se estabelece uma relação horizontal entre os sujeitos envolvidos na qual ambos aprendem.

A ecoformação está relacionada à influência do meio ambiente físico sobre a cultura humana e aspectos físico-corporais que dão forma à pessoa, podendo impactar também “sobre o imaginário pessoal, que organiza o sentido dado à experiência vivida” (GALVANI, 2002, p. 96). Nesse sentido, o sujeito é influenciado e sensibilizado pelos locais que morou e os diferentes espaços que frequentou, tornando-os lugares de formação e estabelecendo uma relação com o meio físico. Ao longo dos anos de estudos sobre ecoformação, Pineau (2008) aprofundou na investigação da formação através dos quatro elementos: ar, água, terra, fogo. Pineau (2008) fala sobre a necessidade de aprender habitar a Terra e da importância das autobiografias ambientais por representarem um meio de aprendizagem no cotidiano de uma nova arte de habitar a Terra.

A autoformação está relacionada à responsabilidade de cada um em transformar em aprendizagem aquilo que viveu, através da reflexão e construindo sentidos sobre a trajetória pessoal e profissional (NÓVOA, 2010). Importante considerar de que maneira essa reflexão pode gerar a resignificação de saberes e interferir na sua prática. A reflexão sobre a própria prática pelo sujeito estabelece-se como uma competência de autoformação (PERRENOUD, 2000), o que é entendido como “prática reflexiva” por Schön (2000). Freire (2001) não usou o termo autoformação, mas ressaltou a importância da formação permanente do educador, a partir da reflexão da prática, num processo de ação-reflexão.

Freire (2009) ao problematizar a teoria tripolar da formação trouxe uma síntese dos conceitos, que estão apresentados no QUADRO 1. Nessa síntese contrastiva, Freire (2009) enfatizou a heteroformação como um processo de coformação, indicando que na socialização entre pares, ambos aprendem. Entretanto, é possível pensar a coformação entre professor e estudante nos modelos escolares e acadêmicos atuais?

QUADRO 1 – CONCEPÇÃO TRIPOLAR DOS PROCESSOS FORMATIVOS: VISÃO CONTRASTIVA ENTRE A AUTO, HETERO E ECOFORMAÇÃO.

		POLOS		
		Autoformação (personalização)	Heteroformação (socialização)	Ecoformação (ecologização)
DIMENSÕES	AÇÃO	Individual (ação do indivíduo sobre si mesmo)	Social (ação de indivíduos um sobre os outros)	Ambiental (ação do meio ambiente sobre os indivíduos)
	SUJEITO	Sujeito individual	Sujeito social	Sujeito ecológico
	OBJETO DA FORMAÇÃO	O sujeito	A coformação	A relação entre o humano e o ambiente
	RELAÇÕES	Internas (prioritariamente)	Externas (prioritariamente)	Ecológicas (prioritariamente)

Fonte: Freire, 2009, p. 19

Segundo Pineau (2010), os três polos são equivalentes apesar de que muitas vezes o nosso modelo socioeducacional faça prevalecer o polo da heteroformação como única forma de formação. Morin (2014) ressaltou a necessidade de mudança no modelo socioeducacional, afirmando ser preciso desenvolver a consciência da união e interdependência entre o auto e o eco da humanidade e da biosfera. Courtois (1995) apontou a formação experiencial como um caminho para a transformação, pois vai atuar nos três polos, hetero-eco-autoformação, entretanto conecta de forma privilegiada os polos da auto e ecoformação. Por fim, Pineau (2010) afirmou que a valorização da autoecoformação faz da formação um processo permanente, dialético e multiforme transcendendo a forma tradicional de pensar formação.

2.6 A PRODUÇÃO DA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA COMO MEDIAÇÃO DA FORMAÇÃO EXPERIENCIAL NAS ABORDAGENS NARRATIVAS

A produção da narrativa autobiográfica, seja oral ou escrita, é uma das mediações possíveis para acessar os acontecimentos da vida, pois instala o que Delory-Momberger (2008) chamou de hermenêutica prática, que é um sistema de

interpretação e significação da experiência. Nesse sentido que essa produção se apresenta com potencial formador, pois através dela o sujeito vai questionar suas identidades (JOSSO, 2010b).

Segundo Josso (2007, p. 423) a identidade, um dos conceitos fundamentais na formação experiencial,

serve para definir as múltiplas dimensões do “Quem sou eu?”, de maneira a situar a si-mesmo e aos outros pelo viés de um sistema de referências numa coletividade e em relação a suas próprias transformações; (...) esse conceito é útil para designar as múltiplas maneiras pelas quais a própria idéia de identidade toma forma na vida dos humanos, através de suas pertenças suas solidariedades, suas atividades, seus laços simbólicos ou concretos e seu ‘ser-no-mundo’

No ato de narrar, narramos não só o que somos (Quem sou eu?), mas também o que gostaríamos de ser, pois relacionamos nossas memórias do passado com nossas esperanças do futuro. A memória constitui a identidade (IZQUIERDO, 2007) e tão importante quanto lembrar são os esquecimentos considerados por Candau (2023) como uma estratégia inconsciente, muitas vezes usada, para tornar o passado suportável. Com isso a identidade é uma construção da linguagem criada entre a articulação da rememoração e imaginação (PASSEGGI, 2016). O que possibilita que a identidade seja construída e reconstruída através da narrativa, ou seja, da capacidade de narrar nossas memórias, crenças, sentimentos e pertencimentos (BRUNER, 2002).

A reflexividade que ocorre ao fazer uma narrativa implica em aprendizagem experiencial que pode se dar através da autobiografização (aprender ao refletir sobre a história que conta sobre si mesmo) e heterobiografização (aprender ao refletir sobre si com a história do outro). A última está relacionada à socialização e ocorre desde a infância na família, na igreja, na escola (PASSEGGI, 2021). Assim, o indivíduo se compreende na relação consigo, na socialização com o outro e com o meio (MORIN, 2014).

Segundo Dubar (2005) a identidade humana não nasce pronta junto com o indivíduo, ela é construída na infância e precisa ser reconstruída ao longo da vida. Esse processo de reconstrução identitário está atrelado à socialização e heterobiografização, pois, através delas, aprendemos a linguagem, as crenças, os valores que vão nos dar a base para interpretar e dar sentido ao que pensamos que somos. Essa base hermenêutica pode ser ressignificada através da reflexividade

narrativa na autobiografização o que evidencia o poder auto(trans)formador da narração (PASSEGGI, 2021).

A narrativa autobiográfica de adultos vai ser fortemente influenciada pelas atividades profissionais. A construção da identidade profissional ocorre a partir da significação social da profissão, da ação e reflexão da práxis social, construção e reconstrução de teorias, da forma de ser a partir de seus valores, de sua história de vida, do sentido que atribui à sua formação, de seus saberes, de seus desafios, e ainda através das relações que estabelece nos diversos espaços que frequenta (PIMENTA, 1997).

O ato de narrar e refletir sobre a própria história e a trajetória profissional vai explorar a trama existente entre linguagem, pensamentos e práxis social (PASSEGGI, 2010). Então, através das narrativas autobiográficas dos adultos poderemos compreender a complexidade dos seus processos de formação, pois revela a forma como cada pessoa utiliza seus conhecimentos, valores e energias para moldar sua identidade em diálogo com seus contextos (MOITA, 2013).

Além da relação entre a produção da narrativa autobiográfica e a (trans)formação da identidade, o ato de narrar-se é importante para organizar e dar sentido a própria história, desenvolver uma temporalidade biográfica. Pois a vida não se constitui como uma sequência organizada de fatos e sentidos (PINEAU E LE GRAND, 2012). E é justamente por isso que é preciso transformar esse intervalo, disperso, cheio de histórias, continuidade e descontinuidades, em história de vida, ou em várias pensando na possibilidade de construção e reconstrução das histórias (PINEAU; LE GRAND, 2012).

Portanto, fazer da própria vida uma história tem o potencial de ação (práxis), compreensão e emancipação, pensando na capacidade de autorreflexão e na tomada de consciência crítica e reflexiva. E ainda, a possibilidade de adquirir sua historicidade, ou seja, a construção pessoal de sentido de vida a partir da própria história, e não da história de outrem imposto socialmente (PINEAU; LE GRAND, 2012).

2.7 A PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA USADA NA INVESTIGAÇÃO DOS PROCESSOS DE FORMAÇÃO EXPERIENCIAL DO EDUCADOR EM SOLOS

A Pesquisa (Auto)biográfica explora as formas pelas quais os indivíduos, e consequentemente os grupos sociais, integram biograficamente os acontecimentos e

as experiências de aprendizagem vivenciadas ao longo da vida. As fontes (auto)biográficas como biografias, autobiografias, histórias de vida, memoriais, entrevistas, cartas, escritas escolares constituem-se como objeto de investigação (DELORY-MOMBERGER, 2008).

Essa abordagem configura-se como uma metodologia viável para investigar e analisar os componentes elementares que levam profissionais de diversas áreas a se autodenominarem Educadores em Solos e assim identificar o processo de formação do(a) Educador(a) em solos no Brasil. Por meio das narrativas autobiográficas de cada profissional, será possível explorar a singularidade de cada indivíduo, marcada por suas formas únicas de narrar, provenientes de diversas regiões do país, com distintas culturas, atuando em variados contextos e refletindo sobre a Educação em Solos sob múltiplas perspectivas. Além disso, essa metodologia permitirá identificar os aspectos comuns entre os Educadores em Solos, como intencionalidades, desafios e propósitos compartilhados. Assim, a Educação em Solos será compreendida a partir do olhar de cada educador, que, ao narrar suas vivências e pertencimentos, também refletem sobre suas aprendizagens, práticas pedagógicas, processos formativos, ressignificações e, em essência, sua identidade como educador/a em solos.

2.8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como educadora-pesquisadora, tenho empregado a reflexividade narrativa para explorar minha história de vida, processos formativos e a intencionalidade de minha prática educativa, utilizando as narrativas como instrumento de autoconhecimento e formação. Contudo, esta pesquisa proporcionou uma base teórica mais sólida para operar com a Pesquisa (Auto)biográfica, a partir das narrativas dos Educadores em Solos do Brasil. Essa abordagem certamente ampliará minhas reflexões, ao permitir a conexão com as diversas narrativas de educadores de diferentes regiões do país, potencializando o meu processo de autotransformação por meio da reflexividade narrativa.

2.9 REFERÊNCIAS

Abrahão, M. H. M. B. (2005). Pesquisa Autobiográfica: contribuição para a História da Educação e de educadores no Rio Grande do Sul. *Revista Educação*, 30(2), 139-156.

Abrahão, M. H. M. B. (2006). As narrativas de si ressignificadas pelo emprego do método autobiográfico. Em E. C. Souza, & M. H. M. B. Abrahão (Orgs.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si* (pp. 149-170). EDIPUCRS.

Abrahão, M. H. M. B. (2024). Pesquisa (Auto)biográfica no Brasil: da aventura a insubordinação. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica*, 09(24), 01-12.

Bruner, J. (2002). *Fabricando histórias: direito, literatura, vida*. Letra e Voz.

Buena, B. O. et al. (2006). Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). *Revista Educação e Pesquisa*, 32(2), 385-410.

Câmara, S. C. X. da. & Passeggi, M. da C. (2013) Memorial autobiográfico: uma tradição acadêmica no Brasil. Em M. C. Passeggi, & P.P. Vicentini & E. C. Souza (Orgs.). *Pesquisa (auto)biográfica: narrativas de si e formação* (pp. 29-47). CRV.

Candau, J. (2023). *Memória e identidade*. Editora Contexto.

Couceiro, M. Do L. P. (2002). O porquê e para quê do uso das histórias de vida. Em M. Malpique. *Histórias de vida*. (pp.155-160). Campos das letras.

Courtois, B. (1995). L'expérience formatrice entre auto et écoformation. Paris, *Education Permanente*, n. 122.

Delory-Momberger, C. (2006). Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. *Revista Educação e Pesquisa*, 32(2), 359-371.

Delory-Momberger, C. (2008). *Biografia e Educação: Figuras do indivíduo-projeto*. Editora da UFRN.

Delory-Momberger, C. (2016) A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica*, 01(01), 133-147.

Dubar, C. (2005). *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. Editora Livraria Martins Fontes.

Freire, P. (2001). *A educação na cidade*. 5ª ed. Cortez.

Freire, M. M. (2009). Formação tecnológica de professores: problematizando, refletindo, buscando. Em U. Soto, & M. F. Mairink, & I. Gregolin (Orgs.). *Linguagem, educação e virtualidade: experiências e reflexões* (pp. 13-28). Editora: Unesp.

Galvani, P. (2002). A autoformação, uma perspectiva transpessoal, transdisciplinar e transcultural. Em A. Sommerman, & M. F. de Mello, & V. M. Barros (Eds.). *Educação e transdisciplinaridade II* (pp 95-121). Triom/UNESCO.

Izquierdo, I. (2007). *A arte de esquecer: cérebro, memória e esquecimento*. 3ª ed. Vieira & Lent.

Josso, M. C. (2006). Os relatos de histórias de vida como desvelamento dos desafios existenciais da formação e do conhecimento: destinos socio-culturais e projetos de vida programados na invenção de si. Em E. C. Souza, & M. H. M. B. Abrahão (Orgs.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si* (pp. 21- 40). EDIPUCRS.

Josso, M. C. (2007). A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. *Revista Educação*, 3, 413-438.

Josso, M. C. (2009). O caminhar para si: uma perspectiva de formação de adultos e de professores. Entrevistador: Margaréte May Berkenbrock-Rosito. *Revista @mbienteeducação*, 02(02), 136-139.

Josso, M. C. (2010a). *Caminhar pra si*. EDIPUCRS.

Josso, M. C. (2010b). *Experiências de vida e formação*. PAULUS/EDUFRN.

Moita, M. C. (2013). Percursos de formação e de transformação. Em A. Nóvoa (Org.). *Vidas de Professores*. 2ed. (pp. 111-140). Porto Editora.

Morin, E. (2008). *O método 3: conhecimento do conhecimento*. 4ª ed. Sulina.

Morin, E. (2014). A noção de sujeito. Em D. F. Schnitman (Org.). *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Trad. de Jussara Haubert Rodrigues.

Nóvoa, A. (2010). Prefácio. Em M. C. Josso. *Experiências de vida e formação*. PAULUS/EDUFRN.

Nóvoa, A. (2013). *Vidas de Professores*. 2ª ed. Porto Editora.

Passeggi, M. da C. (2000). Memorial de formação: processos de autoria e de (re)construção identitária. III Conferência de Pesquisa Sócio-cultural, Campinas.

Passeggi, M. da C. (2008) Prefácio. Em C. Delory-Momberger. *Biografia e Educação: Figuras do indivíduo-projeto*. Editora da UFRN.

Passeggi, M. da C. (2010). Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. Em M. da C. Passeggi, & B. V. da Silva (Orgs.). *Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação* (pp.103-130). Cultura Acadêmica.

Passeggi, M. da C. (2020). Enfoques narrativos en la investigación educativa brasileña. *Revista Paradigma*, 51, 57-79.

Passeggi, M. da C. (2021). Reflexividade narrativa e poder auto(trans)formador. *Revista Práxis Educacional*, 17(44), 1-12.

- Passeggi, M. da C.; Souza, E. C. de. (2017). O movimento (auto)biográfico no Brasil: esboço de suas configurações no campo educacional. *Revista Investigacion Cualitativa*, 06-26.
- Perrenoud, P. (2000). *10 novas competências para ensinar*. Artmed.
- Pineau, G. (1989). La formation expérientielle em auto-, éco- et co-formation. Paris, *Education Permanente*, n. 100/101.
- Pineau, G (2003). *Temporalidades na formação* (1ªed). Triom.
- Pineau, G. (2006). As histórias de vida a e formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. *Revista Educação e Pesquisa*, 32(02), 329-343.
- Pineau, G. (2010). Aprender a habitar a TERRA: ecoformação e autobiografias ambientais. Em M. da C. Passeggi, & E. C. Souza (Orgs.). *(Auto)biografia: formação, territórios e saberes* (pp. 47-66). Editora da UFRN.
- Pineau, G.; Le Grand, J. (2012). *As histórias de vida*. Editora da UFRN,
- Rousseau, J. J. (2004). *Emílio ou da Educação* .3ªed. Martins Fontes.
- Schon, D. (2000). Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Artes médicas.
- Souza, E. C. (2008). (Auto)biografia, identidades e alteridade: modos de narração, escritas de si e práticas de formação na pós-graduação. *Revista Fórum Identidades*, 04, 37-50.
- Souza, E. C. (2011). Territórios das escritas do eu: pensar a profissão – narrar a vida. *Educação*, 34(02), 213-220.

3 CAPÍTULO II: A FORMAÇÃO EXPERIENCIAL DOS EDUCADORES EM SOLOS NO BRASIL.

3.1 RESUMO

A Educação em Solos envolve um processo de formação e humanização dos sujeitos, no qual o conhecimento em solos é construído a partir de suas vivências e experiências cotidianas, e, com isso promovendo a transformação dos sujeitos e da realidade. Por ser uma área de conhecimento em constituição, é relevante compreendermos os profissionais envolvidos. Não existe um processo de formação acadêmica para Educador em Solos, mas dentro desse diverso grupo de profissionais alguns se autodenominam Educador em Solos. Compreende-se que os sujeitos se formam ao longo da vida através da articulação da hetero (interações com os outros), eco (interações com o meio e com as coisas) e autoformação (interações consigo mesmo), o que constitui a teoria tripolar de formação experiencial. A formação compreendida como experiencial atribui valor central à aprendizagem a partir das reflexões das vivências, da vida. Baseando-se na teoria tripolar da formação, o objetivo desta pesquisa foi identificar as dimensões de heteroformação, ecoformação e autoformação dos sujeitos que se autodenominam "Educadores em Solos". Adotou-se a abordagem da Pesquisa (Auto)biográfica, que a partir de narrativas autobiográficas, explorou como indivíduos integraram biograficamente experiências de aprendizagem ao longo da vida. Os participantes foram selecionados com base em três critérios: a) autores do livro Educação em Solos; b) profissionais do livro Iniciativas de Educação em Solos no Brasil; e c) integrantes do grupo de WhatsApp "Educação em Solos" que atuam como professores ou pesquisadores. Deste universo de profissionais, 52 aceitaram participar. Com eles foi realizada uma conversa explicativa, por meio de videoconferência ou presencial, detalhando os objetivos e a metodologia da pesquisa e, nesse momento, foi solicitado a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e, posteriormente, foi enviado as perguntas para produzirem suas narrativas. As perguntas tiveram como o objetivo obter quatro conjuntos de informações: aqueles que se autodenominaram Educadores em Solos, o perfil biográfico, a narrativa de vida e formação, e a reflexão sobre a prática educacional. Do total, 32 profissionais entregaram as narrativas, que foram analisadas pelo método de Análise de Conteúdo identificando-se unidades de registro relacionadas às dimensões tripolar de formação e suas subcategorias. Dos 32 participantes da pesquisa, 26 se autodenominaram Educadores em Solos. A partir da análise das narrativas e cálculo das frequências das categorias de análise, identificamos que 40,8 % das menções dos profissionais foram relacionadas com a heteroformação, 30,6 % com a ecoformação e 28,6 % com a autoformação. A (re)construção da identidade de Educadores em Solos aconteceu de forma permanente e ao longo das suas vidas por meio de processos de hetero, eco, autoformação. Esses processos tramaram suas trajetórias profissionais e pessoais. O ser Educador/a em Solos foi influenciado pelas vivências acadêmicas (100 %), familiares (92,3 %), atividades profissionais acadêmicas (92,3 %), escolares (84,6 %), comunidade (46,2 %) assim como pela reflexão e reelaboração da prática (92,3 %). Por fim, essas compreensões reforçaram a necessidade de promover pesquisas e processos formais que abordem a complexidade da formação dos sujeitos.

Palavras-chave: Pesquisa (Auto)biográfica. Educação em Solos. Heteroformação. Ecoformação. Autoformação.

3.2 ABSTRACT

Soil Education involves a process of training and humanization of subjects, in which soil knowledge is constructed from their daily experiences and experiences, thereby promoting the transformation of subjects and reality. Since it is an area of knowledge that is still being developed, it is important to understand the professionals involved. There is no academic training process for Soil Educators, but within this diverse group of professionals, some call themselves Soil Educators. It is understood that subjects are formed throughout life through the articulation of hetero (interactions with others), eco (interactions with the environment and with things) and self-formation (interactions with oneself), which constitutes the tripolar theory of experiential training. Training understood as experiential attributes central value to learning based on reflections on experiences and life. Based on the tripolar theory of training, the objective of this research was to identify the dimensions of hetero-, eco- and self-formation of subjects who call themselves "Soil Educators". The (Auto)biographical Research approach was adopted, which, based on autobiographical narratives, explored how individuals biographically integrated learning experiences throughout their lives. Participants were selected based on three criteria: a) authors of the book *Educação em Solos* (Soil Education); b) professionals from the book *Iniciativas de Educação em Solos no Brasil* (Soil Education Initiatives in Brazil); and c) members of the WhatsApp group "Educação em Solos" (Soil Education) who work as teachers or researchers. Of these professionals, 52 agreed to participate. An explanatory conversation was held with them, via videoconference or in person, detailing the objectives and methodology of the research. At that time, they were asked to sign the Free and Informed Consent Form and, subsequently, questions were sent to produce their narratives. The questions aimed to obtain four sets of information: those who called themselves Soil Educators, their biographical profile, their life and training narrative, and their reflection on educational practice. Of the total, 32 professionals submitted narratives, which were analyzed using the Content Analysis method, identifying recording units related to the tripolar dimensions of training and their subcategories. Of the 32 participants in the study, 26 called themselves Soil Educators. Based on the analysis of the narratives and calculation of the frequencies of the analysis categories, we identified that 40,8 % of the professionals' mentions were related to hetero-training, 30,6 % to eco-training, and 28,6 % to self-training. The (re)construction of the identity of Soil Educators occurred permanently and throughout their lives through processes of hetero, eco, and self-training. These processes shaped their professional and personal trajectories. Being a Soil Educator was influenced by academic experiences (100 %), family experiences (92,3 %), academic professional activities (92,3 %), school experiences (84,6 %), community experiences (46,2 %), as well as by reflection and reworking of practice (92,3 %). Finally, these understandings reinforced the need to promote research and formal processes that address the complexity of the training of subjects.

Keywords: (Auto)biographical research. Soil Education. Heteroformation. Ecoformation. Self-formation.

3.3 INTRODUÇÃO

Os solos são essenciais para a manutenção da vida em nosso planeta, e ainda assim são pouco percebidos e valorizados pela maioria das pessoas (MUGGLER *et al.*, 2022). Nesse sentido, a Educação em Solos visa a transformação da relação entre sociedade e solo por meio de processos de formação e humanização dos sujeitos envolvidos.

A Educação em Solos é promovida por profissionais de diversas áreas como: Administrador, Agrônomo, Analista, Artista plástico, Biólogo, Engenheiro Florestal, Geógrafo, Gestor Ambiental, Jornalista, Licenciado em Educação Artística, Licenciado em Geografia, Pedagogo, Pesquisador, Técnico em Agroecologia, Técnico Florestal, Tecnólogo em Agroecologia e Zootecnista (NEPOMUCENO, 2021). Esses profissionais, de acordo com Lima *et al.* (2020), atuam em museus de solos, projetos Solo na Escola e Programa de Educação Tutorial (PET), em programas de manejo e conservação do solo, projetos de artes com solos, e outras atividades que abordam a temática solos, além de professores do Ensino Fundamental, Médio e Superior.

Não existe um processo de formação acadêmica para Educador em Solos, mas dentro desse diverso grupo de profissionais alguns se autodenominam Educador em Solos. Diante disso, é preciso investigar esses atores, referente a quem são, o que fazem, do porquê são e do porquê que fazem a Educação em Solos. E com isso refletir sobre como é que se assumem como tais e se (trans)formam naquilo que dizem ser.

A autodenominação (Quem sou eu?) está intimamente relacionada à identidade do sujeito. A (re)construção da identidade ocorre por meio de processos permanentes de identificação, diferenciação e de autodefinição (JOSSO, 2014). Para Josso (2010b) a formação experiencial, que está relacionada as aprendizagens e conhecimentos feitos a partir da reflexão das vivências na trajetória da vida, vai provocar a (re)construção da identidade.

De acordo com a Teoria Tripolar de Formação de Pineau (1988), os sujeitos se formam num processo de formação experiencial, ao longo da vida, através da interação entre três polos: heteroformação (na relação com o outro), ecoformação (influenciado pelo meio físico) e autoformação (reflexões sobre si). Trata-se de um processo contínuo de morfogênese e metamorfose, resultante das interações entre a pessoa e o ambiente físico e social (GALVANI, 2002, p. 96).

A Pesquisa (Auto)biográfica, que tem como um dos objetos de estudo histórias de vidas obtidas por meio das narrativas autobiográficas, “explora o entrelaçamento entre linguagem, pensamentos e práxis social” (PASSEGI, 2010, p. 111). Esse tipo de pesquisa pode trazer elementos que identifiquem as três dimensões de formação (hetero, eco, autoformação) dos profissionais que se autodenominam Educadores em Solos, pois “as pessoas transformam em narrativa sua experiência do mundo, assim como o papel que nele desempenham” (BRUNER, 1997, p. 100).

Diante desse contexto questionamos: O que os Educadores em Solos aprenderam com a vida? E com suas trajetórias profissionais? Como construíram sua relação com o solo? Como refletem sobre suas práticas educacionais/ações/projetos? Como acontece a (re)construção da identidade dos Educadores em Solos? Como acontece os processos de formação dos Educadores em Solos?

O presente trabalho teve como objetivo identificar, analisar e compreender os processos de hetero, eco e autoformação que promoveram a construção da identidade dos Educadores em Solos no Brasil. A compreensão dos processos de formação do profissional que atua na Educação em Solos poderá servir de subsídios para a constituição de um processo formal de formação (ABRAHÃO, 2004) e fortalecimento da área de conhecimento.

3.4 MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa proposta caracteriza-se por ser de natureza aplicada, abordando o problema de forma qualitativa para fins de pesquisa descritivo compreensiva, usando o procedimento de levantamento por meio do instrumento de narrativas autobiográficas dos profissionais que promovem a Educação em Solos no Brasil. Essa abordagem configura-se como uma metodologia viável para investigar e analisar os processos de formação que levam profissionais de diversas áreas a se autodenominarem Educadores em Solos e assim identificar e compreender o processo de formação do(a) Educador(a) em Solos no Brasil.

3.4.1 SELEÇÃO DA POPULAÇÃO DE PROFISSIONAIS QUE PROMOVEM A EDUCAÇÃO EM SOLOS A SER ESTUDADA.

A seleção dos profissionais foi feita por três critérios: a) autores que participaram do livro “Educação em Solos” (Vezzani *et al.*, 2022); b) profissionais identificados no livro “Iniciativas de Educação em Solos no Brasil” (Lima *et al.*, 2020); c) profissionais que participam do grupo de WhatsApp “Educação em Solos” e que atuam como professores ou pesquisadores em suas respectivas instituições.

Os contatos com os profissionais só iniciaram após avaliação e aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa das Ciências Humanas e Sociais da UFPR, sob o número CAAE nº 74293023.7.0000.0214 e aprovada com o Parecer número 6.415.487.

O primeiro contato foi feito através de um email-convite no qual constava o objetivo e a relevância do estudo. Com os profissionais que neste primeiro contato aceitaram compor a população de estudo e que confirmaram que estariam presentes no XI Simpósio Brasileiro de Educação em Solos (4 a 8 dezembro 2023 em Palmeiras de Goiás, GO) conversamos pessoalmente. Nesse momento, foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o roteiro para produção das narrativas, e ainda explicamos a pesquisa e tiramos dúvidas.

Com aqueles que não estariam presentes nesse evento, foi agendado uma videoconferência individual na qual detalhamos a pesquisa e solicitamos a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foi enviado por e-mail junto com o roteiro para produção das narrativas.

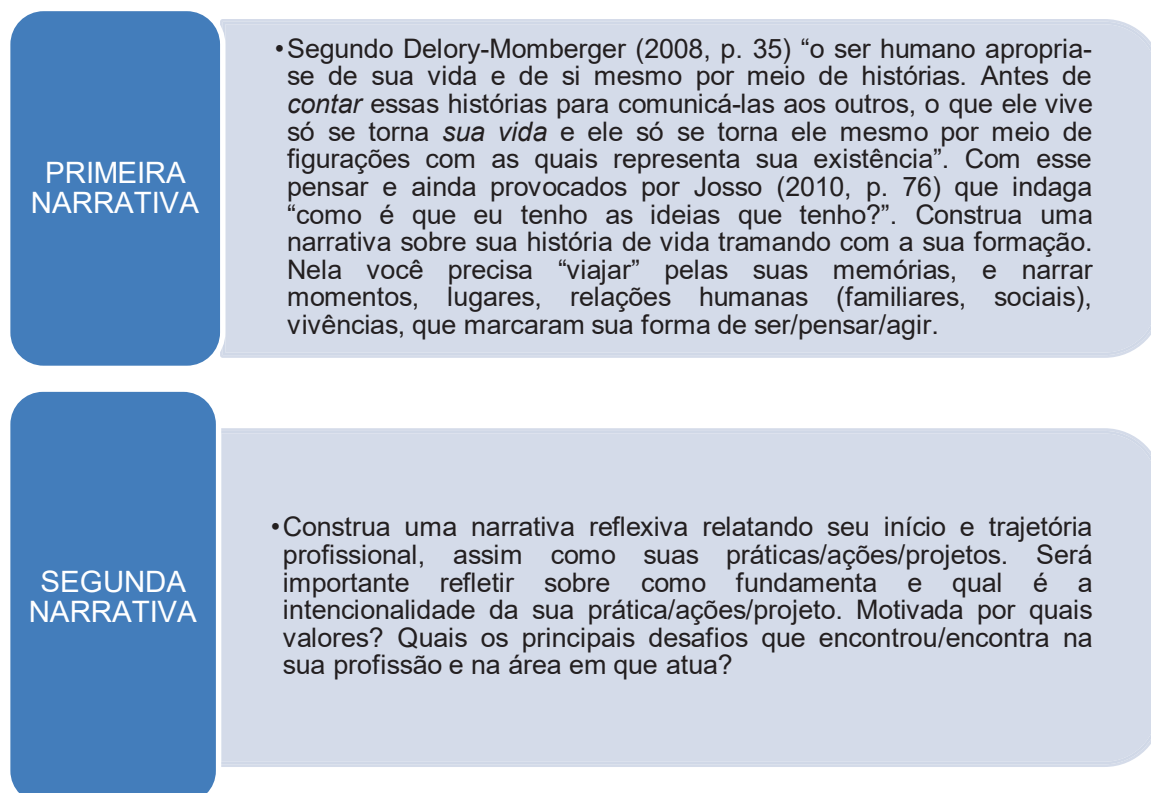
Dos 97 profissionais convidados, 56 se comprometeram com a pesquisa e 32 entregaram as narrativas.

3.4.2 PRODUÇÃO DAS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS

Os profissionais que se voluntariaram a participar do estudo receberam o documento composto por duas partes. A primeira (APÊNDICE 1) com duas perguntas diretas: Você se autodenomina Educador em Solos? Desenvolve projeto de pesquisa, extensão, ministra aulas de Educação em Solos, desenvolve cursos ou ações educacionais na área de Educação em Solos?

A segunda parte do documento (APÊNDICE 2), iniciou com as perguntas básicas: nome, idade, formação acadêmica, atuação profissional/tempo, cidade/estado. Essas informações foram usadas para delinear o perfil biográfico do grupo. E em seguida, as perguntas para produção de duas narrativas autobiográficas, as quais estão apresentadas na Figura 1.

FIGURA 1 – PERGUNTAS PARA PRODUÇÃO DAS NARRATIVAS



FONTE: Os autores (2025)

Portanto para produzir a primeira narrativa autobiográfica, os participantes foram convidados a acessar suas memórias e contar sua história de vida tramada à sua formação e refletindo sobre como se constituíram ao longo da vida. Nesse sentido, a intenção foi de que os participantes rememorassem fatos que marcaram as suas vidas e com isso narrassem momentos, lugares, relações humanas (familiares, sociais), vivências, que marcaram sua forma de ser/pensar/agir.

Para a segunda narrativa os participantes foram provocados a construir uma narrativa reflexiva relatando seu início e trajetória profissional, assim como suas práticas/ações/projetos. O propósito dessa narrativa foi que os participantes apresentassem a sua intencionalidade e como fundamentam a sua

prática/ações/projeto, imbricadas em quais valores, e ainda os principais desafios que encontraram na sua profissão e na área em que atua.

Depois que os participantes receberam esse documento tiveram o prazo de 30 dias para produzir as narrativas autobiográficas. Para aqueles que julgaram necessário esse prazo foi estendido. Durante esse período, alguns participantes entraram em contato com as pesquisadoras para tirar dúvidas, ou ainda para contar como estava sendo o desenvolvimento dessa atividade desafiadora de narrar a própria história de vida.

Na entrega das narrativas, por questões de tempo, dois participantes optaram por entregar as narrativas gravadas. Com elas fizemos a transcrição exata do que foi narrado e devolvemos para o participante para aprovação ou alteração se julgasse necessário. Outros dois participantes, após a leitura e entendimento da proposta optaram por enviar seus memoriais de formação.

3.4.3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DAS NARRATIVAS

Das narrativas dos 32 participantes foram extraídos os excertos que fizeram referência à heteroformação, ecoformação e autoformação. Para isso, foi utilizado o método de Análise do conteúdo (BARDIN, 2020), o qual se constituiu em três etapas:

1. Pré-análise do texto:

Objetivou a leitura do *corpus* textual, sistematização, organização das ideias iniciais, elaboração de indicadores que fundamentaram a interpretação final.

Essa etapa foi iniciada criando a sigla para garantir anonimato aos participantes. Para isso, os profissionais foram identificados por P_i , constituindo de P1 até o P32. Em seguida, fizemos a leitura do *corpus* textual e identificamos excertos das narrativas que indicaram elementos de cada um dos tipos de formação (heteroformação, ecoformação, autoformação) conforme critérios que estão apresentados na TABELA 1. Importante enfatizar que os polos de formação são interdependentes, mas procuramos evidenciar qual dos polos se destacavam nos excertos.

TABELA 1 – CRITÉRIOS PARA CATEGORIZAÇÃO DOS EXCERTOS IDENTIFICADOS NA ANÁLISE DAS NARRATIVAS

CATEGORIA	CRITÉRIOS PARA CATEGORIZAÇÃO DOS EXCERTOS
HETEROFORMAÇÃO	Trechos de narrativa que indicam o aprendizado mediado por outras pessoas, familiares, período de educação escolar, formação acadêmica, educação formal, educação informal, ambiente social.
ECOFORMAÇÃO	Trechos de narrativas que indicam o ser, o fazer, e o pensar influenciados pelo lugar de nascimento, de trabalho, viagem, brincadeira, de estudo, de projeto, relação com o solo ou com o meio físico ou espaços físicos.
AUTOFORMAÇÃO	Trechos de narrativas que indicaram a busca de sentido na própria história e nas escolhas da vida, reflexões sobre aprendizagens ao longo da vida, reflexões ressignificações ou transformações de si e da prática educacional.

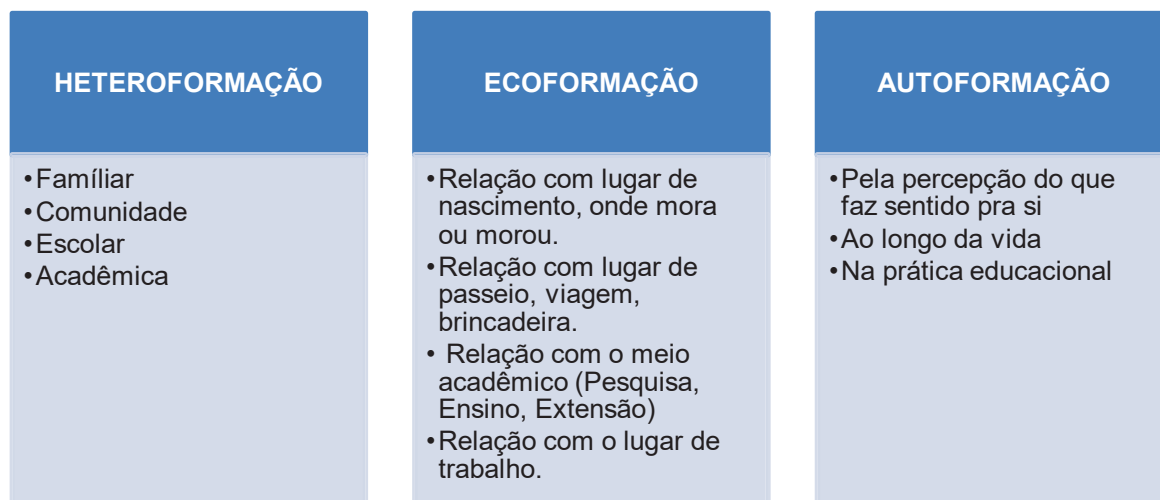
FONTE: Os autores (2025)

2. Exploração do *corpus* textual

Após realizar a extração dos excertos e categorizá-los entre hetero, eco e autoformação elaboramos as subcategorias de análise (FIGURA 2).

Como resultado dessa operação, cada categoria apresentou subcategorias com suas unidades de registro devidamente representadas nas grelhas de análise (APÊNDICES 4 e 5).

FIGURA 2 - CATEGORIAS E SUAS SUBCATEGORIAS DEFINIDAS APÓS ANÁLISE DAS NARRATIVAS.



FONTE: Os autores (2024).

3. Tratamento e interpretação dos resultados:

O tratamento dos dados sistematizados possibilitou identificar dois grupos de participantes: os que se autodenominaram Educadores em Solos e os que não se autodenominaram Educadores em Solos. Para cada grupo, foram contabilizadas as frequências de menções associadas a cada uma das três dimensões de formação hetero, eco e autoformação verificado no conjunto de profissionais. E ainda as frequências de menção dos participantes a cada subcategoria (Figura 2).

O cálculo de frequência das subcategorias foi obtido pelo percentual do número de participantes que apresentaram unidades de registros para cada subcategoria em relação ao número total de participantes do grupo. Para obter a frequência nas categorias, consideramos a soma das menções de todas as subcategorias de determinada categoria em relação ao número total de menções de todas as subcategorias.

Menção foi considerada como o conjunto de unidades de registro de um participante associado a uma determinada subcategoria, mesmo que o participante tenha apresentado duas ou mais unidades de registro (excertos) referentes a essa subcategoria.

A partir das frequências das categorias e subcategorias identificamos as contribuições para construção da identidade dos Educadores em Solos.

3.5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio das narrativas autobiográficas, foi possível identificar a singularidade de cada indivíduo, marcada por suas formas únicas de narrar, refletir e dar sentido ao vivido. Além disso, observamos que todos, mas cada um a sua forma, buscaram com sua prática transformar a relação solo-sociedade/natureza-sociedade e promover a conservação do solo.

3.5.1 PERFIL BIOGRÁFICO DOS AUTORES DAS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS

O grupo composto pelos trinta e dois participantes foi extremamente heterogêneo o que contribuiu para enriquecer a pesquisa. Quinze homens com a faixa de idade entre vinte e nove e sessenta e quatro anos, e dezessete mulheres entre trinta e cinco e sessenta e seis anos. Importante destacar que como as narrativas envolveram trajetória profissional e formação, encontramos pessoas no início da carreira, alguns já com muitos anos, e outras já aposentadas.

Através da análise das narrativas, identificamos temáticas que foram comuns a mulheres e homens, como por exemplo: a solidão pedagógica, e a desvalorização da extensão no meio acadêmico. Entretanto, algumas temáticas foram recorrentes nas narrativas femininas, como a falta de políticas de apoio para estudantes na maternidade e o enfrentamento do machismo numa área predominada por homens, o que ficou evidenciado no excerto da educadora P31:

Na época a visão que eu tinha do curso era bastante reducionista, muito vinculada a biologia, manejo de plantas. Logo percebi o desafio que enfrentaria, especialmente pela questão de gênero, num campo predominantemente masculino. Até então eu não tinha presente que a participação feminina raramente excedia 5%. Nesse sentido lembro da ressalva de alguns professores que nos consolavam com a perspectiva de que as meninas eram mais dedicadas, portanto, poderiam dedicar-se a tarefas de laboratório, ficando implícito um relativo preconceito a atuação feminina na profissão. (Profissional 31)

E ainda reforçado, por tantas outras, e pela educadora P9:

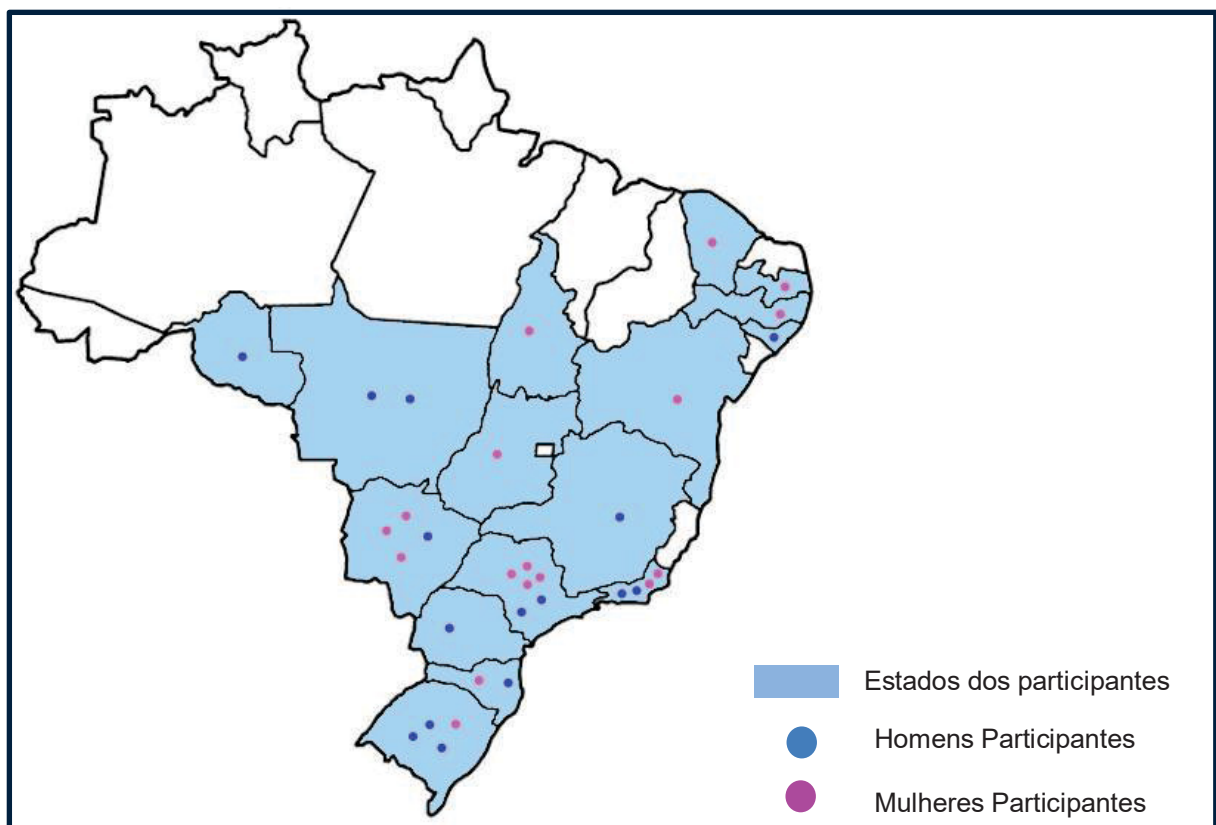
É preciso dizer também que um dos grandes desafios foi lidar com o machismo forte e arraigado daquele ambiente, o que fortaleceu a minha nascente perspectiva feminista. Assédios foram uma constante. Assim, entre aulas, trabalhos de campo e encontros de estudantes fui me apropriando de

conhecimentos diversificados e de uma ética do estar no mundo. (Profissional 9)

Quando a educadora P9 afirmou que frente às situações de machismo que estava enfrentando foi construindo uma “ética de estar no mundo” nos remeteu a Pineau (2010, p. 113) quando disse que “a autoformação feminina bate de frente (...) com um poder masculino onipresente” e, portanto, segue dizendo “a autoformação feminina é luta de emancipação para apropriação do poder de formação e para construção de um mundo próprio”.

Os profissionais foram de diferentes regiões do país (FIGURA 3): Chapadão do Sul/MS; dois de Dourados/MS; Campo Grande/MS; São Paulo/SP; dois de Piracicaba/SP; Ourinhos/SP; Presidente Prudente/SP; Viçosa/MG; Juiz de Fora/MG; Palmas/TO; Goiânia/GO; Rondonópolis/MT; Cáceres/MT; três de Rio de Janeiro/RJ; Pinheiral/RJ; São Miguel do Oeste/SC; Curitiba/SC; Jandaia do Sul/PR; Santa Maria/RS; Pelotas/RS; Três Passos/RS; Ijuí /RS; Redenção/CE; Arapiraca/AL; Sumé/PB; Cruz das Almas/BA; Recife/PE; Rondônia.

FIGURA 3 – ESTADOS FEDERATIVOS EM QUE OS PROFISSIONAIS PARTICIPANTES DA PESQUISA INDICARAM RESIDIR.



FONTE: Os autores (2024)

Dos trinta e dois participantes da pesquisa vinte e seis se autodenominaram e seis não se autodenominaram Educadores em Solos. A seguir, os dois grupos serão analisados em separado.

3.5.2 PROFISSIONAIS QUE SE AUTODENOMINARAM EDUCADORES EM SOLOS

Dos trinta e dois participantes da pesquisa vinte e seis se autodenominaram Educadores em Solos. Suas formações acadêmicas e profissões estão apresentadas na TABELA 2.

TABELA 2 – NÚMERO DE PROFISSIONAIS POR FORMAÇÃO ACADÊMICA E POR PROFISSÃO DOS PARTICIPANTES QUE SE AUTODENOMINARAM EDUCADORES EM SOLOS

FORMAÇÃO ACADÊMICA	PROFISSIONAIS
Engenharia Agrônômica	16
Engenharia Agrônômica e Licenciatura em Ciências Biológicas	1
Bacharelado em Ciências Biológicas	1
Licenciatura/Bacharelado em Geografia	5
Engenharia Florestal	2
Engenharia Geológica	1
PROFISSÃO	
Professor(a) (Universitário, Instituto Federal, Escola)	21
Pesquisador(a) da Embrapa	1
Pesquisador(a) da Embrapa e Professor	1
Extensionista da Epagri	1
Professor(a) Aposentado(a)	2

FONTE: Os autores (2024)

Por meio das análises das narrativas e cálculo das frequências das categorias de análise, identificamos que 40,8 % das menções dos profissionais foram relacionadas com a heteroformação, 30,6 % com a ecoformação e 28,6 % com a autoformação, evidenciando a contribuição de cada dimensão na construção da identidade dos Educadores em Solos.

3.5.2.1 A CATEGORIA DE HETEROFORMAÇÃO

A heteroformação está relacionada “à educação, às influências sociais herdadas da família, do meio social e da cultura, e das ações de formação inicial e contínua” (GALVANI, 2002, p. 96). Como representado na TABELA 3, com relação as subcategorias da heteroformação, 100 % dos educadores mencionaram a formação acadêmica, 92,3 % a influência da família, 84,6 % a escola e 46,2 % a comunidade. Segundo Dominicé (2010), na narrativa autobiográfica, todas as pessoas mencionadas fazem parte do processo de formação.

TABELA 3 – NÚMERO DE PARTICIPANTES E FREQUÊNCIA DE MENÇÕES EM CADA SUBCATEGORIA DA DIMENSÃO HETEROFORMAÇÃO DAQUELES QUE SE AUTODENOMINARAM EDUCADORES EM SOLOS

SUBCATEGORIA HETEROFORMAÇÃO	NÚMERO	FREQUÊNCIA (%)
Familiar	24	92,3
Comunidade	12	46,2
Escola	22	84,6
Acadêmica	26	100,0

FONTE: Os autores (2024).

Na subcategoria de heteroformação familiar foi possível identificar a influência dos pais na formação dos Educadores em Solos. Diversos casos de avós ou pais agricultores:

... filho de agricultores e professores do estado do [sigla do estado federativo] no ensino fundamental e técnico nas áreas de, respectivamente de biologia e matemática, história e geografia, que me ensinaram valores e crenças fundamentais para minha vida. (...) Essas pessoas (e muitas outras) foram e são fundamentais para minha formação moral, ética e profissional, e forjaram ensinamentos e valores que mantenho como educador. (Profissional 8)

O educador P8 destacou a importância da família na construção de valores que estão presentes na sua prática educacional. O educador P17 evidenciou a influência do pai na construção da relação com o solo:

Sou filho de agricultor e dona de casa e sempre tive uma ligação com o meio rural. (...) A minha forma de pensar e agir hoje foi construída ao longo da minha vida de convivência no meio rural com pessoas simples e de vivência direta e integrada ao meio ambiente, meu maior exemplo foi com o meu pai que foi um lavrador de pouca leitura, mas muito sábio e que cuidava do solo com todo o carinho e respeito porque sabia que era dali que retirava o sustento para 9 filhos. Lembro do cuidado de realizar a prática do pousio e dizia que a “terra tinha que descansar”. Não tenho dúvidas que foi essa vivência no meio rural e principalmente o carinho que o meu pai tinha pelo solo que me orientou e determinou a minha vocação de atuar na ciência do solo. (Profissional 17)

Os Educadores em Solos ressaltam a importância das relações familiares na aprendizagem de comportamentos e valores. Pineau (2010) afirmou que a família desempenha um papel fundamental nos processos de formação, frequentemente influenciando a orientação escolar e profissional. Ele destaca que o adulto se constitui a partir do material relacional herdado do ambiente familiar. Delors (2006) considerou a família o primeiro lugar de educação, no qual se estabelece a conexão entre o afetivo e o cognitivo, além de ser responsável pela transmissão de valores e normas.

Na subcategoria de heteroformação na comunidade, identificamos que os Educadores em Solos foram influenciados por outros grupos sociais além da família, como exército, escotismo, religioso:

Sou Católica (...) entrei para a equipe de Acolhida, que tem por função ficar na porta da igreja recepcionando aos que chegam e ajudando a quem precisar ao longo das celebrações, e aos 15 anos já estava na coordenação do grupo. Essa função me exigia uma preparação para as reuniões em que eu tinha que promover leituras e explicações, organizar cronogramas e horários. Nesse sentido, eu percebi que as pessoas prestavam atenção quando eu falava e parecia existir uma conexão boa nesse processo, hoje refletindo sobre isso, vejo que talvez essa atividade tenha despertado algo que eu desconhecia. (...) Na escola eu sempre gostei de fazer as pesquisas que os professores passavam e de apresentar trabalhos, mas acredito que foi na Igreja que despertei para minha atuação como formadora. (Profissional 20)

No trecho da narrativa da educadora P20, percebeu-se a influência da religião no despertar do desejo de atuar como formadora, seja como professora ou educadora. Na narrativa do educador P12, destaca-se a participação no escotismo:

... quando adolescente eu tive a oportunidade de ser escoteiro (participar do movimento escoteiro), onde tive contato, ao longo de 8 anos (dos 10 aos 18) com um método educativo não formal que utiliza a vivência em grupo, a natureza e a espiritualidade para eixos importantes para o aprender fazendo, na prática. Esta experiência me deu uma visão de mundo muito clara, o da cidadania, em que todos somos responsáveis por melhorar o ambiente onde vivemos. As minhas relações familiares também sempre foram nesta direção, de forma que no momento de definir minha carreira profissional decidi ser responsável pelos recursos naturais, especialmente aquele que garante o alimento e a manutenção dos ecossistemas terrestres – o solo. Por isso decidi

ser engenheiro agrônomo. (...) No ano de 2013 eu retornei ao movimento escoteiro, agora como adulto (escotista- educador não formal), nos 8 anos seguintes fiz cursos de capacitação oferecidos pela União dos Escoteiros do Brasil, para atuação com crianças de 7 a 10 anos (lobinhos) e de 11 a 15 nos (escoteiros). Nestes cursos aprendi muito sobre metodologias ativas empregadas para este público mencionado. Elas certamente qualificaram minhas ações na educação em solos aplicadas no museu de solos. (Profissional 12)

Portanto, o escotismo revelou-se para o educador P12 como um espaço de aprendizado sobre cidadania e valores de responsabilidade com o meio natural, os quais influenciaram tanto sua escolha profissional quanto, as metodologias de ensino empregadas em sua prática educativa.

Na subcategoria de heteroformação escolar, identificamos referências à escola e, em alguns casos, aos professores e às disciplinas:

Ingressei com sete anos na 1ª série na Escola de 1º Grau [nome], escola pública. (...) Destaco aqui a inesquecível professora [nome próprio], do meu primeiro e segundo ano, um modelo de educadora. (...) Ao terminar o primário, ingressei na Escola Estadual [nome] (desse período, lembro de uma professora de História [nome próprio], que exerceu forte influência no meu gosto pela leitura, pela ciência). (...) Terminei os meus estudos (...) na Escola Estadual [nome] e preparei-me para o vestibular. (...) Lembro muito bem dos Professores [nome próprio], de Português, que ao longo do ano preparou-nos em gramática, literatura e redação e do Professor [nome próprio], de matemática. Esses professores me despertaram o desejo de ser um professor, sempre achei muito nobre o meu ofício. (Profissional 16)

O educador P16 destacou a importância que os professores da sua época escolar tiveram em sua escolha profissional, e ainda trazendo da infância o que considerou ser "um modelo de educador". A educadora P20 expressou seu encantamento com o conteúdo aprendido na escola e ressaltou a influência de seus professores na decisão de sua carreira profissional:

Programa Rumo à Universidade, que era um cursinho para estudantes de escola pública (...) Entrar nesse curso foi um divisor de águas na minha vida (...) e nesse curso pela primeira vez eu tive aulas de Geografia de verdade, aos 17 anos eu descobri a existência das placas tectônicas e de toda a área de Geografia da Natureza que eu nunca tinha estudado na minha escola (...) Nesse curso também tive contato com professores admiráveis que me fizeram ver um outro lado possível da docência, e pensando também nas possibilidades do mundo do trabalho eu escolhi que faria a Licenciatura em [área do conhecimento]. (Profissional 20)

Segundo Nóvoa (2013), é impossível separar o eu pessoal do eu profissional do educador, portanto é necessário que os educadores reflitam sobre suas vivências na escola, pois de lá trazem construções importantes sobre o que é educação, como

ser educador, como aprendem e como ensinam. Essas concepções vão influenciar diretamente a forma de ser educador.

Na subcategoria de heteroformação acadêmica, os educadores mencionaram a graduação e a pós-graduação, bem como professores que desempenharam um papel significativo em sua formação acadêmica. Eles destacaram os estudos sobre solos, seja nas disciplinas cursadas, aulas de laboratório, aulas práticas, pesquisa. A educadora P9, por exemplo, relatou a influência de um professor em despertar seu interesse pela formação acadêmica na área de solos:

A convivência com o professor [nome próprio] na disciplina de graduação me proporcionou as primeiras incursões na pesquisa e na extensão. [nome próprio] me incluiu como participante em alguns de seus projetos de pesquisa e tive a oportunidade de viajar com ele ao [sigla do estado federativo] para esboçar um projeto de pesquisa em parceria com o então agrônomo da Empresa de Pesquisa do Estado do [sigla do estado federativo]. (EMPA), hoje professor da [sigla da universidade], [nome próprio], que havia sido seu orientado no mestrado. Isso despertou o meu interesse em seguir a minha formação acadêmica em solos, o que me levou a solicitar o mestrado no próprio Departamento de Solos da [sigla da universidade], já em 1985. (Profissional 9)

A educadora P31 afirmou que sua maneira de atuar profissionalmente é influenciada pelas pessoas que admira. Ela também destacou o papel significativo que seu orientador desempenhou em sua vida e na construção de sua visão sobre "o que significa ser um educador":

Indubitavelmente somos levados a ter como modelo de profissão as pessoas que admiramos. Assim vamos construindo nosso perfil como profissionais da educação. (...) que foi meu orientador de doutorado. (...) Foram anos de convivência com o grupo de trabalho que ele coordenava que marcou profundamente minha visão de o que é ser um educador. Seu cuidado ia além da rigorosa formação técnico-científica, tendo um olhar atento e cuidadoso para com cada estudante, mesclando com equilíbrio e sabedoria, lições de vida. Apostava no potencial de cada um de seus alunos, promovendo-os com um olhar singular e apoio incontestado. Sua participação efetiva nos trabalhos animava e estimulava a cooperação entre estudantes. Sem dúvida, os que tiveram o benefício de seu convívio, a seu exemplo, tornaram-se pessoas mais sensíveis, humanas e colaborativas. (Profissional 31)

A educadora P26 contou que mudou de estado para fazer mestrado e que com isso conheceu nesse novo lugar o "Projeto Solo na Escola" daquela Universidade:

Conheci o projeto solo na escola com o professor [nome próprio], fui estagiária por algum tempo no projeto com ele, e o contato com as crianças, o envolvimento delas com as temáticas apresentadas no projeto me fez querer trazer essa experiência para [sigla do estado federativo]. (Profissional 26)

A partir da categoria de heteroformação, compreendemos que os Educadores em Solos são influenciados na sua forma de ser e pensar pelas vivências familiares, na comunidade, nas escolas e na faculdade. Dessas vivências trazem valores, modelos de educadores, saberes em solos, práticas educacionais, projetos que vão influenciar na forma de ser educadores.

3.5.2.2 A CATEGORIA DE ECOFORMAÇÃO

A ecoformação ou “formação por meio dos espaços” (PINEAU, 2010, p. 111) envolve a formação resultante da interação do indivíduo e ambiente natural e físico e com as coisas. Com relação a essa categoria 92,3 % dos Educadores em Solos fizeram relatos relacionados ao trabalho no meio acadêmico (ensino, pesquisa, extensão), 65,4 % menção ao lugar de nascimento ou residência, 50 % ao ambiente de trabalho e 34,6 % a espaços de passeio, viagem ou brincadeira (TABELA 4).

TABELA 4 – NÚMERO DE PARTICIPANTES E FREQUÊNCIA DE MENÇÕES EM CADA SUBCATEGORIA DA DIMENSÃO ECOFORMAÇÃO DAQUELES QUE SE AUTODENOMINARAM EDUCADORES EM SOLOS

SUBCATEGORIAS ECOFORMAÇÃO	NÚMERO	FREQUÊNCIA (%)
Relação com lugar de nascimento, onde mora ou morou	17	65,4
Relação com lugar de passeio, viagem ou brincadeira	9	34,6
Relação com o meio acadêmico (ensino, pesquisa, extensão)	24	92,3
Relação com o lugar de trabalho	13	50,0

FONTE: Os autores (2024).

Na subcategoria de ecoformação, na relação com lugar de nascimento, onde morou ou mora, os educadores trouxeram diferentes aprendizagens dos diferentes lugares que moraram:

Minha relação com a terra vem desde a infância onde, de forma não intencional, eu tive meu primeiro contato com solo. Sempre gostei de ficar no jardim da casa, trocando as plantas de lugar, tentando de alguma forma fazer “experimentos”, afinal era o que uma garota de 6 ou 7 anos pensava naquele momento. (Profissional 26)

A educadora P26 relatou como construiu sua relação com o solo por meio de atividades realizadas no quintal de sua casa. A educadora P23 compartilhou que a mudança de cidade para estudar impactou na sua socialização, incentivou a prática de atividades físicas e despertou seu interesse em trabalhar com Educação em Solos:

Em [cidade] também fiz amizades, criei laços, enfrentei desafios, comecei a treinar o esporte que tem meu coração ([nome]), conheci o projeto Solo na Escola [sigla da universidade] e assim começou meu contato com a Educação em Solos, ali eu decidi que um dia trabalharia nesta área. (Profissional 23)

Na subcategoria de ecoformação, na relação com lugar de passeio, viagem ou brincadeira, os participantes narraram a influência do meio físico nas suas vivências:

A curiosidade pelo solo surgiu quando criança. Meu avô paterno tinha uma pequena mercearia no bairro paulistano de [nome do bairro], próximo onde hoje se localiza o Shopping [nome]. Naquela época era muito comum nós, os netos, irmos com nossas mães, que trabalhavam com o pai delas, meu avô, para a mercearia. Ajudávamos também nos afazeres, como receber as encomendas, organizar nas prateleiras e atender clientes e também brincávamos em um campinho de futebol, que tinha o solo decapitado e eu voltava para casa “cor de rosa”, por ter brincado no horizonte C do solo. Em casa eu tinha total liberdade para brincar na terra e com meus animais de estimação. Tive uma infância feliz com meu falecido irmão. Nunca me esqueço da coleção que fazíamos de tatus-bola, que achávamos no solo do quintal de casa. (Profissional 10)

A educadora P 10 contou que sua relação com o solo começou na infância, através de momentos de diversão e de curiosidade sobre o meio físico. E a educadora P26 narrou que a construção de sua relação com o solo começou de forma inusitada, mas que isso gerou uma “relação íntima com o solo”:

Lembro-me de quando eu gostava de comer argila (risos). Isso mesmo, eu pegava pedaço de bloco cerâmico, e de argila e colocava na boca e o deixava derreter entre os dentes. Essa memória me traz muita alegria, porque realmente fazer aquilo era libertador, um sabor que poucos conheciam, uma sensação de estar experimentando algo que poucos sabiam. Apesar da geofagia ser considerada um distúrbio psicológico na alimentação, a falta de alguns minerais na minha alimentação proporcionou-me uma relação mais íntima com o solo, ainda criança. Desta forma, eu cresci vendo o solo com algo bom, importante para os “meus experimentos”, e sobretudo com um sabor inefável. (Profissional 26)

O emprego é considerado por Dubar (2005) como condicionante na construção das identidades sociais. O emprego vai influenciar na (re)construção da identidade de adultos. Na subcategoria de ecoformação, na relação com lugar de trabalho, os educadores narraram influências e aprendizagens nos seus ambientes de trabalho:

Já em 1994 na [instituição] no [estado federativo], comecei a receber visitas na [unidade da instituição] de alunos do ensino médio querendo informações sobre solos. Era o início de minhas atividades de Educação em Solos. Com o passar dos anos a demanda de ações de Educação em Solos aumentou, principalmente a partir de 1997 quando a [instituição] criou o Programa [nome], que visava popularizar junto a esse público especial escolar as suas ações de pesquisa agropecuária. (Profissional 7)

O educador P7 destacou que começou a trabalhar com Educação em Solos por causa de ações relacionadas ao seu local de trabalho. A educadora P25 contou que na época que cursava agronomia começou a dar aulas para ajudar com as questões financeiras e isso despertou o desejo, mesmo com todas as contradições da profissão, de ser docente:

... consegui uma escola uma vaga para dar aulas numa escola estadual com a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Dessa forma, eu estudava durante o dia e dava aulas a noite. Durante os dois primeiros anos da minha graduação foi assim. E nesse momento, a docência ganhou meu coração, mas ainda via muito marginalizada, o salário não era nada atraente, mas me ajudava nas contas. (Profissional 25)

Na subcategoria de ecoformação na relação com meio acadêmico, embora também esteja relacionada ao trabalho, o trabalho de professores universitários envolve a tríade indissociável de ensino, pesquisa, extensão:

Na rotina de trabalho comecei a dialogar com as mulheres da feira agroecológica e professores da Educação Básica sobre seus desafios de modo a elaborar um projeto de extensão focado na realidade do [região do estado federativo]. Vasculhando a internet conheci o Projeto Solo na Escola e achei por bem marcar uma viagem para visitar na [sigla da instituição], o professor [nome próprio]. Era outubro de 2011. Voltei cheia de livros, ideais e sonhos. No início do ano seguinte visitei na [sigla da instituição] o Museu [nome] e conheci a professora [nome próprio]. Conheci também o professor [nome próprio] e o arquiteto [nome próprio], trazendo o Projeto [nome] para compor ações de popularização do conhecimento do solo por meio da arte e ludicidade. (Profissional 2)

A prática da educadora P2 fez com que a partir do diálogo com a realidade local, ela buscasse formas de transformar a comunidade que estava inserida. A partir dessa inquietação, conheceu projetos e professores de Educação em Solos que

influenciaram na construção dos seus próprios projetos. O educador P15 narrou que a partir da sua entrada como professor universitário, como não era licenciado, foi aprendendo a ser professor a partir da ação e reflexão da prática:

Aí eu fiz concurso, me efetivo na Universidade [nome], realizo o sonho de dar aula, numa instituição como uma [sigla da instituição] que é uma universidade maravilhosa. E aí que começa o desafio de trabalhar com solos. Só que esse desafio, ele virou uma paixão e aí eu comecei a cada vez trabalhando mais. (...) E aí o ensino e a educação ela foi me transformando porque eu não sou licenciado, eu sou um bacharel de formação. Eu não tive aula de pedagogia, eu não tive essa formação na graduação. Nem li Paulo Freire, Vygotsky, Piaget, eu não tive isso. Eu fui aprendendo no momento que eu entro na universidade como professor.” (Profissional 15)

A educadora 28 contou que participar de um evento acadêmico provocou um conhecer que fez com que despertasse para Educação em Solos:

Era a Profa. [nome próprio], divulgando as ações de pesquisa e extensão em educação em solo na Universidade [nome]. Que trabalho interessante! Fiquei simplesmente encantada com as experiências relatadas! Durante o evento conversei bastante com ela, procurando entender aquelas atividades que envolviam as crianças e jovens das comunidades [estado federativo]. Esse foi o meu “despertar”! Aquelas ideias ficaram dançando em minha mente, brotando e criando raízes!! (Profissional 28)

Outros educadores narraram a importância de conhecer o projeto de outros professores como fonte de inspiração e início para atuar na Educação em Solos. Com isso, identificamos a importância do compartilhamento de práticas, ações e projetos no despertar de outros profissionais para as práticas de Educação em Solos. Assim o grupo de WhatsApp “Educação em Solos”, além dos eventos científicos, pode ser considerado importante lugar de socialização, compartilhamento e formação.

3.5.2.2 A CATEGORIA DE AUTOFORMAÇÃO

A autoformação relaciona-se ao poder de ao mesmo tempo tornar-se sujeito e objeto da própria formação (PINEAU, 2010) e operar de forma consciente e reflexiva. Em relação a categoria de autoformação, 92,3 % dos educadores em solos refletiram sobre a prática educacional, 76,9 % fizeram menção a aprendizagens ao longo da vida e 57,7 % buscaram conferir um sentido às suas escolhas e vivências (TABELA 5).

TABELA 5 – NÚMERO DE PARTICIPANTES E FREQUÊNCIA DE MENÇÕES EM CADA SUBCATEGORIA DA DIMENSÃO AUTOFORMAÇÃO DAQUELES QUE SE AUTODENOMINARAM EDUCADORES EM SOLOS

SUBCATEGORIA AUTOFORMAÇÃO	NÚMERO	FREQUÊNCIA (%)
Pela percepção do que faz sentido pra si	15	57,7
Ao longo da vida	20	76,9
Na prática educacional	24	92,3

FONTE: Os autores (2024).

A subcategoria de autoformação pela percepção do que faz sentido para si os educadores narraram sentidos que construíram a partir de suas vivências e escolhas profissionais:

Desde minha infância fui preparada, mesmo sem saber, para ser professora da área de [área do conhecimento], mais especificamente de solos. A vida me conduziu para ser professora, desde a educação básica, até a universidade. Hoje atuo ativamente (...) meu desejo é continuar contribuindo com a Educação em Solos no Brasil. (Profissional 10)

A educadora P10 relatou o sentido conferido à sua escolha profissional e ainda projeta o futuro, que é função do ato de narrar, não só olhar para passado com os pensamentos que tem no presente, mas projetar o futuro. O educador P27 narrou uma vivência que para ele foi fundamental e despertou o desejo de um dia trabalhar com Educação em Solos:

Na [sigla da universidade] eu tive meu primeiro contato com a extensão, e rolou uma química de cara, eu fui voluntário no Programa Solo na Escola da [sigla da universidade] escondido do meu orientador. (...) mas adorava receber os visitantes na exposição didática. Suspeito que nasceu ali um Educador em Solos. (...) Receber os estudantes das escolas, falar sobre solo, responder as perguntas, interagir com eles naquele momento não-formal, era algo muito cheio de significado e trazia um sentimento de bem-estar e fazer a coisa certa que me equilibrava com as tensões trazidas pelo doutorado. Certo dia recebemos uma turminha de crianças, e tinha esse garoto que ficou próximo a mim durante toda a visita, sempre muito atento e participativo, ao final da visita a professora deles disse que um dia quando adultos eles poderiam estudar ali também em algum dos cursos de graduação, daí esse garoto levantou aquela mãozinha (pequena) e perguntou: mas o tio [nome próprio] estará aqui ainda? Bom, nem precisa dizer a emoção que senti de ouvir isso e saber o quanto aquele momento foi importante para ele. Tive então a noção do quanto podemos impactar a vida de uma criança com o nosso trabalho, com o nosso exemplo. Aquele dia eu tive a certeza, que quando conseguisse o cargo de professor eu criaria também um projeto Solo na Escola. A essa altura a semente da educação em solos já estava semeada, seria só uma questão de tempo até que ela se desenvolvesse e frutificasse, isso felizmente aconteceu. (Profissional 27)

Na subcategoria de autoformação ao longo da vida, os participantes narraram suas aprendizagens e transformações a partir das reflexões de vivências ao longo da vida:

Matriculei o meu filho, então com cinco anos, em uma cooperativa de pais de filosofia construtivista [nome da Escola]. (...) Este novo contato com a educação básica, seus desafios e dilemas, junto a uma escola com uma proposta pedagógica menos tradicional me proporcionou uma vivência nova e um aprendizado surpreendente, o que me tornou definitivamente uma militante da educação. Paulo Freire, arte educação, construção do conhecimento, diálogo de saberes, educandos e educadores aprendizes, são referências e conceitos que se incorporaram definitivamente à minha formação pessoal e profissional, modelando e remodelando a minha prática cotidianamente." (Profissional 9)

A educadora P9 destacou que a vivência na escola de seu filho, envolvendo interações com outros pais, ideias e conhecimentos, impactou significativamente na sua (trans)formação pessoal e profissional. Esse processo a levou a reconstruir sua prática diariamente, por meio da ação e reflexão. A educadora P11 refletiu que sua aprendizagem ocorreu ao elaborar projetos de extensão, marcando o início de seu trabalho com Educação em Solos:

Elaborar os projetos de pesquisa e extensão aguçavam a minha capacidade criativa e o sentimento de liberdade para poder criar e devolver para a sociedade tudo aquilo que até então eu havia desfrutado na universidade. Foi nessa fase que iniciei os projetos de extensão com educação em solos. Eu aliei a demanda de alunos que queriam desenvolver atividades com educação ambiental, ao meu próprio desejo de trabalhar de maneira mais próxima a sociedade. (Profissional 11)

As narrativas dos Educadores em Solos revelaram que a prática da extensão, embora frequentemente desvalorizada no meio acadêmico, possui um grande potencial de transformação, não apenas para a comunidade, mas também para os professores universitários e estudantes de graduação envolvidos nessa atividade.

O educador P12, graduado em agronomia, contou que trabalhar como professor substituto, quando fazia doutorado em Ciências do Solos, despertou para docência. E que nessa mesma época participou de um curso de formação de professores que influenciou na sua forma de ser educador:

A experiência de 2 anos como professor substituto no Departamento de Solos da [sigla da universidade] (durante o período do meu doutoramento) me encantou e me despertou para a carreira docente. Também neste período eu tive a oportunidade de fazer um curso de formação de professores para o ensino superior, oferecido pela [sigla da universidade]. Onde tive mais noção

sobre didática, pedagogia da educação, psicologia da educação entre outros temas importantes e frequentemente desconhecidos para os doutores das engenharias. Esta experiência afetou muito a minha forma de ser educador. (Profissional 12)

Na subcategoria de autoformação na prática educacional, os educadores refletiram sobre suas intencionalidades, desafios, fundamentações, aprendizagens, ressignificações da prática/ação/projeto, e ao narrarem sobre a prática evidenciaram características da Educação em Solos:

Como trabalhamos com a educação em solos de maneira ampla, as ações passeiam nos territórios quilombolas, nos assentamentos, na feira agroecológica e convencional, nas comunidades das louceiras. De maneira, lúdica, por meio da arte com a tinta de solo ou do teatro de fantoches – o teatrinho do solo, vamos sensibilizando as pessoas para o entendimento do solo como patrimônio, herança, mas como dádiva divina, como parte e extensão nossa, de nosso corpo, de nosso presente e futuro. (...) Mas conto com a sensibilização dos monitores e monitoras, professoras e professores, agricultoras e agricultores, que se encontram motivados a prosseguir com a proposta de edificar a Educação em Solos, por amor: amor ao planeta, amor às criaturas, amor ao chão que pisamos. E sonham comigo e me impulsionam a prosseguir, com alegria, com entusiasmo e com determinação. Por amor. Porque é amor o que sentimos quando vivemos a Educação em Solos e nós deixamos tocar pela emoção de sentir o solo e saber que alguém também se sensibilizará e se fará multiplicador, alertando e instruindo, esclarecendo e despertando outras consciências que olharão o solo e serão sua voz para construção de um mundo melhor para todos os seres. (Profissional 2)

A educadora P2 evidenciou que sua prática de Educação em Solos dialogou com movimentos sociais e com agroecologia, e tem o amor como um valor importante. O educador P8 destacou a importância dos valores na sua prática, o diálogo com os movimentos sociais e colocou como desafio a formação permanente do educador:

Considero fundamental, nas ações individuais e coletivas que participo com famílias de agricultores, lideranças, técnicos, escolares e grupos diversos, os processos (relações e sistemas complexos), fundamentado em valores como respeito, humildade, solidariedade, educação, coragem, empatia, senso de justiça, ética, honestidade e prudência, que interagem com metodologias de educação-extensão rural e social para oportunizar experiências e práticas na concepção progressista e a perspectiva educacional problematizadora de Paulo Freire, princípios que muitos colegas extensionistas praticam e adotam em suas práticas cotidianas, embora diversos colegas pratiquem as concepções pedagógicas conservadoras (...) Os desafios permanentes de quem participa de processos educativos de extensão rural e pesquisa participativa é manter-se atualizado, motivado e consciente de suas ações e papel como servidor público perante a sociedade, incluindo os mais necessitados e excluídos. (Profissional 8)

A Educação em Solos está muito presente nos projetos de extensão (LIMA et al., 2020), e a educadora P20 narrou a importância da extensão para formação dos

estudantes de graduação participantes, assim como dos estudantes das escolas e professores:

Algo a ser destacado desses seis anos de projeto de extensão é que uma semente forte vem sendo plantada em todos os que passam pelo projeto, já temos estudantes desenvolvendo projetos de especialização e mestrado na temática como continuidade do que começou na Licenciatura em [área de conhecimento] do [sigla instituição]. Estudantes egressos que contam com os recursos didáticos do projeto para aplicar em suas salas de aula. Sendo assim, o objetivo de espalhar a mensagem da educação em solos e desenvolver uma consciência pedológica vem sendo materializado com a rede que vem se formando. Ainda temos muito o que fazer, mas em cada extensionista, cada docente que nos convida para realização de oficina, cada estudante que se encanta com os experimentos, sinto que estamos no caminho certo, com muitos ajustes ainda a serem realizados, mas um bom caminho já foi percorrido até aqui. (Profissional 20)

Importante destacar que a educadora P20 relacionou Educação em Solos com o desenvolvimento de uma consciência pedológica. A consciência pedológica significa construir a concepção de interdependência e sustentabilidade na relação homem-natureza por meio de processos educacionais (MUGGLER et al., 2006).

O educador P15 trouxe a importância da Educação em Solos na humanização das relações:

Quando eu comecei a trabalhar com solos. O ato de trabalhar com solos com as crianças e com a educação de solos, ele te humaniza, tu deixas de ser somente aquele professor pesquisador, científico. Eu sou livre-docente docente aqui na [sigla da universidade]. é um título acima de doutor, e o ano que vem, provavelmente eu vou fazer o concurso para titular. Então eu não tenho mais o que subir na carreira, então não dá pra deixar essas coisas subirem a tua cabeça. E o solo, o ensino de solos te torna uma pessoa mais simples, mais humana, mais fraterna. (Profissional 15)

A Educação em Solos por meio das relações humanas e com o solo tem potencial (trans)formador e humanizador para os educadores e educandos envolvidos no processo educacional. A educadora P24 refletiu sobre sua vida e sobre sua prática educacional evidenciando que uma está tramada na outra:

Portanto, cheguei até aqui por caminhos bonitos, pintados com geotinta a base de solo; trechos complexos da pesquisa, do ensino e da extensão; trechos solitários e sofridos, com perdas irreparáveis que me fizeram repensar meus relacionamentos, a vida, as pessoas, a saúde, questões essas que passam pelas minhas escolhas e pelo debate político; em paradas e recuos estratégicos, fiz e refiz minha prática pedagógica e hoje tenho claro a serviço de quem quero estar. Foi esse caminho, com trechos tortuosos, sombrios e alguns potentes e bonitos que me levaram à educação em solos, em [área conhecimento] e [área conhecimento], não “qualquer” educação, mas a contra-hegemônica, a subversiva, a bonita, a desafiadora, a viva, como deve ser. (Profissional 24)

A educadora P24 remeteu à prática educativa crítica de Freire (2020) na qual ele afirmou que não existe prática neutra e que, portanto, ela exige uma definição, uma tomada de posição e ruptura. Através da prática é possível reproduzir a ideologia dominante ou provocar seu desvelamento.

3.5.3 PROFISSIONAIS QUE NÃO SE AUTODENOMINARAM EDUCADORES EM SOLOS

Seis participantes não se autodenominaram Educadores em Solos e suas formações acadêmicas e profissões estão apresentadas na TABELA 6.

TABELA 6 – NÚMERO DE PROFISSIONAIS POR FORMAÇÃO ACADÊMICA E POR PROFISSÃO DOS PARTICIPANTES QUE NÃO SE AUTODENOMINARAM EDUCADORES EM SOLOS

FORMAÇÃO ACADÊMICA	PROFISSIONAIS
Engenharia Agrônoma	2
Licenciatura/Bacharelado em Geografia	2
Engenharia Florestal	1
Pedagogia	1
PROFISSÃO	
Professor(a) (Universitário, Instituto Federal, Escola)	4
Pesquisador(a) do IBGE e Professor(a)	1
Pós-Doutorado	1

FONTE: Os autores (2024)

Apesar desses seis participantes não se autodenominaram Educadores em Solos, eles promoveram a área de Educação em Solos, desenvolvendo projetos de pesquisa, extensão, ministrando aulas, cursos, ações educacionais na área de Educação em Solos.

Os participantes P3 e P22 relataram trabalhar juntos em uma disciplina em uma relação ao que tudo indica de coformação (PINEAU, 2003), na qual um contribuiu com o conhecimento em solos; e o outro, com a parte educacional e pedagógica. Ambos relataram aprendizagens. O participante P22 contou que nessas ações conjuntas procurou contribuir com a parte pedagógica, pois não tem o solo como objeto de pesquisa:

... meu campo de pesquisa não é solos. Como você deve ter percebido a minha história de vida inteira e aquilo que eu venho falando. O que me aproxima é a possibilidade de aprender e trazer o solo como um material rico que possibilita o sujeito a aprender. E ele pode se constituir também um material maravilhoso, um conteúdo maravilhoso para ser trabalhado de forma interdisciplinar. E eu sempre afirmo dizer que conteúdo não é fim, mas é meio. E sendo meio ele possibilita relações com e para. Então, tentando responder a tua pergunta, eu não me considero educadora de solos, eu tento ser uma educadora. Eu tento ser uma professora. Com p maiúsculo, apesar de muitas vezes não me considerar como tal, mas luto para que seja. (Profissional 22)

Além disso, apresentou uma reflexão interessante sobre o ser educadora como um processo contínuo de busca e construção. Essa ideia dialoga com Freire (2001), que afirma que o educador se forma permanentemente por meio da práxis.

O participante P4 demonstrou interesse pela área de ensino e solos durante a graduação e a pós-graduação, envolvendo-se ativamente em atividades relacionadas à Educação em Solos. No momento em que realizamos a pesquisa, encontrava-se no pós-doutorado e ainda não havia assumido o cargo de professor concursado, objetivo que considerava como sua meta profissional.

Nas narrativas do participante P5, identificamos uma relação forte com o solo desde a graduação, como professor universitário, relatou desenvolver um projeto de extensão que tem os solos como uma das abordagens:

Meu projeto de extensão se chama [nome]. Tem os mesmos moldes do Trilhando, onde comecei, mas os solos não são os atores principais. Nesse projeto, quem nos visita, tem contato com um acervo de rochas e minerais, fósseis, uma estrutura didática que envolve formação da terra, placas tectônicas, até a gênese dos solos. Discutimos com os alunos, de forma crítica, sobre os acessos, apropriações, formação dos ditos recursos naturais. (...) Minha intenção com a extensão não era só de mostrar o laboratório e falar do funcionamento dos elementos da natureza. Minha intenção era, acima de tudo, mostrar, de forma crítica, como a sociedade se apropria desigualmente da natureza e produz degradação também de maneira desigual, atingindo, preferencialmente, a fração mais pobre da classe trabalhadora. (Profissional 5)

O participante P5 refletindo sobre seu projeto afirmou que mesmo abordando solos “os solos não são atores principais”. E ainda destaca a sua visão crítica na relação sociedade-solo:

...a intenção maior que carrego comigo, e que faz parte de toda intervenção que eu tenha oportunidade de fazer, é mostrar que a perspectiva de que há recursos naturais (entre eles os solos) é ideologicamente criada. Ela nos separa da natureza. Mostra sentido de dominação e subordinação da natureza à sociedade, com justificativa do progresso. E que esses chamados recursos são apropriados de maneira desigual. Essa sociedade baseada na exploração do homem pelo homem e da natureza para produção e apropriação privada da riqueza socialmente produzida precisa ser superada. (Profissional 5)

Essa visão crítica na relação solo-sociedade corrobora com Primavesi (1997), quando afirmou que, na nossa cultura ocidental, compreendemos o solo e a natureza como objeto de exploração em contraponto aos povos originários, que se compreendem como parte integrante do meio natural.

O participante P19 narrou que teve uma relação forte com solos desde a graduação e refletindo sobre o sentido de suas ações e atividades afirma que:

... apesar de também trabalhar com “Educação em Solos”, eu penso que as ações e atividades que desenvolvo estão além da “Educação em Solos”, por isso não me autodenomino “Educador em Solos”, mesmo tendo o “Ensino de Solos” como minha principal atuação ... (Profissional 19)

Nas narrativas do participante P30, identificamos uma relação de paixão pelo solo desenvolvida na graduação “me apaixonei imediatamente. (...) mas eu me apaixonei pelo processo, me apaixonei pelo laboratório, por estar em laboratório, fazendo as análises. Realmente gostei muito.” E apresentou uma longa trajetória, trabalhando com solos tanto no ensino, quanto na pesquisa. E refletindo sobre sua formação:

Penso sempre na questão da educação em solo. Muito ampla, muito aberta. Não me considero, inclusive respondi isso no questionário, não me defino como educadora em solos. Como também não me defino como pedóloga, embora tenha uma carreira de vivência e experiência, formação em pedologia. Poderia me intitular pedóloga, mas não me intitulo. Então fico com a minha formação, digamos que formal. Eu sou geógrafa, geógrafa física, com especialidade em solo, em solo relevo. Inclusive, assim que me defino e atuo, como professora e procuro construir esse profissional com um olhar mais amplo sobre os solos. (Profissional 30)

Nesse sentido, sua autodenominação foi relacionada à graduação e à pós-graduação, a partir delas e de seus estudos desenvolveu uma forma interessante de pensar o solo:

O solo não é só sobre aquele lugar onde a gente constrói as nossas casas, constrói as cidades, planta e cultiva, cria animais. Mas como um elemento da paisagem e como uma peça nesse nosso planeta tão importante. E uma peça que conta histórias. E que conta histórias desse planeta, histórias do passado, histórias atuais e que podem nos ajudar a conviver melhor com esse planeta e ter um futuro melhor. Então, a minha atuação, principalmente mais recente nos últimos 5 anos, ela prioriza essa visão que foi crescendo em mim cada vez mais, e eu fui estudando e buscando os conhecimentos e buscando os contatos com as pessoas e trocando com as pessoas que pudessem cada vez mais contribuir com a minha formação dessa visão que é a visão patrimonial do solo. O solo é muito mais do que um recurso natural, do que um bem capital, ele é um patrimônio natural. E aí o desafio de identificar quais aqueles que poderiam ser considerados mais importantes e que a gente possa de fato proteger. Nós não podemos proteger todos, porque precisamos

viver. Uma parte disso precisa estar resguardada para as futuras gerações, efetivamente resguardada. (Profissional 30)

A análise das narrativas dos profissionais que não se autodenominaram Educadores em Solos, seja pelo que compreendem como o que é ser educador ou pelo sentido que conferem à prática pedagógica, revelou uma diversidade de perspectivas e abordagens que enriquecem o campo da Educação em Solos, trazendo contribuições significativas, abrangendo desde a integração pedagógica e interdisciplinar até a reflexão crítica sobre as relações entre sociedade e meio ambiente, sociedade e solo.

3.5.4 PROCESSO DE FORMAÇÃO FORMAL DE EDUCADORES EM SOLOS

Compreendendo os processos de formação dos profissionais analisados, os quais na totalidade promovem a Educação em Solos, identificamos que um processo de formação formal de formação em Educação em Solos precisaria de ambiente, ferramentas e metodologia para o educador em formação:

- ser protagonista e consciente do seu processo de formação;
- considerar sua história de vida, bem como a autoreflexão e autoformação;
- valorizar seus saberes e processos de reflexão e oportunidades de ressignificação;
- construa o conhecimento em solos de forma dialógica com base em suas vivências cotidianas e respeite sua cultura e saberes;
- compreenda o solo de forma ampla e nas suas diferentes perspectivas: o solo na produção, o solo como sistema dinâmico, o solo na paisagem, o solo como manto que cobre a rocha, o solo como conteúdo, o solo como arte, o solo como história, o solo como cultura, o solo como patrimônio da humanidade;
- compreenda a função social da Educação em Solos;
- exerça a prática de forma imbricada nos valores de responsabilidade, solidariedade, autonomia, coletividade, respeito, amor;
- compreenda a importância de refletir e transformar a própria prática, a partir de vivências e reflexões das aprendizagens promovidas por elas.

3.6. CONCLUSÕES

A partir das narrativas dos Educadores em Solos analisados, a (re)construção da identidade de Educadores em Solos aconteceu de forma permanente e ao longo das vidas deles, por meio de processos de hetero, eco, autoformação. Esses processos tramaram as aprendizagens da vida com as aprendizagens acadêmicas. O ser Educador/a em Solos foi influenciado por vivências familiares, sociais, escolares, acadêmicas, profissionais, assim como pela reflexão e reelaboração da prática. Portanto, foi evidenciado a importância da experiência de vida na formação dos participantes da pesquisa, formação compreendida como experiencial.

Os profissionais que não se autodenominaram Educadores em Solos apresentaram reflexões e sentidos importantes, que podem ampliar as discussões sobre o que é Educação em Solos, por quem ela é promovida, como o solo é compreendido na Educação em Solos, e como se constitui o Educador em Solos. Esses aspectos compõem temas relevantes de pesquisa futura que podem contribuir para a consolidação da área de conhecimento Educação em Solos

3.7 REFERÊNCIAS

- Abrahão, M. H. M. B. (2004) Pesquisa (auto)biográfica – tempo, memória, narrativas. Em M. H. M. B. Abrahão (Org.). *A aventura (auto)biográfica – teoria & empiria*. (pp.201-224). EDIPUCRS
- Bardin, L. (2020). *Análise de conteúdo*. Edição 70.
- Bruner, J (1997). *Atos de Significação*. Artes Médica.
- Dubar, C. (2005). *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. Editora Livraria Martins Fontes.
- Delors, J. (2006). *Educação um tesouro a descobrir* (10ªed.). Cortez.
- Delory-Momberger, C. (2008). *Biografia e Educação: Figuras do indivíduo-projeto*. Editora da UFRN.
- Dominicé, P. (2010). O processo de formação e alguns de seus componentes relacionais. Em A. Nóvoa, & M. Finger (Eds). *O método (auto)biográfico e a formação* (pp 61-79). Paulus.
- Freire, P (2001). *A educação na cidade* (5ªed.). Cortez.

Freire, P (2020). *Pedagogia da autonomia saberes necessários à prática educativa*. (66ªed.). Paz & Terra.

Galvani, P. (2002). A autoformação, uma perspectiva transpessoal, transdisciplinar e transcultural. Em A. Sommerman, & M. F. de Mello, & V. M. Barros (Eds.). *Educação e transdisciplinaridade II* (pp 95-121). Triom/UNESCO.

Josso, M. C. (2010b). *Experiências de vida e formação*. PAULUS/EDUFRN.

Josso, M. C. (2014). Processo autobiográfico do conhecimento da identidade evolutiva singular-plural e conhecimento da epistemologia existencial. *Revista Mexicana de Investigación Educativa*, 19(62), 735-761. (Tradução de Fabiane Puntel Basso).

Lima, M. R. *et al.* (2020). (Orgs). *Iniciativas de educação em solos no Brasil*. Sociedade Brasileira de Ciência do Solo.

Muggler, C.C., Sobrinho, F de A. P., Machado, V. A. (2006). Educação em Solos: princípio, teoria, métodos. *Revista Brasileira de Ciência do Solo*. 733-740.

Muggler, C.C., Lima, M.R., Silva, V., & Vezzani, F.M. (2022). História e produção acadêmica da educação em solos no Brasil. Em F. M. Vezzani, M.R. Lima, V. Silva, & C. C. Muggler. *Educação em solos* (pp. 12-32). SBCS.

Nepomuceno, N. A. (2021) Simpósios brasileiros de educação em solos: autores, temas e paradigmas nos resumos publicados. 2021. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência do Solo, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

Nóvoa, A. (2002). *Formação de professores e trabalho pedagógico*. Educa.

Nóvoa, A. (2013). *Vidas de Professores*. 2ª ed. Porto Editora.

Passeggi, M. da C. (2010). Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. Em M. da C. Passeggi, & B. V. da Silva (Orgs.). *Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação* (pp.103-130). Cultura Acadêmica.

Pineau, G. (1989). La formation expérientielle em auto-, éco- et co-formation. Paris, *Education Permanente*, n. 100/101.

Pineau, G (2003). *Temporalidades na formação* (1ªed). Triom.

Pineau, G. (2010). A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação. Em A. Nóvoa, & M. Finger (Eds). *O método (auto)biográfico e a formação* (pp 61-79). Paulus.

Primavesi, A. (1997). *Agroecologia ecosfera, tecnosfera e agricultura*. Nobel.

Vezzani, F. M., Lima, M. R., Silva, V., & Muggler, C. C. (Orgs.). (2022). *Educação em Solos*. SBCS.

4. CONCLUSÃO GERAL

A Pesquisa (Auto)biográfica nos possibilitou, por meio das narrativas autobiográficas dos Educadores em Solos, compreender a complexidade dos processos de formação. Os Educadores em Solos se formaram ao longo da vida de forma permanente, por meio de processos de hetero, eco, autoformação. Esses processos tramaram as aprendizagens da vida com as aprendizagens acadêmicas. O ser Educador/a em Solos foi influenciado por vivências familiares, sociais, escolares, acadêmicas, profissionais, assim como pela reflexão e reelaboração da prática. Portanto, podemos afirmar que a formação dos participantes da pesquisa é experiencial.

A partir dos processos de formação dos profissionais analisados, os quais na totalidade promovem a Educação em Solos, foi possível identificar elementos necessários para pensar em um processo de formação formal para Educação em Solos.

Por fim, essas compreensões reforçam a necessidade e importância de promover pesquisas e processos formais de formação que abordem a complexidade das histórias de vida e trajetórias de formação dos sujeitos, além de incentivar a reflexão sobre si e sobre a prática educacional e a (trans)formação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa é um convite para refletir sobre as próprias vivências e conhecê-las como fontes de conhecimento. Ela nos instiga a questionar: afinal o que aprendemos com a vida que vivemos? Com nossa trajetória profissional? Com a nossa prática educacional? Como educadora-pesquisadora, essa pesquisa me oportunizou a leitura de narrativas autobiográficas de 32 pessoas, com elas refleti, aprendi, me emocionei. Foram 32 pessoas com histórias potentes que com certeza fizeram a diferença na minha (trans)formação.

6 REFERÊNCIAS

- Abrahão, M. H. M. B. (2004) Pesquisa (auto)biográfica – tempo, memória, narrativas. Em M. H. M. B. Abrahão (Org.). *A aventura (auto)biográfica – teoria & empiria*. (pp.201-224). EDIPUCRS
- Abrahão, M. H. M. B. (2005). Pesquisa Autobiográfica: contribuição para a História da Educação e de educadores no Rio Grande do Sul. *Revista Educação*, 30(02), 139-156.
- Abrahão, M. H. M. B. (2024). Pesquisa (Auto)biográfica no Brasil: da aventura a insubordinação. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica*, 09(24), 01-12.
- Bardin, L. (2020). *Análise de conteúdo*. Edição 70.
- Bruner, J (1997). *Atos de Significação*. Artes média.
- Bruner, J. (2002). *Fabricando histórias: direito, literatura, vida*. Letra e Voz.
- Buena, B. O. et al. (2006). Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). *Revista Educação e Pesquisa*, 32(02), 385-410.
- Câmara, S. C. X. da. & Passeggi, M. da C. (2013) Memorial autobiográfico: uma tradição acadêmica no Brasil. Em M. C. Passeggi, & P.P. Vicentini & E. C. Souza (Orgs.). *Pesquisa (auto)biográfica: narrativas de si e formação* (pp. 29-47). CRV.
- Candau, J. (2023). *Memória e identidade*. Editora Contexto.
- Couceiro, M. Do L. P. (2002). O porquê e para quê do uso das histórias de vida. Em M. Malpique. *Histórias de vida* (pp.155-160). Campos das letras.
- Courtois, B. (1995). L'expérience formatrice entre auto et écoformation. Paris, *Education Permanente*, n. 122.
- Delory-Momberger, C. (2006). Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. *Revista Educação e Pesquisa*, 32(02), 359-371.
- Delory-Momberger, C. (2008). *Biografia e Educação: Figuras do indivíduo-projeto*. Editora da UFRN.
- Delory-Momberger, C. (2016) A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica*, 01(01), 133-147.
- Delors, J. (2006). *Educação um tesouro a descobrir* (10ªed.). Cortez.

Dominicé, P. (2010). O processo de formação e alguns de seus componentes relacionais. Em A. Nóvoa, & M. Finger (Eds.). *O método (auto)biográfico e a formação* (pp 61-79). Paulus.

Dubar, C. (2005). *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. Editora Livraria Martins Fontes.

Ferrarotti, F. (2010). Sobre a autonomia do método biográfico. Em A. Nóvoa, & M. Finger (Eds.). *O método (auto)biográfico e a formação* (pp 61-79). Paulus.

Freire, P. (2001). *A educação na cidade*. 5ª ed. Cortez.

Freire, P. (2020). *Pedagogia da autonomia saberes necessários à prática educativa*. (66ª ed.). Paz & Terra.

Freire, M. M. (2009). Formação tecnológica de professores: problematizando, refletindo, buscando. Em U. Soto, & M. F. Mairink, & I. Gregolin (Orgs.). *Linguagem, educação e virtualidade: experiências e reflexões* (pp. 13-28). Editora: Unesp.

Galvani, P. (2002). A autoformação, uma perspectiva transpessoal, transdisciplinar e transcultural. Em A. Sommerman, & M. F. de Mello, & V. M. Barros (Eds.). *Educação e transdisciplinaridade II* (pp 95-121). Triom/UNESCO.

Izquierdo, I. (2007). *A arte de esquecer: cérebro, memória e esquecimento*. 3ª ed. Vieira & Lent.

Josso, M. C. (2007). A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. *Revista Educação*, 03, 413-438.

Josso, M. C. (2009). O caminhar para si: uma perspectiva de formação de adultos e de professores. Entrevistador: Margaréte May Berkenbrock-Rosito. *Revista @mbienteeducação*, 02(02), 136-139.

Josso, M. C. (2010a). *Caminhar pra si*. EDIPUCRS.

Josso, M. C. (2010b). *Experiências de vida e formação*. PAULUS/EDUFRN.

Josso, M. C. (2014). Processo autobiográfico do conhecimento da identidade evolutiva singular-plural e conhecimento da epistemologia existencial. *Revista Mexicana de Investigación Educativa*, 19(62), 735-761. (Tradução de Fabiane Puntel Basso).

Lima, M. R. et al. (2020). (Orgs.). *Iniciativas de educação em solos no Brasil*. Sociedade Brasileira de Ciência do Solo.

Moita, M. C. (2013). Percursos de formação e de transformação. Em A. Nóvoa (Org.). *Vidas de Professores*. 2ed. (pp. 111-140). Porto Editora.

Morin, E. (2008). *O método 3: conhecimento do conhecimento*. 4ª ed. Sulina.

Morin, E. (2014). A noção de sujeito. Em D. F. Schnitman (Org.). *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Trad. de Jussara Haubert Rodrigues.

Muggler, C.C., Sobrinho, F de A. P., Machado, V. A. (2006). Educação em Solos: princípio, teoria, métodos. *Revista Brasileira de Ciência do Solo*.

Muggler, C.C., Lima, M.R., Silva, V., & Vezzani, F.M. (2022). História e produção acadêmica da educação em solos no Brasil. Em F. M. Vezzani, M.R. Lima, V. Silva, & C. C. Muggler. *Educação em solos* (pp. 12-32)N. SBCS.

Nepomuceno, N. A. (2021) Simpósios brasileiros de educação em solos: autores, temas e paradigmas nos resumos publicados. 2021. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência do Solo, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

Nóvoa, A. (2002). *Formação de professores e trabalho pedagógico*. Educa.

Nóvoa, A. (2010). Prefácio. Em M. C. Josso. *Experiências de vida e formação*. PAULUS/EDUFRN.

Nóvoa, A. (2013). *Vidas de Professores*. 2ª ed. Porto Editora.

Passeggi, M. da C. (2000). Memorial de formação: processos de autoria e de (re)construção identitária. III Conferência de Pesquisa Sócio-cultural, Campinas.

Passeggi, M. da C. (2008) Prefácio. Em C. Delory-Momberger. *Biografia e Educação: Figuras do indivíduo-projeto*. Editora da UFRN.

Passeggi, M. da C. (2010). Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. Em M. da C. Passeggi, & B. V. da Silva (Orgs.). *Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação* (pp.103-130). Cultura Acadêmica.

Passeggi, M. da C. (2020). Enfoques narrativos en la investigación educativa brasileña. *Revista Paradigma*, 51, 57-79.

Passeggi, M. da C. (2021). Reflexividade narrativa e poder auto(trans)formador. *Revista Práxis Educacional*, 17(44), 01-12.

Passeggi, M. da C.; Souza, E. C. de. (2017). O movimento (auto)biográfico no Brasil: esboço de suas configurações no campo educacional. *Revista Investigacion Cualitativa*, 6-26.

Perrenoud, P. (2000). *10 novas competências para ensinar*. Artmed.

Pineau, G. (1989). La formation expérientielle em auto-, éco- et co-formation. Paris, *Education Permanente*, n. 100/101.

Pineau, G (2003). *Temporalidades na formação* (1ªed). Triom.

Pineau, G. (2006). As histórias de vida e formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. *Revista Educação e Pesquisa*, 32(02), 329-343.

Pineau, G. (2010). Aprender a habitar a TERRA: ecoformação e autobiografias ambientais. Em M. da C. Passeggi, & E. C. Souza (Orgs.). *(Auto)biografia: formação, territórios e saberes* (pp. 47-66). Editora da UFRN.

Pineau, G.; Le Grand, J. (2012). *As histórias de vida*. Editora da UFRN,

Primavesi, A. (1997). *Agroecologia ecosfera, tecnosfera e agricultura*. Nobel.

Primavesi, A. M. (2009). Cartilha do solo: como reconhecer e sanar seus problemas. Fundação Mekiti Okada.

Rousseau, J. J. (2004). *Emílio ou da Educação*. 3ªed. Martins Fontes.

Schön, D. (2000). Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Artes médicas.

Souza, E. C. (2008). (Auto)biografia, identidades e alteridade: modos de narração, escritas de si e práticas de formação na pós-graduação. *Revista Fórum Identidades*, 04, 37-50.

Souza, E. C. (2011). Territórios das escritas do eu: pensar a profissão – narrar a vida. *Educação*, 34(02), 213-220.

APÊNDICE 1 – PARTE 1 DO DOCUMENTO ENVIADO AOS PARTICIPANTES DA PESQUISA



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ
SETOR AGRÁRIAS
PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO DE CIÊNCIA DOS SOLO**



Prezado/a ... , você está sendo convidado/a a participar da pesquisa na área de Educação em Solos, que fará parte da Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciência do Solo da Universidade Federal do Paraná. Essa pesquisa é de responsabilidade da Professora Pesquisadora Dr^a Fabiane Machado Vezzani e da Pesquisadora Assistente pós-graduanda Julimeiry da Silva Przybycien.

Primeiramente, por gentileza, responda: Você se autodenomina Educador em Solos?

() sim

() não

Desenvolve projeto de pesquisa, extensão, ministra aulas de Educação em Solos, desenvolve cursos ou ações educacionais na área de Educação em Solos?

() sim

() não

Se sim, descreva aqui:

APÊNDICE 2 – PARTE 2 DO DOCUMENTO ENVIADO AOS PARTICIPANTES DA PESQUISA – ROTEIRO CRÍTICO REFLEXIVO



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ
SETOR AGRÁRIAS
PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO DE CIÊNCIA DOS SOLO**



ROTEIRO PARA ESCRITA DAS NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICAS

A área de Educação em Solos é relativamente nova e busca se consolidar como área do conhecimento. Um dos pressupostos de uma área de conhecimento é a caracterização dos seus atores, referente a quem são, o que fazem, do porquê são e do porquê que fazem o que fazem. E com isso refletir sobre como é que nos transformamos naquilo que dizemos ser?

É com essa intencionalidade que esse roteiro foi elaborado.

1. Perfil Biográfico:

- Nome:
- Idade:
- Formação Acadêmica:
- Atuação Profissional/Tempo:
- Cidade/Estado:

Abaixo estão dois conjuntos de perguntas que objetivam promover uma análise reflexiva sobre sua trajetória pessoal e profissional, abordando relações, vivências, ações, cursos, projetos que contribuíram para sua forma de ser/pensar/agir. Pois a formação dos sujeitos se dá em três dimensões (Rousseau, 2004). Conforme este autor, o processo de formação ocorre ao longo da vida através daquilo que considera os três mestres: os homens (na relação uns com os outros), as coisas (através da experiência causada pelos objetos que nos afetam), e a natureza humana (relacionada ao desenvolvimento das habilidades cognitivas e dos órgãos). Com esse pensar desenvolva uma narrativa que contemple “Como você se constitui/constituiu?”

1. Segundo Delory-Momberger (2008, p. 35) “o ser humano apropria-se de sua vida e de si mesmo por meio de histórias. Antes de *contar* essas histórias para comunicá-las aos outros, o que ele vive só se torna *sua vida* e ele só se torna ele mesmo por meio de figurações com as quais representa sua existência”. Com esse pensar e ainda provocados por Josso (2010, p. 76) que indaga “como é que eu tenho as ideias que tenho?”. Construa uma narrativa sobre sua história de vida tramando com a sua formação. Nela você precisa “viajar” pelas suas memórias, e narrar momentos, lugares, relações humanas (familiares, sociais), vivências, que marcaram sua forma de ser/pensar/agir.

2. Freire afirma que:

Ninguém começa a ser educador numa certa terça feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática. (FREIRE, 2001).

Corroborando com ele, Nóvoa acrescenta:

A formação não se constrói somente pela acumulação de conhecimentos e técnicas desenvolvidas durante o curso, mas num movimento de flexibilidade crítica sobre a prática e re-construção permanente da identidade pessoal e da profissão, consequentemente. (...) os momentos de balanço retrospectivo sobre os percursos pessoais e profissionais são, também, momentos de formação e investigação. (NÓVOA, 2002, p. 39)

Motivados por Paulo Freire e António Nóvoa, construa uma narrativa reflexiva relatando seu início e trajetória profissional, assim como suas práticas/ações/projetos. Será importante refletir sobre como fundamenta e qual é a intencionalidade da sua prática/ações/projeto. Motivada por quais valores? Quais os principais desafios que encontrou/encontra na sua profissão e na área em que atua?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Delory-Momberger, C (2008). Biografia e educação – Figuras do indivíduo-projeto. UFRN.

Freire, P (2001). A educação na cidade (5ªed.). Cortez.

Josso, MC (2010). Da formação do sujeito ... ao sujeito da formação. In Nóvoa, A.; Finger, M (Eds). O método (auto)biográfico e a formação (p.61-79). Paulus.

Nóvoa, A (2002). Formação de professores e trabalho pedagógico. Lisboa: Educa.

Rousseau, J.J (2004). Emílio ou da Educação(3ªed). Martins Fontes.

APÊNDICE 3 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: A Formação do Educador em Solos
Pesquisador/a responsável: Fabiane Machado Vezzani
Pesquisador/a assistente: Julimeiry da Silva Przybycien
Local da Pesquisa: internet

Você está sendo convidado/a a participar de uma pesquisa. Este documento, chamado “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” visa assegurar seus direitos como participante da pesquisa. Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para tirar suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou depois de assiná-lo, você poderá buscar orientação junto a equipe de pesquisadores. Você é livre para decidir participar e pode desistir a qualquer momento, sem que isto lhe traga prejuízo algum.

A pesquisa intitulada **A formação dos Educadores em Solos é experiencial**, tem como objetivo investigar os processos considerados formativos pelos Educadores em Solos. Participando do estudo você está sendo convidado/a a construir, no período de 30 dias, duas narrativas. A primeira será sua História de Vida e formação profissional, evidenciando os processos considerados formativos ao longo da sua vida. A segunda será uma narrativa crítico-reflexiva sobre sua prática/ação/projeto na área de Educação em Solos.

Desconfortos e riscos: Esta pesquisa pode gerar um desconforto devido as memórias sobre sua formação. Entretanto o profissional não é obrigado a narrar, caso sinta-se desconfortável, e terá a liberdade para cessar sua participação na pesquisa a qualquer momento.

Benefícios: A produção das narrativas podem contribuir no processo de formação permanente dos sujeitos envolvidos. E ainda contribuir para a constituição de um processo formal de formação de Educador em Solos assim como o fortalecimento da área de conhecimento.

Os dados obtidos para este estudo serão utilizados unicamente para essa pesquisa e armazenados pelo período de cinco anos após o término da pesquisa, sob responsabilidade do (s) pesquisador (es) responsável(is) (Resol. 466/2012 e 510/2016).

() Permito a gravação de imagem, som de voz e/ou depoimentos unicamente para esta pesquisa e tenho ciência que a guarda dos dados são de responsabilidade do(s) pesquisador(es), que se compromete(m) em garantir o sigilo e privacidade dos dados.
() Não permito a gravação de imagem, som de voz e/ou depoimentos para esta pesquisa.

Ressarcimento e Indenização: As despesas necessárias para a realização da pesquisa não são de sua responsabilidade e você não receberá qualquer valor em dinheiro pela sua participação. Você terá a garantia ao direito à indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa.

Resultados da pesquisa: Você terá garantia de acesso aos resultados da pesquisa através de artigo científico e dissertação de mestrado.

Contato:

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com as pesquisadoras Fabiane Machado Vezzani e Julimeiry da Silva Przybycien, responsáveis por este estudo. Elas poderão ser localizadas no Departamento de Solos e Engenharia Agrícola do Setor de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Paraná, Rua dos Funcionários, 1540, Juvevê, Curitiba-PR, Brasil, CEP: 80035-050 | Fone: (041) 3350-5648, ou pelo e-mail:fabianevezzani@gmail.com, meiry.przybycien@ufpr.br , para esclarecer eventuais dúvidas que você possa ter e fornecer-lhe as informações que queira, antes, durante ou depois de encerrado o estudo. Em caso de emergência, você também pode contatar neste número, em qualquer horário: Julimeiry Przybycien (41) 991311834.

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais do Setor de Ciências Humanas (CEP/CHS) da Universidade Federal do Paraná, rua General Carneiro, 460 – Edifício D. Pedro I – 11º andar, sala 1121, Curitiba – Paraná, Telefone: (41) 3360 – 5094 ou pelo e-mail cep_chs@ufpr.br.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP): O papel do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem por objetivo desenvolver a regulamentação sobre proteção dos seres humanos envolvidos nas pesquisas. Desempenha um papel coordenador da rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) das instituições, além de assumir a função de órgão consultor na área de ética em pesquisas.

Este documento é elaborado em duas vias, assinadas e rubricadas pela pesquisadora e pela/o

participante/responsável legal, sendo que uma via deverá ficar com você e outra com a pesquisadora.

Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da UFPR sob o número CAAE nº [campo a ser preenchido após a aprovação] e aprovada com o Parecer número [campo a ser preenchido após a aprovação] emitido em [data - campo a ser preenchido após a aprovação].

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter lido este documento com informações sobre a pesquisa e não tendo dúvidas, informo que aceito participar.

Nome do/a participante da pesquisa:

(Assinatura do/a participante da pesquisa ou nome e assinatura do seu RESPONSÁVEL LEGAL)

Data: ____/____/____.

APÊNDICE 4 – GRELHAS DE ANÁLISE DA FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS QUE SE AUTODENOMINARAM EDUCADORES EM SOLOS

CATEGORIA DE ANÁLISE	SUBCATEGORIA DE ANÁLISE	UNIDADE DE REGISTRO
HETEROFORMAÇÃO	FAMILIAR	P1 “Filho de agropecuarista com base na agricultura familiar, desde cedo conciliou o trabalho no campo (“roça”) com as atividades escolares, brincadeiras e sociais.”
		P2 “Sou filha e neta de professoras do ensino básico e como ambas, minha trajetória profissional teve início aos 16 anos de idade, quando, finalizando o magistério...”
		P6 “A trajetória de um filho de um trabalhador rural”
		P7 “... à vida familiar, tive a sorte de ter uma família bem estruturada que sempre ensinou que o respeito e a educação são fundamentais nas relações sociais e familiares.”; “contarei como a “genética artística” de meus pais se manifestou em mim. Pois é... Além da facilidade de falar sobre ciência dos solos com o público de forma mais informal, também tenho o dom de artes manuais, o que me permite fazer matérias didáticos lúdicos utilizando técnicas artesanais como, por exemplo, o papel machê, colagem (papietagem), pintura, trabalho em madeira, modelagem....”
		P8 “... filho de agricultores e professores do estado do [estado federativo] no ensino fundamental e técnico nas áreas de, respectivamente de biologia e matemática, história e geografia, que me ensinaram valores e crenças fundamentais para minha vida... . Irmano de [nome próprio], biólogo e professor de Ecologia – [sigla da universidade], e de [nome próprio], professora de História no ensino médio e fundamental em [cidade e estado]. Marido de [nome próprio], engenheira agrônoma, Drª em Tecnologia de Sementes, Professora da [sigla da universidade], aposentada por invalidez, com quem compartilho há 35 anos o amor, cumplicidade, respeito e valores humanos, com quem geramos [nome próprio], 34 anos, Tecnóloga em Gastronomia, e [nome próprio], 32 anos, casado com [nome próprio], Médicos, filhos que fortalecem nosso amor e gratidão pela vida. Genro de [nome próprio] (in memorian) e [nome próprio] – [cidade/estado]. Essas pessoas (e muitas outras) foram e são fundamentais para minha formação moral, ética e profissional, e forjaram ensinamentos e valores que mantenho como educador.

	P9 "(...)bullying. Naquele tempo isso era parte da vida e do mundo. Isto, aliado a um ambiente familiar conflituoso marcaria a minha forma de me colocar no mundo por muitos anos (...): "A terceira filha mulher de um pai que desejava filhos homens. Isso fez com que eu criasse uma forte relação com a minha mãe e desenvolvesse desde cedo grande autonomia e independência.";
	P10 "Aos 5 anos de idade eu pedi a minha mãe que me matriculasse na escolinha. (...) Não sei de onde veio este desejo, mas creio que foi um incentivo da minha mãe, que desde cedo comprava régua, lápis, canetinhas e outros materiais escolares para mim."; "Venho de uma família simples, de pais que apenas cursaram o que se chama hoje de Fundamental I."
	P11 "... família humilde, filha de um pai pedreiro e uma mãe dona de casa e agricultora. Ambos originários da região do [estado federativo], território que carrega marcas, histórias, o solo onde mantenho firmes os meus pés e que desde o ano de 2014 se fez a minha casa."; "... o encantamento por ler e estudar fez morada em mim, não sei se por vontade própria, ou por ouvir os conselhos da minha mãe que sempre me dizia que o caminho é estudar ..."
	P12 "... em que todos somos responsáveis por melhorar o ambiente onde vivemos. As minhas relações familiares também sempre foram nesta direção..."
	P13 "Minha mãe, professora, trabalhava nos turnos da manhã e tarde, e durante parte da minha infância, estudava no turno da noite na busca por um diploma de nível superior. Ela viria a se formar em [área do conhecimento] anos depois. Meu pai provavelmente não terminou o ensino médio. Em minhas primeiras lembranças de sua relação com o trabalho ele já era aposentado pelo estado (havia exercido a função de radio telegrafista) e tinha licença para realizar o transporte de passageiros em uma cooperativa de táxi. Ele saía antes do dia amanhecer, almoçava em casa e normalmente trabalhava por todo o período da tarde e parte da noite. Neste contexto, todos os filhos, desde pequenos, tinham obrigações com os afazeres da casa. Desde tarefas simples (como organizar arrumar a cama e o quarto), até outras mais dispendiosas, como lavar banheiro, arrumar a cozinha, acompanhar irmãs mais novas nas tarefas da escola, entre outras."; "Creio que dar condições aos filhos para o ingresso no ensino superior sempre foi uma das principais preocupações de minha mãe."; "Meu pai não acompanhava de perto nosso desempenho escolar, mas se esforçava muito para inserir práticas esportivas, de lazer e aventura em nosso dia a dia. Sempre praticava e nos incentivava a praticar diversos esportes, confeccionava lindas pipas, papagaios e raíais, quando possível nos levava para acampar, mesmo que no gramado de tios com melhores condições financeiras."; "...e todos os anos a grande expectativa era a chegada das férias, quando íamos para [cidade/estado], visitar outros tantos tios, tias, primos e primas e especialmente minha avó e avô materno."; Na transição dos 17 para os 18 anos ocorreu uma grande mudança em meu modo de pensar e agir. Meu irmão foi morar sozinho e a distância física acabou nos

	aproximando. Passei a acompanhá-lo em algumas viagens de fim de semana para cachoeiras e áreas naturais nos arredores de [cidade] e durante as férias explorávamos as montanhas de [estado federativo]. Passei a me interessar mais pela natureza e pelos recursos naturais e tinha interesse em trabalhar em Unidades de Conservação.”; “Na época não tinha nenhum vínculo com as questões rurais e agrárias. A não ser a visão bucólica e ingênua da “vida no campo”. Meu avó foi um homem apaixonado pelas plantas e pela agricultura. Até aquele momento nenhum dos vários tios, tias, primas e primos havia estudado na [sigla da universidade] e muito menos se interessado pelas Ciências Agrárias.”
	P14 “Eu sou a filha mais nova de um casal de um caminhoneiro e uma dona de casa, ao todo somos 8 irmãos, sendo 7 mulheres e um homem.”; “E no ano seguinte fui visitar parentes em [cidade], no norte do [estado federativo]. E acabei sendo convidada por uma prima, para morar com ela e fazer curso pré-vestibular. Fiz então 4 meses de cursinho a noite e trabalhava o dia todo, tive dois trabalhos primeiro de caixa de supermercado e depois de secretária.”
	P15 “... minha esposa é descendente de japoneses, (...) conheci a família dela, todos eles agricultores e que sempre trabalharam com Terra, com roça, tocando Terra. Uma média propriedade de Terra. Tudo muito simples. E eu fui começando a pegar gosto por Solo.”; “Eu ia muito com o meu sogro para a roça, para acompanhar, eu ia carpir com ele e tudo isso.”;
	P16 “Antes de começar a frequentar a escola, tive a minha primeira professora, [nome próprio], em uma garagem dei os meus primeiros passos para o mundo misterioso do saber.”
	P17 “Sou filho de agricultor e dona de casa e sempre tive uma ligação com o meio rural.”; “A minha forma de pensar e agir hoje foi construída ao longo da minha vida de convivência no meio rural com pessoas simples e de vivência direta e integrada ao meio ambiente, meu maior exemplo foi com o meu pai que foi um lavrador de pouca leitura mas muito sábio e que cuidava do solo com todo o carinho e respeito porque sabia que era dali que retirava o sustento para 9 filhos. Lembro do cuidado de realizar a prática do pousio e dizia que a “terra tinha que descansar”. Não tenho dúvidas que foi essa vivência no meio rural e principalmente o carinho que o meu pai tinha pelo solo que me orientou e determinou a minha vocação de atuar na ciência do solo.”
	P18 “Meus pais eram professores de escola pública e isso sem dúvida teve uma influência determinante na minha formação e nas minhas escolhas.”; “Meu pai trabalhava as matérias de Hortas Escolares e Técnicas Agrícolas na escola pública onde eu estudava.”

	P20 "... a minha mãe não me incentivava, pois sempre contava que minha avó professora vivia cansada com a profissão e a própria sociedade em si não nos faz admirar a docência."
	P23 "[nome próprio], meu amado pai, agricultor familiar, que tirou do solo o sustento da família e ainda paga suas contas por meio desse recurso incrível. Entretanto, sabe o que quero mesmo te falar sobre meu pai? Que ele ensinou que minha palavra precisa e deve valer mais que a assinatura em qualquer papel! O meu maior aprendizado com esse homem honrado e às vezes cabeça dura: TENHA PALAVRA!"; [nome próprio]", minha mãe é sinônimo de BONDADE, não há outro ensinamento maior que poderia me oferecer. A dona de casa de coração bom, que não mede esforços para oferecer seu melhor a quem precise, sempre mostrou por ações que bondade é sua essência.";
	P24 "Sou neta de [nome próprio] e [nome próprio], avós maternos; [nome próprio] e [nome próprio], paternos, de origem africana e europeia, respectivamente. Enquanto os maternos eram meeiros em estabelecimentos rurais com cultura predominante de algodão no oeste paulista, os paternos produziam café em terra própria na região de [cidade] e [cidade/estado]. Cresci ouvindo "causos" da roça, verdadeiras ou não, relato de muito trabalho, crises, arrependimentos, culpa, "pragas" e gratidão."; "Sou filha de [nome próprio] e [nome próprio], ambos do campo, mas o encontro se fez na cidade: ele, patrão; ela, sem estudo, sem profissão; ele, ex. fazendeiro, ex. sapateiro, agora paraplégico, aposentado; ela, moça nova, a provedora, trabalhadora; ele, educador, cozinheiro, conselheiro, ouvinte, pensador."; "Por conta do tratamento da pólio, fui para a escola tardiamente. Meu pai, cadeirante, o "dono de casa", nos apresentou as primeiras letras, a importância da educação, da adubação orgânica (todos os resíduos iam para a horta), do tempo de cozimento dos alimentos, do cuidado com as panelas (tudo era feito para durar), o segredo dos pregos e do martelo para reforçar sua cadeira de madeira (nunca se adaptou a cadeira de rodas) e da natureza humana. Fazia enxerto de rosas, tentava nos ensinar a língua italiana e falava muito de política. Sabido que só, imagina, nasceu em 1910, viveu 78 anos, o bastante para nos ensinar coisas que não tínhamos condições de valorizar."
	P25"Nasci no interior do [estado federativo]. Morava num sítio da minha família paterna, numa casa muito simples, de madeira, na beira da estrada. Era muito perto de uma igreja, então tudo que acontecia ali passava pela minha família porque a chave da igreja ficava na nossa casa. Apesar de ser igreja, o que mais me lembro não são das coisas ligadas à religião e sim à comunidade de agricultores. Visitas, das quais não me lembro ao certo, mas provavelmente eram de extensionistas, é o que mais me recordo."; "A minha irmã fez Magistério no Ensino Médio, e passou no curso de [área do conhecimento] da Universidade [nome], em [cidade] mesmo, que era nossa cidade. Minha irmã já sendo minha inspiração, abriu o caminho para a tão sonhada graduação na nossa família."

	P26 "Meus pais não são agricultores, e não tem nenhuma relação com a terra, mas sempre nos proporcionou momentos em contato com a natureza. Talvez nesses momentos, também de forma não intencional eles estavam colocando a semente do solo no meu coração." P27 "Meu pai era agricultor e comerciante, e a minha mãe dona de casa, mas que também o ajudava na "Venda" (nome dado a mercearia rural naquela região)."; "A minha família (...) Dos aprendizados que carrego da minha primeira infância estão o viver em grupo, ajudar o próximo, espírito de comunidade, de união entre as pessoas." P28 "Ganhei de presente da minha mãe um livro chamado Saudade, de Tales de Andrade. No livro, o narrador-personagem Mário descreve a sua infância entre o campo e a cidade. Ao atingir a juventude, Mário ingressa na [universidade], em [cidade/estado], para estudar [área do conhecimento]. Como chamavam na época, na Escola Agrícola. A partir da leitura deste livro, acendeu em mim a vontade de conhecer a [sigla universidade] e lá estudar." P29 "Entretanto, sempre tive como contraponto as histórias de fazenda, campos, florestas e animais contadas pela minha mãe na hora de dormir, além de emolduradas pela janela do quarto, as montanhas da Serra da Cantareira." P31 "Meus pais cursaram somente até a quarta série primária, pois não tiveram condições de ir além, uma vez que já eram trabalhadores em tenra idade. Meu pai era filho de agricultores de uma família numerosa em área de terra muito pequena, insuficiente para todos os filhos. O fato notável era que com tão pouca instrução eles tinham na educação a perspectiva de que os filhos tivessem uma vida melhor. O maior desejo de minha mãe era ter sido professora. Eles nos estimulavam cotidianamente para que nos dedicássemos aos estudos. Todo seu empenho, com muitas dificuldades financeiras, foi no sentido de nos proporcionar uma boa educação."
COMUNIDADE	P2 "... participei de atividades voluntárias na minha doutrina religiosa, fazendo palestras sobre cuidado com a natureza em escolas de educação básica por um período de dois anos..." P8 "... convivíamos muito com familiares agricultores, incluindo primos agrônomos que influenciaram minhas intenções futuras de ser agrônomo (somos mais de 20 primos com formação técnica)..."

	P9 "Foi uma experiência marcante de convivência com outro grupo social, uma vez que o atletismo nunca foi um esporte com status social elevado. Ali conheci pessoas maravilhosas, vivi situações inesperadas... e comecei a deixar a bolha de fantasia e alienação na qual vivia. "; " Segui com o atletismo e com o curso de francês. Pratiquei também handebol e fiz um curso de corte e costura."
	P11 "... eu estava sempre muito próxima aos agricultores locais entrevistando-os sobre a produção"; "Particpei também de um projeto do [sigla da instituição], visando elaborar um plano de desenvolvimento sustentável em assentamentos de reforma agrária e, para isso, visitei dezenas de assentamentos de reforma agrária ao longo de todo estado entrevistando os moradores e conhecendo a sua história e realidade."; "Iniciei uma formação para professor de yoga"
	P12 "... quando adolescente eu tive a oportunidade de ser escoteiro (participar do movimento escoteiro), onde tive contato, ao longo de 8 anos (dos 10 aos 18) com um método educativo não formal que utiliza e vivência em grupo, a natureza e a espiritualidade para eixos importantes para o aprender fazendo, na prática."; "No ano de 2013 eu retornei ao movimento escoteiro, agora como adulto (escotista- educador não formal), nos 8 anos seguintes fiz cursos de capacitação oferecidos pela União dos Escoteiros do Brasil, para atuação com crianças de 7 a 10 anos (lobinhos) e de 11 a 15 nos (escoteiros) ..."
	P13 "Ministrei disciplinas diversas e atuei próximo aos sujeitos do campo e da cidade."
	P15 "eu servi no quartel, servi como aluno, eu não sou soldado. Sou segundo tenente da reserva da arma de comunicações. Eu não quiz ser milico. Servi no quartel, porque eu não tinha como escapar. E mesmo no quartel eu ia muito bem também nas aulas de [área do conhecimento] e estratégia, topografia etc..."
	P20 " Sou Católica (...) entrei para a equipe de Acolhida, que tem por função ficar na porta da igreja recepcionando aos que chegam e ajudando a quem precisar ao longo das celebrações, e aos 15 anos já estava na coordenação do grupo. Essa função me exigia uma preparação para as reuniões em que eu tinha que promover leituras e explicações, organizar cronogramas e horários. Nesse sentido, eu percebi que as pessoas prestavam atenção quando eu falava e parecia existir uma conexão boa nesse processo, hoje refletindo sobre isso, vejo que talvez essa atividade tenha despertado algo que eu desconhecia."; "Na escola eu sempre gostei de fazer as pesquisas que os professores passavam e de apresentar trabalhos, mas acredito que foi na Igreja que despertei para minha atuação como formadora."

	P21 "Em 1999 ingressou no Exército Brasileiro no Núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva (NPOR) do 7º Batalhão de Infantaria Blindada (7ºBIB), na cidade de [cidade/estado]." P25 "De uma veterinária, que minha mãe chamava de doutora (pelo prestígio dos profissionais da extensão da década de 80), e que ensinava cuidar de pintinhos, galinhas no terreiro, coisas do quintal, economia doméstica. Minha mãe tinha uma profunda admiração por ela, e dizia para mim e minha irmã: "você serão como ela!" É muito marcante na minha memória essa fala." P27 "Minha família sempre foi católica, então tenho lembranças desde cedo de ir à missa (ou culto) aos domingos, rezar o terço todos juntos em família, rezar novenas em épocas específicas, participar da festa do padroeiro da comunidade. A religião sempre foi algo presente na minha vida e carrego isso até os dias de hoje."; " ... me lembro de várias conversas profundas com meus amigos, tinha muita troca de experiência de vida, muita camaradagem mesmo." P32 "No contraturno participava de grupos de teatro e me envolvia em atividades lúdicas ligadas à igreja católica."
ESCOLAR	P1 "cursou o [nome do curso técnico], na Escola [nome] – [sigla da instituição]..." P2 "... ingressei como professora no Colégio [nome], educandário coordenado pelas Freiras Franciscanas em [cidade/estado], instituição de minha formação escolar." P6 "Minha formação educacional toda da escola pública (desde as primeiras séries até o doutorado)."; "Minha relação com a educação, iniciou-se no ensino médio, fiz o curso de formação de professores, denominado de magistério." P7 "Aos 5 anos, frequentei uma escola de educação infantil"; "estudei o primário (ensino fundamental) numa escola municipal (EM [nome], em [cidade]);" "... cursei o Ginásio (...) num colégio municipal (EM [nome]), no bairro da [nome]."; "Publicidade no CE [nome], no bairro da [nome]." P8 "Realizei o ensino fundamental no Colégio [nome] em [cidade/estado], onde meus pais e irmã foram educadores e diretores durante sua trajetória profissional."; "... ensino Técnico Agrícola na Escola [nome] de [cidade/estado] em 1982."

	P9 "Aos 5 anos, comecei a frequentar a escola, em um colégio próximo a minha casa. Aos seis fui para o colégio onde a minha irmã já estudava, um colégio de freiras só para meninas. "; "Quando estava no último ano do ensino fundamental (8ª série) o colégio foi entregue pelas irmãs para a Rede Pitágoras de Ensino ... "; "Ao ingressar no segundo grau, escolhi o grupo das [área do conhecimento] e assim, fui me separando das minhas colegas de infância e criando novas referências pessoais e afetivas"
	P10 " Cursei o Ensino Fundamental, da 1ª a 8ª série na Escola [nome], localizada no bairro paulistano [nome]. Lá eu tive momentos muito bons, pois a escola tinha professores ótimos e além disso, eu ganhei vários prêmios como melhor aluna da série que eu cursava. "; " Cursei o Ensino Médio na Escola [nome], no bairro da [nome]. Era longe para mim, ir até lá de ônibus, mas tinha um bom curso de Magistério, onde me formei para começar a dar aulas para a Educação Infantil (antiga 1ª a 4ª séries) ou para a Alfabetização de Adultos. Acabei optando ela Alfabetização de Adultos, pois eu não tinha muito jeito com crianças. "; "Decidi cursar [área do conhecimento] no Ensino Médio, quando percebi que amava as aulas de [área do conhecimento] e, principalmente de [área do conhecimento]...";
	P11 "ensino médio – Técnico em Contabilidade ...";
	P13 " A maior parte dos filhos estudou a maior parte do tempo em escolas públicas. "; "Após a conclusão do curso de [área do conhecimento] (e consequente aumento de salário) minha mãe deu a oportunidade para os filhos mais novos (eu e a caçula) concluirmos o ensino médio em escola particular."
	P14 "No ensino fundamental estudei em duas escolas de um bairro da periferia de [cidade]. "; "No ensino médio estudei em uma escola estadual, na região nobre da cidade, e que ficava a 2 horas da minha casa."
	P15 "Eu sempre estudei em escola pública"; "E no internato, eu estudei, num dos internatos foram 2 anos de 76 a 1977, no Colégio [nome]"; "Minha mãe ficou muito brava comigo e me colocou mais 4 anos numa outra escola chamada [nome], que era uma escola para crianças pobres de baixa renda."; "O professor de [área do conhecimento], eu adorava ele. Ele era um cara bravo, mandava fazer mapas. E ele dizia assim (...) um país fantástico é o [país]. Ele falava tão bem do [país]. Eu nunca imaginei que um dia eu ia parar no [país] e ele sempre falava bem. Eu tirava 10 nas provas. Eu ia muito bem fazendo os mapas, adorava fazer mapas, tudo feito à mão com papel vegetal. Lá fui pegando um gosto pela [área do conhecimento]"

	P16 “Ingressei com sete anos na 1ª série na Escola de 1º Grau [nome], escola pública.”; “Destaco aqui a inesquecível professora [nome próprio], do meu primeiro e segundo ano, um modelo de educadora.”; “Ao terminar o primário, ingressei na Escola [nome] (desse período, lembro de uma professora de [área do conhecimento], [nome próprio], que exerceu forte influência no meu gosto pela leitura, pela ciência”); Terminei os meus estudos (...) na Escola [nome] e preparei-me para o vestibular.”; “Lembro muito bem dos Professores [nome próprio], de [área do conhecimento], que ao longo do ano preparou-nos em gramática, literatura e redação e do Professor [nome próprio], de [área do conhecimento]. Esses professores me despertaram o desejo de ser um professor, sempre achei muito nobre o meu ofício.”
	P17 "...14 anos e nessa idade foi quando sai de casa para estudar no colégio agrícola que é localizado no meio rural e lá completei o meu ensino médio integrado ao técnico em agropecuária."
	P18 "Também lembro da curiosidade que eu tinha pelos fenômenos da natureza e a vontade que tinha de “trabalhar em laboratório”. Nossa escola não tinha nenhum tipo de laboratório de ciências na época. Acho que as referências que eu tinha em relação a experimentos vinham das feiras de ciência, organizadas com o esforço extra dos professores, e dos programas de televisão (por ex., da TVE)."
	P20 "...fiz minha formação escolar do ensino fundamental séries iniciais, finais e ensino médio em escolas municipais e estaduais, e nessa época a educação pública em [estado federativo] tinha problemas bem maiores que os de hoje, pois dentre outras questões não se ganhava livros, nem fardamento e material escolar.”; “Ao longo da minha formação escolar fiz várias mudanças de escolha profissional, já pensei em ser médica, contadora, mas nunca falava em ser professora, acho que o ambiente em que estudei não me fazia admirar muito a profissão...”; “Programa Rumo à Universidade, que era um curso para estudantes de escola pública (...) Entrar nesse curso foi um divisor de águas na minha vida (...) e nesse curso pela primeira vez eu tive aulas de [área do conhecimento] de verdade, aos 17 anos eu descobri a existência das placas tectônicas e de toda a área de [área do conhecimento] que eu nunca tinha estudado na minha escola (...) Nesse curso também tive contato com professores admiráveis que me fizeram ver um outro lado possível da docência, e pensando também nas possibilidades do mundo do trabalho eu escolhi que faria a Licenciatura em [área do conhecimento]."
	P21 "Curso da 1ª a 4ª série na Escola [nome], em Linha Base...”; "...e da 5ª a 8ª série na Escola Estadual de 1º e 2º Graus [nome] em [cidade/estado]."

	P23 “Mas estava na quarta série, e a professora, [nome próprio] é o nome do ser de luz (...) me ensinou que sempre devo oferecer meu melhor, não importa o recurso que eu tenha.”; “Estudei todo ensino fundamental na escola rural próxima da casa de meus pais, creio que cerca de 3 a 4 km, o ensino médio era realizado apenas na cidade, e quando o cursei, era preciso acordar antes das 5 horas, caminhar até a escola rural, onde esperávamos o ônibus para nos levar à cidade. Por vezes, chovia, o ônibus não passava e eu corria para implorar ao meu pai que me levasse.”; P25 “Nessa escolinha, improvisada numa casinha velha de madeira, cheia de frestas, perto de um rio, com cobras aparecendo de vez em quando, minha esperança de estudo se retomou, e era tudo tão maravilhoso. A professora entusiasmada conseguia a missão de ensinar em meio a tantas dificuldades.”; “Depois foi construída uma escolinha melhor, num lugar mais propício para crianças e concluí ali minha primeira fase da escola. Era uma escola multisseriada, e no meu ano era apenas uma colega e eu. Eu sempre gostei de estudar, sempre tirei boas notas e sempre respeitei e admirei a educação, e em especial àquela educadora.”; “Na escola, havia somente turmas até a quarta série, então para a quinta série passei num processo seletivo, que era bastante concorrido, na Escola [nome], hoje Instituto [nome], que tinha uma escola com o segundo ciclo do ensino fundamental em parceria com a mesma. Era uma escola muito desejada na sociedade, com um ensino de excelência, com grandes oportunidades de feiras de ciências, visitas técnicas, concursos de redação, matemática, ciências, enfim, estudei ali até finalizar o fundamental, o que me trouxe uma base muito boa.”; “O Ensino Médio fiz numa escola particular...”; P27 “Ali no Colégio [nome] começou efetivamente minha formação profissional, pois era o ensino médio concomitante ao Técnico em [área do conhecimento]”; “O curso Técnico em [área do conhecimento] me forneceu uma ótima formação técnica, com professores capacitados e empenhados, quando olho para esse período vejo que tenho várias (e ótimas) referências de profissionais da educação. Alguns deles inclusive formados em Licenciatura em [área do conhecimento], curso criado inclusive para formar profissionais para as antigas Escolas Agrotécnicas Federais, hoje chamados Institutos Federais de Educação.” P28 “No colégio onde eu estudava, a única da classe a querer o curso de [área do conhecimento] era eu.” P31 “Em [nome] cursei do ensino fundamental ao ensino de segundo grau. Naquela época, para o segundo grau vigorava um projeto educacional de formação para o trabalho substituindo o curso denominado à época de “científico”. Como a cidade era muito pequena, as opções eram poucas e me restou cursar secretariado. Aprendi até mesmo noções de estenografia, mecanografia em detrimento de uma boa formação em química, física e matemática, que restaram como lacunas a serem preenchidas no ensino superior.”
--	--

	P32 "Toda a minha formação no ensino fundamental e médio foi pela rede pública de ensino e, na maior parte do tempo, morava muito próximo da escola."
ACADÊMICA	P1 " ... ingresse na Universidade [nome], no curso de [área do conhecimento]"; " ... desenvolve atividades de pesquisa junto ao Laboratório de Gênese e Classificação dos Solos, participando de grupos de pesquisa em projetos do grupo de Pedologia e Indicadores Edoambientais. Durante esse período desenvolve atividades de pesquisa nas áreas [área do conhecimento]"; "No ano de 2001, contemplado com bolsa de iniciação científica do programa CNPq/PIBIC, o que possibilitou a melhoria da qualificação acadêmica, já que as atividades consistiam na realização das análises de laboratório, interpretação dos resultados e confecção de relatórios"; "Tanto no mestrado quanto no doutorado, os trabalhos desenvolvidos tiveram uma forte relação com a gênese, morfologia e classificação dos solos, tendo interface com as áreas de química e fertilidade dos solos." P2 " ... cursava [área do conhecimento]"; " ... cursei faculdade de [área do conhecimento]..."; 1998 fiz mestrado em Manejo de solo e água na [sigla da Universidade]..." P6 " ...consegui transpor o vestibular para cursar [área do conhecimento]..."; " ... o mestrado em [área do conhecimento], na Universidade [nome] ..."; " ... doutoramento em [área do conhecimento]..." P7 "[sigla da universidade]/[área do conhecimento]"; "participei do Projeto Rondon."; "selecionado como bolsista de iniciação científica do CNPq para atuar no setor de Laboratório de Solo do Serviço Nacional de Levantamento e Conservação dos Solos (SNLCS)"; "entrei no Mestrado em [área do conhecimento] da [sigla da universidade]" . P8 "Cursei [área do conhecimento] na Faculdade [nome]"; "amigo, professor, orientador [nome próprio], do qual fui bolsista de iniciação científica em [área do conhecimento], marco importante na minha formação profissional na área de Solos"; "Mestrado em [área do conhecimento]"; "realizar o Doutorado (...) com ênfase na problemática das frequentes estiagens no oeste catarinense, a redução de produtividade em cenários hidroagrícolas relacionados ao manejo e conservação do solo e da água."

	P9 "Em 1978, ingressei no curso de [área do conhecimento] da Escola [nome], uma de três mulheres entre 100 ingressantes."; "A partir do quinto período, atuei como monitora, de mineralogia e posteriormente de mineralogia ótica, o que garantiu a minha manutenção até o final do curso."; "A partir do terceiro ano, aulas práticas com manuseio de amostras e um incrível número de aulas de campo modificaram a minha impressão e inserção no curso. A qualidade do acervo de minerais e rochas das aulas práticas e a forma como estas eram organizadas em tempos de quatro horas me encantaram, a ponto de logo me tornar monitora de mineralogia."; "... e o início da aprendizagem de uma prática pedagógica construtivista, com o professor [nome próprio], que a identificava como "método socrático"."; "A convivência com o professor [nome próprio] na disciplina de graduação me proporcionou as primeiras incursões na pesquisa e na extensão. [nome próprio] me incluiu como participante em alguns de seus projetos de pesquisa e tive a oportunidade de viajar com ele ao [estado federativo] para esboçar um projeto de pesquisa em parceria com o então agrônomo da Empresa de [nome da instituição], hoje professor da [sigla da universidade], [nome próprio], que havia sido seu orientado no mestrado. Isso despertou o meu interesse em seguir a minha formação acadêmica em solos, o que me levou a solicitar o mestrado no próprio Departamento de Solos da [sigla da universidade], já em 1985."; "Em março de 1988 me afastei para cursar o mestrado em [área do conhecimento] na [sigla da universidade], sob a orientação do professor [nome]."; "O período do mestrado em [cidade] foi intenso e precioso: uma cidade agradável, onde fiz muitos amigos e belos passeios. Ali conquistei uma ampla e consistente base conceitual em solos, a partir de uma interação muito rica com os estudantes e professores do Departamento de [área do conhecimento], em ambientes de muito diálogo e sagacidade."; "Em 1994, me afastei para cursar o doutorado na Universidade de [nome], na [país]."; "Em 2011 eu me afastei para o estágio pós-doutoral (...) Assim, em pouco menos de dois meses eu já estava em [cidade], [país] para realizar o meu pós-doutorado junto ao [nome da instituição], instituto ligado à [nome da universidade]."
	P10 "... para a Pedologia, até culminar no meu TGI, intitulado "[nome do estudo]", orientado pela Profa. Dra. [nome próprio]."; "Em 1993 ingressei no Mestrado na área de [área do conhecimento], com a mesma orientadora no TGI e na mesma área de estudo (...) me proporcionou aprofundar os conhecimentos sobre os solos da região de [cidade] e aprender mais sobre técnicas de campo e laboratório."; "No ano de 1998 eu ingressei no Doutorado sob a orientação do Prof. Dr. [nome próprio]. Resolvi mudar de área de estudo e fui estudar uma captura fluvial na Serra do Mar, mas os solos sempre estavam presentes na pesquisa..."

	P11 "[área do conhecimento], fui aprovada, mudei para [cidade] e ingressei na [sigla da universidade]".; "Desde a primeira disciplina da cadeia de Solos: Gênese e Morfologia de Solos, em eu me encantei."; "iniciação científica foi na área de Sólido economia, [nome da instituição]"; "... participava de projetos na área de Solos com orientadores da [sigla da universidade]"; "fui bolsita PIBIC/CNPq na área de Economia de Recursos Naturais"; "iníci o meu mestrado na [sigla da universidade]"; "o doutorado e no ano de 2006 eu já iniciava os meus estudos na [sigla da universidade]"; "pós-doutorado na [sigla da universidade]"; "... um pós-doutorado, onde tive a oportunidade de me dedicar a aprofundar os meus estudos em Agrofloresta e em metodologias de educação ambiental ..."
	P12 "... alguns professores importantes que me auxiliaram na caminhada em direção a pesquisa e pós-graduação, decidi seguir carreira acadêmica e me tornar um pesquisador ...";
	P13 "...me matriculei no curso de [área do conhecimento] na [nome da universidade] no ano de 2002. "; "No final da graduação iniciava o namoro com a mulher com quem me casei e pavementei meu caminho para ingressar na pós graduação."; Considero que minha trajetória profissional teve início durante minha graduação, a partir do envolvimento em projetos de pesquisa e extensão, estágios e capacitações específicas."; "... e no segundo semestre optei e ingressei no programa de pós graduação em Solos e Nutrição de Plantas [sigla da universidade]."; "A dissertação de mestrado buscou responder a um problema levantado junto às famílias assentadas nas ações dos projetos. A "invasão" de uma espécie florestal, [nome da região/estado federativo]. O tema da pesquisa instigou a ampliação do estudo e motivou a realização do doutorado no mesmo programa e instituição [sigla do programa/sigla da universidade]."
	P14 "[área do conhecimento] na [sigla da universidade]...optei pela [área do conhecimento] na...; "Continuei trabalhando no primeiro ano da graduação, e no segundo eu consegui uma bolsa de iniciação científica e meu pai aceitou pagar meu aluguel e alimentação até eu me formar. Meus projetos foram na área de Geomorfologia, a mesma que continuei no meu mestrado na [sigla da universidade], que marcou meu retorno para [cidade] em 2006. "; "Em 2011 ingressei no doutorado em [área do conhecimento]..."
	P15 "Na época da faculdade, eu entrei no curso de [área do conhecimento] em 1987, na Universidade [nome], na [sigla da universidade]"; "... tive a sorte de conhecer a Professora [nome próprio]"; "99 eu prestei as provas para o mestrado e volto aqui para [cidade], entrei no processo em 2001. Eu fui qualificar e fui direto para o doutorado. Eu não tenho mestrado. Eu tenho título de doutor direto."

	P16 “Ingressei no Curso de [área do conhecimento] da Universidade [nome] [sigla da universidade]”; “tendo sido bolsista de iniciação científica sob orientação do Prof. Dr. [nome próprio], e acompanhamento de trabalhos de mestrado e doutorado que consolidaram minha determinação em seguir uma carreira acadêmica após a graduação.”; “A Fisiologia Vegetal era ministrada pelo professor [nome próprio], a melhor aula, uma didática impecável com os poucos recursos da época; fecho os olhos e consigo ver a célula vegetal que ele desenhava no quadro negro com giz, com todas as suas organelas, parede celular, com toda riqueza de detalhes; ficava fácil aprender Fisiologia Vegetal.”; “A disciplina de Gênese e Classificação do Solo (hoje ministro Gênese, Física e Classificação dos Solos) era por conta da professora [nome próprio], outra didática que a gente pode copiar; todos os sentidos aguçados em uma aula, visão e tato funcionando com mais precisão; aprendi muito”; “... ingressei no mestrado em [área do conhecimento], da Universidade [nome]...”; “O primeiro, o incrível Prof. Dr. [nome próprio], professor de [área do conhecimento], uma das mentes mais incríveis, com a qual partilhei conhecimento.”; “O segundo foi o Prof. Dr. [nome próprio], da disciplina de [área do conhecimento], dominava o conteúdo que ensinava. Mais tarde veio a fazer parte da minha banca de qualificação no doutorado.”; “E o Prof. Dr. [nome próprio], que entende de [área do conhecimento] como ninguém e me repassou muito desse conhecimento”; “Meu doutoramento comecei em 2005, também na Universidade [nome]”; “Meu orientador foi o Prof. Dr. [nome próprio], excelente pesquisador e professor, muito inteligente, determinado me ensinar muito com a sua atitude”; “... segunda graduação, Licenciatura em [área do conhecimento], no período de 2018 a 2021.”; “... atualmente, estou tendo uma outra excelente oportunidade, em 2023 iniciei o curso de Pós-Graduação Lato Sensu em [área do conhecimento]”; “Coordenei esse trabalho de modo a garantir que ele fosse desenvolvido de maneira realmente coletiva, que envolvesse estudantes, bolsistas, professores e técnicos do [sigla da instituição]; seguindo uma sugestão, dentre várias, do Prof. Dr. [nome próprio]: “montar uma equipe também é essencial.”
	P17 “A realidade e a vivência do meio rural nunca deixou de estar presente na minha caminhada e construção da minha trajetória profissional e prossegui os estudos agora na capital do estado de [estado federativo] no curso de [área do conhecimento].”
	P18 “Tenho bacharelado em [área do conhecimento], mestrado e doutorado em [área do conhecimento]...”; “Por intermédio do meu orientador de mestrado, tive contato com pesquisadores de [país] que tinham experiência neste tema ... Graças aos trabalhos em rede do meu orientador de mestrado, tive conhecimento e fui incentivada a tentar o doutorado na Universidade [nome], em [país]”

	P20 "...passei no vestibular em Licenciatura em [área do conhecimento] na [sigla da universidade]."; "...com a professora [nome próprio] que me interessava pela área e ela me deu a oportunidade de ingressar em seu grupo de pesquisa, [área do conhecimento], do qual faço parte até hoje."; "Com a orientação da professora [nome próprio] elaboramos o projeto para tentar o mestrado, escolhi trabalhar com Aptidão Agrícola dos solos, fiz a seleção do [nome do programa de pós] da [sigla da universidade] e passei."; "Ainda no quinto período da graduação iniciei minhas atividades de pesquisa com a Pedologia, comecei a participar de congressos, o primeiro foi um de Geomorfologia, onde enviei trabalho sobre erosão para o eixo de solos, e assim participando de vários eventos eu fui fomentando o meu caminho para tentar o mestrado."; "entrei no mestrado"; "...contei com a coorientação do pesquisador da [nome da instituição], Dr. [nome próprio], que fez aumentar ainda mais o meu encantamento pelos solos, pois sua paixão pela Pedologia e dedicação na transmissão de conhecimentos são contagiantes."; "No doutorado também contei com a coorientação do professor de Física do Solo da [sigla da universidade], Dr. [nome próprio], que abriu as portas do seu laboratório e do seu conhecimento para me ajudar no desenvolvimento da pesquisa."
	P21 "Em 2002 iniciei o Curso de [área do conhecimento] da [sigla da universidade] ..."; "Em 2008 iniciei o curso de Mestrado no Programa de Pós-graduação em [área do conhecimento] da [sigla da universidade], sob a orientação do professor [nome próprio]."; "Em 2010 iniciei Doutorado no Programa de Pós-graduação em [área do conhecimento] da [sigla da universidade], sob a orientação do professor [nome próprio]."; "Entre 2010 a 2012, paralelo ao Doutorado, realizei o Programa Especial de Graduação de Formação de Professores para a Educação Profissional - PEG/[sigla da universidade]."
	P23 "... terminando as graduações em [área do conhecimento] (Licenciatura - [sigla da universidade]), [área do conhecimento] [sigla da universidade] e finalizando o mestrado em [área do conhecimento] [sigla da universidade] ..."; "... morei em [cidade] até início de 2016 para realizar o doutorado em [área do conhecimento] [sigla da universidade]."; "Quando conheci o trabalho do meu orientador de doutorado, professor Dr. [nome próprio], achei sensacional e me despertou interesse pela Conservação do Solo."
	P24 "Sou da [área do conhecimento] ou é ela quem me tem?! Ainda não sei bem. Sou também da [área do conhecimento], adotada pela [universidade]..."; "Cheguei aos solos, ainda na [área do conhecimento], pelos meandros da iniciação científica (IC) com o querido agrônomo [nome próprio], orientador do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e de muitas coisas da vida. Também fiz pesquisa com o pessoal da [área do conhecimento], Prof. Dr.[nome próprio] foi meu orientador: difração de raio X de argila de olarias...penso que esse foi o prenúncio da [área do conhecimento] que já me queria, mas eu não sabia..."; "IC, mestrado e Doutorado, aulas práticas para a [área do conhecimento], [área do conhecimento], [área do conhecimento] e para tantos quanto interessaria."

	P25 "... em 1999, prestei o vestibular para [área do conhecimento], para iniciar o curso em 2000, ano que o mundo acabaria (segundo as teorias da conspiração da época), mas pra mim foi o ano que meu mundo começou."; "Era o pesquisador [nome próprio], da [nome da instituição], e nas férias seguintes estava eu, em [cidade], estagiando no laboratório de Micorrizas."; "... já com mestrado garantido na [sigla da universidade], passei em segundo lugar e fui embora para [estado federativo]."; " Em outubro prestei a seleção para o doutorado na [sigla da universidade] de [cidade] e passei em primeiro lugar (...) Fui orientada de um pesquisador incrível, prof. [nome próprio] (in memorian), e ali aprendi demais."; "... participei do Simpósio de Educação em Solos, naquela oportunidade participei de uma oficina onde uma tutora de um grupo PET de Agronomia coordenou, eu estava pensando em me inscrever para o processo seletivo da tutoria do PET Agroflorestal e a apresentação dela, seguida de várias mulheres admiráveis, coordenando o evento, apresentando, palestrando, fizeram com que eu me motivasse a me inscrever, eu também tinha capacidade servir mais, de me destacar em projetos maiores."
	P26 "Então soube do Programa de Pós-graduação em [área do conhecimento] da [sigla da universidade] e me inscrevi. Voltei a estudar solos para fazer a prova e ainda tive que me render as ironias do destino, mandar o tal e-mail para o meu professor de solos da graduação e pedir a carta de recomendação, que ele tanto falava que eu pediria."; "Conheci o projeto solo na escola com o professor [nome próprio], fui estagiária por algum tempo no projeto com ele, e o contato com as crianças, o envolvimento delas com as temáticas apresentadas no projeto me fez querer trazer essa experiência para [estado federativo]."; "[sigla da universidade] – [nome do programa de pós]. Passei nas 3. E escolhi ficar em [cidade]."
	P27 "... dando início ao curso de [área do conhecimento]. " ... a minha escolha pela área de Solos se deu pelo professor [nome próprio], um professor excelente, humano, justo, acolhedor, firme e gentil, eu acredito que tenha escolhido a área de solos mais por ele do que pelo solo em si, pois gostava bastante da área de entomologia também."; "... mestrado(...) fui aprovado apenas no Instituto [nome] "... onde tive a oportunidade realizar uma especialização em Engenharia de Campo SMS na [sigla da universidade]..."; "Estudar no [sigla da instituição] era surreal, eu estava em uma instituição centenária (na época 120 anos), fundada por D. Pedro II, tendo aula na PG com [nome próprio], [nome próprio], [nome próprio], Sônia Dechen, Isabela Clerici de Maria, Sidney Rosa Vieira, pesquisadores muito conhecidos, e eu deles mortal podendo aprender um pouco com eles."; "em março de 2009 cheguei em [cidade/estado] para começar o doutorado na [sigla da universidade]."; "Tive também um período de adaptação com o orientador, que com o passar do tempo se tornou um amigo e mentor, alguém que eu posso dizer ter orgulho de ter conhecido e convivido."; "Tive a oportunidade da realizar o doutorado sanduiche na [universidade/país] ..."

	P28 " E em janeiro de 1977, no primeiro vestibular realizado pela [sigla da universidade], passei! Até 1976 o vestibular para ciências biológicas era organizado pela Instituição [nome]. "; "Durante o curso, de 1977 a 1981, pude estagiar com o Prof. [nome próprio] e o Prof. [nome próprio]. "; "Na época, eu não pensava na docência como profissão. Porém, me encantei com a didática de três professores muito queridos: Prof. [nome próprio], Prof. [nome próprio] e Prof. [nome próprio]. "; "Em 1981 iniciei o curso de mestrado em [área do conhecimento], sob a orientação do Prof. [nome próprio], no Departamento [área do conhecimento] (atualmente Engenharia de Biosistemas), desenvolvendo também atividades no [nome da instituição]. "; "Estimulada pelo colega de pós-graduação [nome próprio], (professor da [sigla da universidade]), venci os temores e vim até [cidade]. "; "Em 1999 iniciamos o doutorado em um Programa de Doutorado Institucional (DINTER) entre a [sigla da universidade] e a [sigla da universidade], na Faculdade [nome]. ";
	P29 "... 1990 ingressei no Curso de [área do conhecimento] na Escola [nome]. "; "... 2004 ingressei no curso de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Solos e Nutrição de Plantas, no Departamento de Solos e Nutrição de Plantas da [sigla universidade] ... "; "Em 2007 ingressei no curso de Doutorado na mesma instituição, defendendo a tese intitulada [nome do trabalho]. "; "Em agosto de 2010, se concretizou a intenção de realizar o doutorado sanduíche no Laboratório de Dendrocronologia do [sigla da instituição], sob a supervisão do professor e pesquisador [nome próprio] em [cidade/país]. "; "Em junho de 2011, fui selecionada como bolsista de Pós-doutorado da CAPES, na modalidade PNPD Institucional [sigla da universidade]
	P31 "... o meu encanto com as ciências só aumentava e em 1977 fiz vestibular para [área do conhecimento] da Universidade [nome] e, muito surpresa, passei ... "; "Neste mesmo período recebi de um professor o convite para ingressar no mestrado de Bionômica e Produtividade do Solo. Confesso que na ocasião eu mal tinha ideia do que era um curso de mestrado. Este curso havia sido criado pelo casal Odo e Ana Primavesi, os quais atuaram como docentes na [sigla da universidade] por alguns anos, imprimindo uma visão de manejo de solo que se contrapunha a visão produtivista da revolução verde. Tratava-se de um embrião do que posteriormente viria a ser a agroecologia. "; "Não foram tempos fáceis uma vez que todas as tarefas do mestrado exigiam tempo e dedicação, compreendendo trabalhos de campo, laboratório, redação do texto...E nesse sentido tenho outra dívida de gratidão com meu orientador, que soube compreender minhas dificuldades. Indubitavelmente somos levados a ter como modelo de profissão as pessoas que admiramos. Assim vamos construindo nosso perfil como profissionais da educação. "; "Iniciei o doutorado participando de um curso de Ecologia Geral e Produção Vegetal por um semestre em [país] em 1992, ano da ECO92. Foi um marco na minha formação profissional que possibilitou associar ao campo disciplinar solos, a ecologia. Na época era ainda incipiente no Brasil a difusão dos efeitos das mudanças climáticas, mas muito discutido na França. "; "E tive mais uma vez o apoio de uma pessoa extraordinária que foi meu orientador de doutorado. Ao contatá-lo e explicar o contexto fui prontamente acolhida para continuidade de meus estudos junto ao

	departamento de Solos na [sigla da universidade]. Foram anos de convivência com o grupo de trabalho que ele coordenava que marcou profundamente minha visão de o que é ser um educador. Seu cuidado ia além da rigorosa formação técnico-científica, tendo um olhar atento e cuidadoso para com cada estudante, mesclando com equilíbrio e sabedoria, lições de vida. Apostava no potencial de cada um de seus alunos, promovendo-os com um olhar singular e apoio incontestável. Sua participação efetiva nos trabalhos animava e estimulava a cooperação entre estudantes. Sem dúvida, os que tiveram o benefício de seu convívio, a seu exemplo, tornaram-se pessoas mais sensíveis, humanas e colaborativas."
	P32 "Ingressei no curso de [área do conhecimento] ainda com 17 anos, passando então a morar na cidade de [nome]. Desde o primeiro ano do curso procurei participar de projetos, tendo trabalhado na área de zootecnia e criação de suínos e botânica de plantas daninhas."; "iniciei um estágio no Laboratório de Fertilidade do Solo, coordenado pelo prof. [nome próprio]. A partir de então, participava diariamente nos horários vagos e nos finais de semana nas atividades de laboratório e de campo. Foi um período muito marcante, onde além de aprender as técnicas básicas de análise de solo, pude conviver com muitos colegas de outros anos do curso."; "A parceria entre o Laboratório de Solos e professores da [sigla da universidade] motivou a seleção para o doutorado no Programa de Solos e Nutrição de Plantas, ingressando em 2008 sob orientação do prof. [nome próprio], da área de Química do Solo."; "Em 2010-2011 tive a oportunidade de participar do programa de doutorado sanduíche e escolhi trabalhar com um grupo muito produtivo no departamento de [nome] na Universidade de [nome]. Na época o professor [nome próprio] tinha muitos estudantes vindos de países africanos, principalmente Quênia e Etiópia, quando pude conhecer mais de perto outras culturas e mergulhar mais a fundo no mundo da ciência básica e entendimento de mecanismos e relações entre nutrientes no solo."

CATEGORIA DE ANÁLISE	SUBCATEGORIA DE ANÁLISE	UNIDADE DE REGISTRO
ECOFORMAÇÃO	RELAÇÃO COM LUGAR DE NASCIMENTO, ONDE MOROU, MOROU.	P1 "Natural da região... Essa região, possui uma larga diversidade de usos agrícolas das terras, seja a produção vegetal, a produção animal ou base florestal."
		P6 "... nascido e criado na área de influência da cultura da cana de açúcar..."
		P7 "[cidade] – uma nova experiência para temperar a minha vida com aprendizados profissionais e pessoais. Uma cidade linda, cheia de história e envolta por naturezas exuberantes de rios, igarapés, florestas, animais, diferentes tipos de solo... uma cultura riquíssima de arte em cerâmica, arte indígena, conhecimentos tradicionais de medicina e gastronômica, aromas e sabores peculiares, clima diverso quente, chuvoso durante o dia, mas fresco à noite. Mercado do Ver-o-Peso, Teatro da Paz, Procissão de Círio de Nazaré.... Terra do tacacá, maniçoba, pato no tucupi, açai, farinha grossa e amarela, peixes mil como tucunaré, pirarucu. Peixe boi, botos, Saci Pererê, Curupira, Sereia lara....Povo acolhedor.... Saudades."
		P9 "Nasci e cresci em [cidade]. Em uma [cidade] onde as crianças brincavam na rua como se fosse em sua casa, o que foi mudando rapidamente.", "Quando nasci, meu pai considerou que deveríamos morar em uma casa maior e começou a construí-la no bairro [nome], uma casa muito grande, que jamais ficou pronta. E isso era a nossa grande diversão: um grande espaço com materiais de construção por todos os lados e cômodos inacabados: uma fonte infinita para brincadeiras e descoberta do mundo. Quantas e quantas vezes urbanizamos e reurbanizamos o monte de areia e construímos diferentes fogões e áreas de lazer para bonecas e vias para carrinhos..."; "... meu pai nos colocou em um ônibus de [estado federativo] para [cidade] e nunca mais voltamos para [cidade]. "
		P13 "Cresci em um bairro da periferia de [cidade] sem muitos privilégios, mas certamente com mais oportunidades que a maior parte da população brasileira. ";
		P16 "Fui morar no município de [cidade/estado] ..."
		P17 "Nasci e vivi no campo até a minha idade dos 14 anos ..."; "... agora na capital do estado de [estado federativo]. "
		P18 " Eu cresci em um vilarejo no interior do [estado federativo] onde os livros foram a minha janela para o mundo. "

	P23 “Em Lages também fiz amizades, criei laços, enfrentei desafios, comecei a treinar o esporte que tem meu coração [esporte], conheci o projeto Solo na Escola [sigla universidade] e assim comecei meu contato com a Educação em Solos, ali eu decidi que um dia trabalharia nesta área.”
	P24 “Sou da Formação Adamantina, dos Argissolos e Latossolos arenosos, do oeste do estado de [estado federativo], território de conflitos do/no campo, dos grileiros e das erosões, da continentalidade que aquece muito, é muito calor! Pensa numa cidade quente, essa tal [cidade/estado], conhece? (...) Aí as coisas mudaram, não somente o clima. Sai do arenito e fui para o magmático, para o basalto, para os Nitossolos e Latossolos Vermelhos argilosos, mas também tem o arenito homônimo que resultou na formação dos Neossolos Quartzarênicos, que preocupa pelo cultivo do “calípio, da cana e dos citros”, como relatou seu José, numa troca boa aos pés do Gigante Adormecido, conhece? Paisagem linda, herança de uma história morosa do tempo, da água, do vento... testemunho do arenito Botucatu.”
	P25 “Depois mudamos para [estado federativo], também para morar no sítio da família (foi vendido no [estado federativo] e comprou em [estado federativo]), eu com 9 para 10 anos. Mas em [estado federativo], essa chegada não foi nada foi fácil. Não havia escola na comunidade rural e a cidade ficava a mais de 60 Km, e como era julho, perdemos aquele ano letivo (eu, minha irmã e meus primos). Mas foi um ano de batalha do meu pai, que logo se juntou a outros pais e conseguiram montar uma unidade escolar do município, mais próxima da gente.”; “Nesse tempo, houve uma mudança drástica no meu contexto familiar porque tivemos que mudar para a cidade”
	P26 “Minha relação com a terra vem desde a infância onde, de forma não intencional, eu tive meu primeiro contato com solo. Sempre gostei de ficar no jardim da casa, trocando as plantas de lugar, tentando de alguma forma fazer “experimentos”, afinal era o que uma garota de 6 ou 7 anos pensava naquele momento.”
	P27 “Nasci na cidade de [cidade/estado], mas vivi a primeira infância na comunidade de Sabonete, município de [cidade/estado].”; “A minha infância foi muito saudável, do ponto de vista de viver ao livre, em contato com a terra, os rios, os bichos, as criações de animais, as lavouras.”; “Aos sete anos me mudei para a cidade [cidade/estado] para dar continuidade aos estudos, passava a semana na cidade e os fins de semana na “roça”, isso se perdurou até que minha mãe se mudasse para a cidade 7 anos depois.”; “... os 14 anos, quando fui estudar e morar em um Colégio Agrícola [sigla da instituição] (...). Me lembro que foi uma mudança bem radical, mas lembro de ter ido com convicção e ao mesmo tempo com muito medo do que viria pela frente. Bom, não foi fácil, dividir quarto de alojamento com 12 pessoas, passar por trote, comer em refeitório, estudar oito horas por dia em sala de aula, mas vejo hoje também como uma época muito importante da minha vida, muita aprendizagem de vida, ali realmente se aprende a viver e se

	defender..."; "Para a minha felicidade fui aprovado e me mudei para [cidade/estado] em Agosto de 2001, dando início ao curso de [área do conhecimento]. Mais uma mudança de vida, só que agora de Estado também. Morar em [estado federativo] foi muito bom, o povo [estado federativo] é muito acolhedor e a cultura muito legal também, pude fazer muitos amigos e viver experiências muito boas que não caberiam nessas linhas."; "2003 me mudei para [cidade/estado] dando continuidade aos meus estudos na [sigla da universidade]."; "Em [cidade] a vida não foi fácil, sem bolsa e sem dinheiro, fui morar em uma casa da Fazenda Experimental do IAC, exatamente do lado das parcelas de erosão mais antigas do Brasil, daquelas parcelas saíram dezenas de importantes estudos sobre conservação do solo (e lógico que isso era motivo de muito orgulho para mim, rsrs)." P28 " Pela profissão do meu pai, mudávamos com constância. E uma das recordações mais lindas que tenho é a dos cafezais em flor, quando moramos em [cidade/estado]." P29 "Nascida na capital de uma grande metrópole como [cidade], me deparei desde criança com a realidade e agitação da vida urbana." P31 "Nasci em uma pequena cidade do norte [estado federativo], [cidade]"; "Ingressei por vestibular na [sigla da universidade] em 1978. Embora encantada com o espírito universitário da cidade, pela sua efervescência cultural, os desafios continuavam."; "Ao final do segundo ano já com o mestrado concluído, mudei-me para [cidade], pois meu marido que era engenheiro florestal e estava trabalhando ao sudoeste de [estado federativo] e tinha planos de cursar mestrado em [cidade]. Fiz um projeto de pesquisa no INPA como requisito para acessar uma bolsa de pesquisa para um programa governamental de desenvolvimento científico-tecnológico para [estado federativo] e [região do país]."; P32 "Nasci e cresci no interior do [estado federativo], na cidade de [nome], um pequeno município que fica na região centro-sul do estado. O cotidiano rural sempre esteve presente na rotina pacata da cidade, nos deslocamentos campo-cidade, nas festas comunitárias, na cultura alimentar e nos costumes que passam de geração para geração." P9 " A viagem de ônibus para [cidade] já foi uma experiência: os muitos canaviais a beira da estrada a partir de Ponte Nova estavam em flor. E relatei a meus amigos em [cidade] da beleza do capim colônio em flor.... Isso já dá uma medida do meu (des)conhecimento do campo. (...)"; "Em pleno inverno europeu de 1988 chego a [país] pela primeira vez para uma estada de dois meses. Aproveito para visitar amigas e amigos cursando doutorados em [cidade] e em [cidade]. Foi um despertar como eu nunca poderia imaginar. E, assim, fui tomada de enorme curiosidade em relação à [continente] e decidi que buscava realizar o doutorado pleno na [continente]."
RELAÇÃO COM LUGAR DE PASSEIO, VIAGEM, BRINCADEIRA	

	P10 "A curiosidade pelo solo surgiu quando criança. Meu avô paterno tinha uma pequena mercearia no bairro paulistano de [nome], próximo onde hoje se localiza o Shopping [nome]. Naquela época era muito comum nós, os netos, irmos com nossas mães, que trabalhavam com o pai delas, meu avô, para a mercearia. Ajudávamos também nos afazeres, como receber as encomendas, organizar nas prateleiras e atender clientes e também brincávamos em um campinho de futebol, que tinha o solo decapitado e eu voltava para casa "cor de rosa", por ter brincado no horizonte C do solo. Em casa eu tinha total liberdade para brincar na terra e com meus animais de estimação. Tive uma infância feliz com meu falecido irmão. Nunca me esqueço da coleção que fazíamos de tatus-bola, que achávamos no solo do quintal de casa. "; "Nas férias íamos sempre com meus pais, irmão, tios, primos e avós para [cidade], onde meu tio materno morava e tinha um sítio. Nesses passeios que fazíamos, subíamos o Morro do Ouro. Para mim era como um trabalho de campo, pois no caminho todo íamos observando a natureza e construções abandonadas na trilha."; "Íamos também para [cidade/estado], onde minha mãe passou parte da infância antes de migrar para [estado federativo] com seus pais e irmãos. Lembro-me bem, no caminho para lá, quando avistávamos a Serra da Mantiqueira, meu padrinho sempre dizia: olha o gigante adormecido! Era a forma da serra, olhando de longe. Todos esses estímulos me trouxeram para a [área do conhecimento], em especial a [área do conhecimento], por isso escolhi esta carreira."
	P11 "... tive a oportunidade de viajar para o estado do [nome], na [nome] ...; "... de visitar a [país] ..."
	P13 "Em [cidade] tinha minha vida de criança do interior. Fazendo "artes" com os primos, caindo de bicicleta, comendo muita fruta no pé, e convivendo e experimentando muitas vivências no meio rural."
	P14 "E no ano seguinte fui visitar parentes em [cidade], no norte do [estado federativo]. E acabei sendo convidada por uma prima, para morar com ela e fazer curso pré-vestibular."; "No ano passado, me afastei por 4 meses por meio de uma Licença para Capacitação, passei esse tempo fora do país. Meu ambiente no exterior foi bem agradável, me capacitei em língua estrangeira e realizei um estágio em uma empresa de consultoria ambiental."
	P18 "Das minhas memórias da infância, brincar com solo e entre as árvores era algo diário e que eu amava."
	P26 "Lembro-me de quando eu gostava de comer argila (risos). Isso mesmo, eu pegava pedaço de bloco cerâmico, e de argila e colocava na boca e o deixava derreter entre os dentes. Essa memória me traz muita alegria, porque realmente fazer aquilo era libertador, um sabor que poucos conheciam, uma sensação de estar experimentando algo que poucos sabiam. Apesar da geofagia ser considerada um distúrbio psicológico na alimentação, a falta de alguns minerais na minha alimentação proporcionou-me uma relação

	mais íntima com o solo, ainda criança. Desta forma, eu cresci vendo o solo com algo bom, importante para os “meus experimentos”, e sobretudo com um sabor inefável.”
	P27 “... mas sempre sobrava um tempo para brincar na rua (que na época era de terra).” P28 “Pude conhecer a [sigla da universidade] no feriado de 1º de maio de 1975, quando cursava o 2º ano do colegial (atualmente ensino médio). Morávamos em [cidade] e o meu pai levou toda a família para conhecer [cidade] e a Escola [nome]. Foi paixão à primeira vista!”, “Outro fato marcante em minha vida foi acompanhar a geada negra que ocorreu em julho de 1975, nas regiões sul, sudeste e centro-oeste do Brasil. Eu estava em férias escolares em uma fazenda em [cidade/estado] e pude acompanhar o desânimo e tristeza dos agricultores da região. Logo fiquei sabendo que aquela geada tinha dizimado os cafezais do Paraná (e de outras regiões, também), cujas floradas me encantaram poucos anos antes.”
RELAÇÃO COM O MEIO ACADÊMICO (PESQUISA, ENSINO, EXTENSÃO).	P1 “... aproximação com as atividades de ensino, nas disciplinas de [área do conhecimento], atuando também constantemente na orientação de atividades de bolsistas de iniciação científica na parte laboratorial, confecção de relatórios semestrais e apresentação em congressos, jornadas e seminários científicos.”; “... participa como professor e orientador do quadro permanente do Curso de Pós-Graduação em Recursos Naturais (PPGRN), junto a Universidade [nome]. Leciona a disciplina [área do conhecimento].”; “Anteriormente, ainda residindo no [estado federativo], do ano de 2019 e 2020 foi professor e orientador do quadro permanente no Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Biosistemas (PPGEB), na Universidade [nome].”; “Entre os anos de 2015 e 2019 foi professor e orientador do quadro permanente no Programa de Pós-Graduação em Agricultura Tropical (PPGAT), do Centro Norte do [estado federativo], Universidade [nome].”; “... junto a Universidade [nome], atua como coorientador no Programa de Pós-Graduação em Agronomia-Ciência do Solo (PPGACS) e professor colaborador.”; “A participação efetiva em congressos ações de ciência o solo do Brasil, levou para o ano de 2018 desafios do 21st Word Congress of Soil Science (WCSS), no Rio de Janeiro. Neste evento internacional juntou-se a colegas para a elaboração da feira de solo, com a exposição de macronólitos de diversas regiões do Brasil, representativos de clima tropical, incluindo um Super ou Megamonólito em tamanho real de perfil de solo disposto na entrada principal do evento. Juntamente com outras ações do congresso, destacaram o Brasil dentro dos WCSS.”

		P2 "Surgiu a oportunidade do concurso na [sigla da universidade] e fui aprovada vindo a tomar posse em abril de 2010. Recebi a incumbência de ministrar a disciplina de solos do semiário e metodologia da pesquisa. O campus estava em seu princípio e passamos a organizar o PPC dos cursos de [área do conhecimento] e [área do conhecimento], onde eu estava alocada. Foi uma grata experiência e oportunidade, porque pude elaborar as disciplinas de [área do conhecimento] (para Eng de Biossistemas) e [área do conhecimento] (para tec em agroecologia)."; "Na rotina de trabalho comecei a dialogar com as mulheres da feira agroecológica e professores da Educação Básica sobre seus desafios de modo a elaborar um projeto de extensão focado na realidade do [região do estado federativo]. Vasculhando a internet conheci o Projeto Solo na Escola e achei por bem marcar uma viagem para visitar na [sigla da universidade], o professor [nome próprio]. Era outubro de 2011. Voltei cheia de livros, ideais e sonhos. No início do ano seguinte visitei na [sigla da universidade] o Museu de [nome] e conheci a professora [nome próprio]. Conheci também o professor [nome próprio] e o arquiteto [nome próprio], trazendo o Projeto Geotinta para compor ações de popularização do conhecimento do solo por meio da arte e ludicidade."; "Aproveitando um galpão abandonado no campus, solicitei permissão para implantar o espaço de educação em solo, hoje composto de três salas pequenas, onde recebo rotineiramente as visitas de escolares e professores."; "Participei, igualmente das discussões para construção dos laboratórios de solos e consegui dar um aspecto mais didático ao laboratório de física e morfologia do solo, que é um ambiente onde as visitas são igualmente frequentes, inclusive por agricultores."; No ano seguinte, em conversa com o monitor (...), que é desenhista, passamos a articular a criação dos perfis didáticos, personificando os solos do Brasil, a partir dos perfis da [sigla da instituição], desenhados no Corel Draw. Os 13 pedons personalizados foram apresentados no espaço de Educação em Solos no CBCS, em [cidade] e fizeram muito sucesso pela criatividade e originalidade, recebendo elogios dos Professores (...) visitantes do stand." P6 "... fui aprovado no concurso para professor da Universidade [nome], no Campus [nome], no primeiro concurso para docente, os pioneiros na abertura do Campus e do Curso de [área do conhecimento]. (...) assumindo as minhas disciplinas de solos.";
--	--	---

P9 " ... junto com colegas do centro acadêmico, criamos o "Domingo no Mato", onde agregávamos conhecimento conceitual aos nossos passeios de final de semana, com a presença de um ou outro professor que se disponibilizava a participar. A importância do trabalho de campo ficou profundamente enraizada em minha formação, deixando marcas que eu trouxe para a [sigla da universidade] e moldaram a minha prática pedagógica.". " Nesse contexto, fui recebida com muito carinho e entusiasmo por boa parte do Departamento de Solos, e em especial pela professora [nome próprio], [área do conhecimento] como eu, que ficou muito feliz de ter uma interlocutora conceitual e uma colega mulher. "; " Minha primeira disciplina foi [área do conhecimento] para estudantes de engenharia civil: 110 estudantes divididos em duas turmas teóricas e cinco práticas: algo inédito para quem tinha cursado [área do conhecimento] com pouco mais de dez estudantes por turma. No semestre seguinte, já em 1984, lecionei [área do conhecimento] para o curso de Biologia, e [área do conhecimento] para o curso de Química. O conjunto das disciplinas se constituía em uma verdadeira clínica geral em [área do conhecimento] ..."; "Com os estudantes de Biologia eu viajava a [cidade] e redondezas, na província cárstica de Lagoa Santa; com os estudantes de Química, ia a [cidade] visitar o museu de mineralogia e vivenciar a geologia dos arredores. As viagens da disciplina de [área do conhecimento] se davam em parte pela falta de material para o curso, de forma que, um dos dias da viagem passávamos com o paleontólogo e professor [nome próprio], na [sigla da instituição]."; "Fui me integrando aos poucos nas ciências agrárias. Inicialmente foram pequenas participações nas disciplinas [área do conhecimento], já em 1983, "extraoficiais" (que não foram registradas no RADOC), e de [área do conhecimento]."; "Logo ao chegar a universidade, me filiei à então Associação de Professores da [sigla da instituição], ciente de que a ação e a representação política eram necessárias e parte do meu fazer profissional e acadêmico."; "Os primeiros 4,5 anos de atividade na [sigla da instituição] foram um tempo de muitas e diversificadas aulas, de estudo intensivo, inclusive no mestrado, onde cursei oito disciplinas, e de dedicação à elaboração de materiais e atividades didáticas. Foi também o meu primeiro contato e compreensão de solos para além do manto de intemperismo, que tanto nos aborrecia durante os trabalhos de mapeamento geológico, já que impedia o acesso direto às rochas. Ali se desenharam as grandes paixões da minha vida (não só) acadêmica: a ação docente e o tema solos."; " Em 15 de dezembro de

	1993, é inaugurado o Museu [nome] (...) . Socializar, partilhar, conservar e dar acesso aos materiais, espaços e conhecimento da Universidade são as motivações que levaram à criação do Museu em 1993. (...) Daí surge um dos eixos centrais de atuação do Museu, que se torna base para a sua ação educativa: o apoio aos professores e estudantes das escolas de educação básica do município, através de oficinas, cursos, materiais de apoio didático e projetos pedagógicos."; "A definição de meu tema de pesquisa teve suas raízes no tempo do mestrado em [cidade]. Desde o início do curso, a paisagem de serras quartzíticas e de mares de morros talhados por profundas voçorocas no entorno de [cidade] me chamou a atenção. Em idas ao campo com o professor [nome próprio] e outros estudantes ficou evidente que a gênese daquelas paisagens e solos, muitas vezes mais rasos do que se esperaria, merecia estudos mais aprofundados. Estava se desenhando ali uma interessante questão de pesquisa, que poderia inclusive contribuir na compreensão do processo de ravinamento daquela paisagem e, dessa forma, oferecer subsídios para a sua atenuação."; "Naquele momento (re)conheci [nome próprio], professor de Filosofia do Departamento de Educação e nasce ali uma longa parceria acadêmica, produtiva em ousadias pedagógicas e políticas. Ele me estimulou a buscar os demais docentes que coordenavam projetos que trabalhavam com educação e que partilhassem a preocupação em buscar uma formação cidadã; em articular-se ao mundo externo à universidade, reconhecendo as limitações do trabalho estritamente acadêmico; e em reforçar a responsabilidade social com a produção de conhecimentos (nossa perspectiva à época)."; "O movimento do projeto e das oficinas resultou na criação do Programa de [nome], no final do ano de 2000. Esse foi o ponto de partida para a ampliação e fortalecimento da ação educativa do museu, inclusive, iniciando a sua consolidação como um espaço de formação pedagógica e educação ambiental a partir do tema solos. O [sigla do programa] passou a reunir e articular as ações e atividades do Museu que abordam os solos, buscando a sua promoção e valorização, na perspectiva de um conjunto de práticas que se caracterizou como Educação em Solos ..."; "No International Soil Reference and Information Centre (ISRIC), abrigo do World Soil Museum, tive contato pela primeira vez com a expressão Educação em Solos, da qual imediatamente me apropriei. Dali eu trouxe consolidada a compreensão da necessidade de se resgatar o valor e a importância do solo como parte essencial do meio ambiente. Resgatar, a partir da constatação de que os solos são desconsiderados e desvalorizados em nossa sociedade e cultura."
	P10 "... no ano anterior ao meu ingresso como professora no Departamento de [área do conhecimento] da [sigla da instituição]."; "Minha vaga na [sigla da instituição] proveio do curso de Licenciatura em [área do conhecimento] do [sigla da instituição]. Este curso necessitava de um professor para ministrar as disciplinas de [área do conhecimento] e [área do conhecimento], ambas disciplinas do Departamento de [área do conhecimento] para alunos do Instituto de [área do conhecimento]. Ministro estas duas disciplinas até hoje, ininterruptamente, desde a primeira vez em que foram oferecidas em 2006. Me identifiquei muito com este curso, por se tratar de um curso de licenciatura, pois eu tenho profundo

	apego às práticas didáticas, desde minha formação no ensino médio."; "No Departamento de [área do conhecimento], inicialmente eu lecionei as disciplinas [área do conhecimento] e [área do conhecimento]. A partir de 2007 comecei a ministrar a disciplina [área do conhecimento], a qual continuo até hoje. "; "Credenciei-me na pós-graduação em 2007 e ministrei a [área do conhecimento], a qual foi por mim criada."
	P11 "... professora da [sigla da universidade]"; "Eu aliei a demanda de alunos que queriam desenvolver atividades com educação ambiental, ao meu próprio desejo de trabalhar de maneira mais próxima a sociedade. O período da graduação em que trabalhei na área de sócio economia, deixaram marcas profundas em mim. Assim, eu havia cultivado o desejo de, mesmo tendo me especializado na área de Ciência do Solo, desenvolver atividades que incluíssem a sociedades como um todo nesse processo. Foi nessa época que decidi concretizar a idéia de desenvolver um projeto de extensão com Educação em Solos, inspirada pelos bonitos projetos que já existiam, como Solo na Escola da [sigla da universidade] e o Museu de Solos da [sigla da universidade]."; "... docente da [sigla da universidade] ..."
	P12 "A ligação com a educação em solos foi desenvolvida no meu contato com o museu de solos do [sigla do estado], desde o final da graduação (ano de 2000), quando iniciei como aluno de IC na Pedologia e no Museu de Solos."
	P13 "... ingressei no [sigla da instituição] /Campus [cidade] no ano de 2015.Lá encontrei o desafio de ajudar a construir cursos técnicos e tecnólogos em [área do conhecimento]..."; "Sobre as ações voltadas à educação em solos, durante o período em que estive no [sigla da instituição] me aproximei do Programa Solos na Escola da [sigla da universidade]. Já tinha contato com ações de educação em solos através do Programa [nome] (Museu de [nome]). Pelas diversas oportunidades para implementar programas de educação em solos e pela pertinência do tema em meu contexto local, inseri a Educação em Solos nas ementas das disciplinas dos cursos de [área do conhecimento], e orientei estudantes que desenvolvem diversas ações correlatas ao tema."; "...fui redistribuído para o [sigla da instituição] Campus [cidade], onde permaneço até então. Neste Campus atuo no curso [área do conhecimento], cursos superiores de [área do conhecimento] e [área do conhecimento] e na Pós Graduação em [área do conhecimento]. Ministro disciplinas correlatas à conservação do solo e recuperação de áreas degradadas; física e morfologia de solos; biologia e matéria orgânica do solo e ecologia."
	P 14 "Em 2008 após finalizar o mestrado fui professora substituta em um [sigla da instituição] e no fim deste mesmo ano comecei a trabalhar como professora de [área do conhecimento] concursada na Prefeitura de [cidade]."; "...em 2013 fui aprovada em concurso público para a carreira de Professora do Magistério Superior na [sigla da universidade]/[cidade] onde lecionava as disciplinas de [área do conhecimento] e Pedologia (quando comecei a atuar na área)."; "E em 2017 tive a oportunidade de uma

	redistribuição para a [sigla da universidade], universidade que estou até este momento, trabalhando com as disciplinas de [área do conhecimento] e [área do conhecimento]."
	P15 "Coordenador do laboratório de solos"; "Aí eu fiz concurso, me efetivo na [sigla da universidade], realizo o sonho de dar aula, numa instituição como uma Unesp que é uma universidade maravilhosa. E aí que começa o desafio de trabalhar com solos. Só que esse desafio, ele virou uma paixão e aí eu comecei a cada vez trabalhando mais. Eu sempre trabalhei em mapeamento das formas de erosão. Comecei a trabalhar a parte de erosão, porque aqui no [região do estado] tem muitos problemas de erosão. E eu fui trabalhando, eu tenho um lado meu, que é um lado que eu trabalho com os movimentos sociais, eu trabalho vinculado, dou aula num outro programa de pós-graduação, que é vinculado aos movimentos sociais do campo ao MST, que é a Escola Florestan Fernandes. E lá eu dou aula de solos pra eles. Um geógrafo dando aula de solos, e eu me dou super bem com os agrônomos. Não tenho problema nenhum, pelo contrário. Eu vou para campo trabalhamos tudo junto."; "Então tudo o que eu aprendi com solos foi com a [nome próprio]."; "Toda vez que eu vou trabalhar na disciplina de pedagogia que eu dou aqui na [sigla da universidade] Tem um tópico que é ensino de solos, trabalho cores, tintas, maquetes, massa. A gente tem que levar isso, conectar o ensino da academia com ensino médio e fundamental, não dá para separar essas coisas. E o solo, tu tocas na Terra, tu sentes o cheiro, os odores. Então isso tudo vira uma grande paixão." P16 "O Centro de Ciências Agrária da [sigla da universidade], por 5 anos foi o epicentro da minha vida, foi onde recebi a régua e o compasso, o rumo."; "e a Tese (...) foi desenvolvida nos municípios do Estado do [estado federativo]: [cidade], [cidade], [cidade] e [cidade]. O que me possibilitou o conhecimento dos [região do estado], suas fisionomias, seus diferentes tipos de solos, e o homem do sertão, com seu modo de vida peculiar."; "A minha aproximação à área de Educação em Solos se deu durante o IV Simpósio Mineiro de Ciência do Solo que aconteceu na Universidade [nome], em maio de 2017, e teve como tema "Solos no Espaço e Tempo: Trajetórias e Tendências", mais especificamente quando assisti à palestra do Prof. [nome próprio], "Percepção e Popularização do Solo na Educação Básica: Qual é o Papel do Profissional da Ciência do Solo?." P17 "O fato é que na faculdade desde o primeiro semestre já atuava como voluntário da disciplina de solos e prossegui nessa mesma área na pós-graduação. "

	P18 "Sou docente no ensino superior em Universidade pública desde 2011."; "e embarquei para [país] em fevereiro de 2006. Fui muito acolhida pelo meu novo grupo de pesquisa e digo que esta experiência (o doutorado no exterior) foi um divisor de águas na minha vida profissional."; "...e em 2013 passei no concurso da vaga para [área do conhecimento] que assumi junto à [sigla da universidade] em um campus fruto do REUNI, no interior do Estado de [estado federativo], na cidade de [nome], onde estou hoje. A partir de então, passei a fazer parte de um Centro de Ciências Rurais e ministrar disciplinas para cursos das [área do conhecimento]."; "Interessante pensar que eu nunca tinha estudado/pensado a teia trófica terrestre incluindo o mundo dos invertebrados da forma como trabalho hoje nas minhas aulas de Biologia de Solo. Assim como na maior parte dos livros didáticos, as teias tróficas mostradas durante a minha formação englobavam majoritariamente organismos vertebrados, com um ou outro link com alguma minhoca ou gafanhoto... A partir dos materiais que tive acesso no DOUTORADO ...";
	P20 " ... o [sigla da instituição], local onde trabalho com muita alegria até hoje."
	P21 "Atua como docente desde 2015 (há nove anos) na [sigla da universidade] unidade em [cidade/estado], lecionando diversas disciplinas principalmente no curso de [área do conhecimento], sobretudo daquelas da área de solos. Desde meu início da atividade profissional o grande foco de docência, pesquisa e extensão é na área de solos, em ênfase em microbiologia do solo, incluindo diversos projetos de pesquisa."
	P23 "... trabalhei como professora contratada na [sigla da universidade] e na [sigla da universidade], até que em 2019 assumi o concurso para docente na [sigla da universidade]."; "... entrei em contato com o professor Dr. [nome próprio] solicitando consentimento e orientações para o desenvolvimento do projeto Solo na escola [sigla da universidade]."; "Desde 2016 trabalho na [sigla da universidade], antes como professora contratada, atualmente concursada, esta é minha casa, meu lar, onde me formei e para onde regresssei. Aqui pretendo ficar, evoluir, aprender, compartilhar, progredir e ser luz!"
	P24 " Todas essas experiências foram desenvolvidas no Laboratório de Sedimentologia e Análise de Solos da FCT/[sigla da universidade] Câmpus de [cidade], a mesma cidade quente que acima me referia. Foram três anos de aprendizado que me levaram à aprovação em um concurso público para auxiliar nesse espaço de ciência e alegria. Meu Deus, um sonho permanecer no lugar que já me tinha. Ali foram produzidos dados para IC, mestrado e Doutorado, aulas práticas para a [área do conhecimento], [área do conhecimento], [área do conhecimento] e para tantos quanto interessaria. Desenvolvemos atividades de extensão: "Trilhando pelos solos", sob a responsabilidade do desde então companheiro [nome próprio], um dos precursores da educação em solos, mesmo sem saber e sem essa definição. Nesse laboratório fiquei por 10 anos, de 1996 a 2006."

	P25 " ... e na mesma semana tive uma proposta de dar aulas de substituta no curso de [área do conhecimento] da [sigla da universidade], era somente duas matérias, mas era numa cidade próxima a Jataí, e seria mais pela experiência profissional do que pelo salário. Então, fui à luta novamente."; "Em dezembro de 2012 eu passei no concurso para docente da [sigla da universidade], e assumi em fevereiro de 2013. "; " ... era o início do Projeto Solo na Escola do [sigla da universidade], que é contínuo desde então."
	P26 "Fui para [cidade], [estado federativo] e participei de processo seletivo para professor e fui aprovada. E lá comecei minha jornada oficialmente como professora das disciplinas de solos para os cursos de [área do conhecimento], [área do conhecimento], [área do conhecimento] e até [área do conhecimento] (mecânica de solos). Foi uma experiência muito boa e tenho muito gratidão pelo tempo em passei por lá. Sei que fiz a diferença na vida de muitos dos meus alunos lá."; "E não bastando, comecei a dar aulas também na Universidade [nome] do Brasil, também disciplinas de solos, e mais atualmente sigo orientando alunos na modalidade de mestrado, no Programa de Pós-graduação em [área do conhecimento] da Universidade [nome]."
	P27 " ... concurso para a [sigla da universidade]/[cidade], atual [sigla da universidade]. Confesso, que não me preparei suficiente, pois minha defesa foi em 08/11/2012 e o início do concurso em 26/11/2012, mas eu fui na expectativa de ter uma experiência em como era fazer concurso, mas Deus me honrou com a aprovação neste concurso, e a partir daí comecei a acreditar mais em mim, na minha capacidade e potencial. De casamento marcado, casamo-nos em Janeiro 2013 e mudamos imediatamente para [cidade], começando assim minha trajetória como professor do magistério superior. "; "... abriu concurso na [sigla da universidade] [cidade], era a oportunidade de ficar mais próximo a [cidade]. Me dediquei muito a ser aprovado neste concurso (...) Deus me honrou com a aprovação, assim cheguei em [cidade]..."
	P28 "Antes da defesa da dissertação de mestrado, aceitei um convite para ministrar uma disciplina condensada de [área do conhecimento] no Curso de [área do conhecimento] do Centro [nome], da Universidade [nome]. Foram 15 dias em dezembro de 1984."; "A partir desta experiência, prestei concurso para a área de [área do conhecimento], curso de [área do conhecimento] e iniciei as atividades no Departamento de Ciências Agrárias da [sigla da universidade] em 20 de fevereiro de 1985. "; "Um fato que me enche de orgulho é a participação ativa, a partir de 2002, na criação da [sigla da universidade], pelo desmembramento do Câmpus de [cidade] da [sigla da universidade]"; "Desde o ingresso na Universidade estive envolvida com atividades de ensino, projetos de pesquisa, de ensino e de extensão, orientações, comissões e cargos administrativos. "; "Como docente na [sigla da universidade] e na [sigla da universidade] atuei nos Cursos de [área do conhecimento] (de 1985 até os dias atuais), [área do conhecimento] (de 1992

	a 2007), [área do conhecimento] (de 2007 até os dias atuais), [área do conhecimento] (de 2010 até os dias atuais) e [área do conhecimento] (de 2015 até os dias atuais). "; "Hoje em dia sou responsável pelas disciplinas de [área do conhecimento] (disciplina comum aos cursos da Faculdade de Ciências Agrárias) e [área do conhecimento]. Já lecionei as seguintes disciplinas nas graduações: [área do conhecimento]; [área do conhecimento]; [área do conhecimento]; [área do conhecimento]; [área do conhecimento]. "; "No curso de pós-graduação em [área do conhecimento] lecionei a disciplina [área do conhecimento] fui coorientadora de alguns alunos."; "Também participei, no período de 2010 a 2012 do Curso de Pós-Graduação lato sensu "Formação continuada dos(as) educadores(as) do Projeto Projoem do Campo – Saberes da terra – do Estado de [estado federativo]", ministrando a disciplina Ciência do solo e orientando quatro bolsistas."; "No período de maio de 2008 a junho de 2014 fui tutora do grupo PET Agronomia (Programa de Educação Tutorial), um programa da SESu/MEC que tem como objetivo principal a indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão. Foi um período extremamente rico e proveitoso."; "Era a Profa. [nome próprio], divulgando as ações de pesquisa e extensão em educação em solo na Universidade [nome]. Que trabalho interessante! Fiquei simplesmente encantada com as experiências relatadas! Durante o evento conversei bastante com ela, procurando entender aquelas atividades que envolviam as crianças e jovens das comunidades mineiras. Esse foi o meu "despertar"! Aquelas ideias ficaram dançando em minha mente, brotando e criando raízes!"; "Neste mesmo ano, conheci a Profª [nome próprio] da [sigla da universidade] que provocou uma significativa mudança na minha maneira agronômica de perceber o solo, a paisagem e o ambiente. E vislumbrar novas alternativas de trabalho, interagindo diretamente com crianças do ensino fundamental e jovens do ensino médio."; "Sinto-me realizada e feliz na sala de aula, nas atividades acadêmicas. Justamente neste período estávamos concluindo a reforma de um antigo barracão, nas dependências da [sigla da instituição], que se transformou no Museu de Solos da [sigla da instituição]. Um espaço sonhado como local de ensino, mostrando às crianças e aos jovens das escolas da região, a importância da conservação do solo e da água."; "No período de 2007 a 2015, percorremos inúmeras escolas da região da Grande [cidade]. Escolas públicas, privadas, localizadas na cidade, na periferia, em assentamentos e escolas agrícolas."; "Também aproveitamos todas as oportunidades de levar o conhecimento da educação em solos a diversos locais, tais como TECNOFAM (Tecnologias e Conhecimentos para Agricultura Familiar), feiras de ciências, Faculdades Abertas (evento anual da [sigla da universidade] para alunos do 3º ano do ensino médio), entre outros."
--	--

	P29 “Nos anos finais do curso, encontrei a área com a qual me identifiquei inteiramente – Solos - onde pude dedicar-me com maior consciência de minha vocação agrônoma, após cursar disciplinas como [área do conhecimento] e [área do conhecimento]. Profissionalmente, participei de levantamentos pedológicos e zoneamentos ambientais (Reserva biológica de [cidade/estado]), em consultorias de planejamento em perímetros irrigados ([cidade/estado]), com produção de alface hidropônica e paisagismo em [cidade/estado].”; “Em abril de 2012 fui selecionada, através de concurso público para a vaga de professor substituto na Universidade [nome] - Campus de [cidade], [estado federativo], sendo responsável pelas disciplinas [área do conhecimento] e, [área do conhecimento] e pelo grupo de estudos em Conservação do Solo.”; “Em março de 2013 foi admitida na Universidade Federal de Goiás, vinculada ao Instituto de Estudos Socioambientais e responsável pelas disciplinas de [área do conhecimento], [área do conhecimento] e [área do conhecimento] (para o curso de Ciências Ambientais e Ecologia) e [área do conhecimento] para os cursos de [área do conhecimento].”
	P31 “Durante o mestrado, que se alongava por, no mínimo 36 meses, fui convidada a ministrar aulas das disciplinas de morfologia e gênese de solos e, também classificação de solos na então [sigla da universidade], em [cidade/estado]. Foi uma enorme honra esta indicação e por 2 anos lá atuei como professora horista deslocando-me semanalmente de [cidade] a [cidade].”; “Decidi-me pela [sigla da universidade] onde ingressei em janeiro de 1987, desistindo do concurso na [sigla da universidade]. A [sigla da universidade] havia conquistado o status de universidade há dois anos e estava empenhada em criar um curso de Agronomia que atendesse a demanda regional. Era uma instituição pequena, muito diferente do que eu conhecia até então. De natureza comunitária, tinha um processo de gestão genuinamente participativo, inspirado em seus fundadores, freis capuchinhos. O projeto era extremamente desafiador e estimulante, reunindo um pequeno grupo de jovens docentes, oriundos de diversas universidades que se empenharam em desenhar um projeto que atendesse as lacunas de formação que se identificavam à época.”; “Ao retornar do doutorado, assumi funções de coordenação de curso de graduação em Agronomia, coordenação de laboratório de solos, posteriormente chefiando o departamento, participando ativamente de inúmeros programas e projetos de pesquisa, participação em inúmeros cursos de pós-graduação, orientação de trabalhos de conclusão de curso de graduação e pós-graduação.”; “Em especial, tive a felicidade de sempre ter contado com o apoio de parceria acadêmica com vários colegas, mas destaco uma colega de área (solos). A convergência de visão de mundo, objetivos e afinidade pessoal nos possibilitou a condução de inúmeros projetos de ensino, de pesquisa e de extensão e o crescimento mútuo, pessoal e profissional.”

	P32 " ... após o doutorado, trabalhei cerca de um ano e meio na [sigla da universidade] com o grupo do prof. [nome próprio] e [nome próprio], os trabalhos eram focados principalmente em manejo de solo e sistemas agroecológicos. "; "O projeto [nome] é um projeto de extensão alocado no Instituto de Desenvolvimento Rural da Universidade [nome]. A [sigla da universidade] é uma universidade criada em 2010 e tem como missão institucional específica formar recursos humanos para contribuir com a integração entre o Brasil e os demais países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – CPLP, especialmente os países africanos, bem como promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional. O Instituto de Desenvolvimento Rural tem como objetivo a formação de profissionais e a investigação científica relacionadas às demandas dos agricultores camponeses, maioria dos agricultores do mundo, considerando os desafios colocados pelas transformações globais da atualidade. A proposta do curso de Agronomia também está pautada na agricultura familiar camponesa assim como a realização de trabalhos práticos e a resolução de problemas do mundo da produção."; "O contato mais estreito com comunidades de produtores rurais e com os estudantes, que muitos tinham origem rural, despertou para extensão universitária, a qual até então eu não tinha muita experiência e inclusive carregava alguns preconceitos. Se em termos de pesquisa, as universidades do cenário da interiorização da educação superior têm alguma carência, em termos da extensão há uma oferta imensa de oportunidades."; "... nas Feiras Agroecológicas, um outro projeto de extensão coordenado por colegas que articulava produtores e consumidores numa proposta de comércio justo, economia solidária e consumo consciente. Na feira estavam presentes como produtores agricultores da região que traziam hortaliças, temperos, frutas da época, castanhas e alguns produtos processados e também artesanos."; " As trilhas ecológicas com foco em educação em solos mostraram ser importantes instrumentos de ensino-aprendizagem, dado ao elevado número de visitantes de diversos públicos e faixas etárias e reforçam o papel social da Universidade no contexto da interiorização e da difusão de conhecimento em espaços não formais de aprendizagem."
RELATÓRIO DO LUGAR DE TRABALHO.	P1 " ... após aprovação em concurso público no [nome da instituição], no estado do [estado federativo] [sigla da instituição], toma posse do cargo de Engenheiro Agrônomo, na carreira de Perito Federal Agrário, seguindo com o Doutorado. Nesse período, desenvolve atividades na Divisão de Desenvolvimento de Projetos de Assentamento, na coordenação da Assistência Técnica e supervisão de Planos de Desenvolvimento (utilização das terras de acordo com sua aptidão, além da parte social e ambiental) e de Planos de Recuperação de Projetos de Assentamento."; No ano de 2010 é aprovado em concurso para a [nome da instituição], sendo lotado na [nome da instituição] desde então. É pesquisador na área de [área do conhecimento]. A partir de 2020 atuando na região Centro-Oeste e lotado em [cidade/estado]."; "Pela Sociedade Brasileira de Ciência do Solo, esteve como Diretor na Divisão 1 - Solo no Espaço e no Tempo entre 2019-2023, esteve como coordenador da Comissão 1.2 Levantamento e Classificação de Solos e na diretoria do Núcleo Regional Centro-Oeste desde o ano de 2019.";

		P2 "Em 2005, fui concursada e comecei a trabalhar no Banco do Brasil, onde tive a oportunidade de desenvolver ações que se reportavam ao cuidado com a natureza."
		P6 "...ministrar aulas na educação básica..."
		P7 " ... "estágio remunerado" no Banco [nome] com a finalidade de fiscalizar projetos de crédito agropecuário no Estado ..."; Eu tinha passado para a [nome da instituição]. (...) em abril de 1991 estava desembarcando no aeroporto internacional Val de Cans, em [cidade] ..."; ... comecei a me dedicar mais aos trabalhos que envolviam a conservação dos solos, em projetos estruturantes do Centro Nacional de Pesquisa dos Solos. Sim... a partir de 1994, nos tornamos [sigla da instituição]. Apenas a partir de 1996, a [sigla da instituição] começou a usar nomes representativos para a popularização seus Centros de Pesquisa. Então viramos [sigla da instituição]."; "Já em 1994 na [sigla da instituição] no [estado federativo], comecei a receber visitas na [sigla da instituição] de alunos do ensino médio querendo informações sobre solos. Era o início de minhas atividades de Educação em Solos. Com o passar dos anos a demanda de ações de Educação em Solos aumentou, principalmente a partir de 1997 quando a [sigla da instituição] criou o Programa [nome], que visava popularizar junto a esse público especial escolar as suas ações de pesquisa agropecuária."
		P8 "... moramos no estado do [estado federativo] onde atuei como professor do ensino técnico agrícola na Fundação Bradesco – [região do país], onde conheci e pratiquei elementos e princípios da pedagogia construtivista."; "Ingressei na extensão rural da [sigla da instituição] ..."

	P10 "Do ano de 1987 a 1990 eu lectionei em um curso noturno de Alfabetização de Adultos pelo SESI. Em 1990, ainda na graduação, eu passei a lecionar a disciplina [área do conhecimento] para alunos dos Ensinos Fundamental II e Médio. De 1990 a 1991 lectionei [área do conhecimento] na [nome da escola] para o Ensino Médio. De 1991 a 1992 lectionei [área do conhecimento] na [nome da escola] para o Ensino Fundamental II. No início de 1992 lectionei [área do conhecimento] na [nome da escola] para o Ensino Fundamental II. No ano de 1992 eu me dediquei ao meu TGI, com bolsa de Iniciação Científica da [sigla da instituição]. Entre os anos de 1993 a 1995 eu me dediquei ao meu Mestrado, com bolsa da [sigla da instituição]. Do ano de 1996 a 2000, lectionei [área do conhecimento] no colégio [nome], para alunos do Ensino Fundamental II e Médio. Em 1996 lectionei [área do conhecimento] para alunos do Ensino Fundamental II no Colégio [nome]. No ano de 1999 lectionei as disciplinas [área do conhecimento], [área do conhecimento] do Brasil na Universidade [nome], para alunos do curso de Estudos Sociais. Em 2001 lectionei [área do conhecimento] para alunos do Ensino Fundamental II e Médio na Escola [nome]. De 2000 a 2001 lectionei [área do conhecimento] para alunos do Ensino Fundamental II e Médio na Fundação [nome]."
	P11 "... estágio no [nome] ..."; "... trabalhar como auxiliar contábil em uma empresa de fertilizantes ..."; "Logo após concluir o mestrado, no ano de 2005, fui diretamente trabalhar em empresa de mineração, onde era responsável por recuperar as áreas degradadas após a extração do minério. Permaneci por 09 meses nesse emprego que me deu uma boa experiência enquanto profissional de Agronomia, porém, sentia muita falta do ambiente da academia: do ritmo intensivo de estudos, dos seminários, das pesquisas, das trocas e aprendizados constantes com colegas e professores."; "... no estado de Sergipe, assim, precisei percorrer o estado, visitando propriedades e entrevistando agricultores".
	P14 "Eu tive o meu primeiro emprego de professora aos 16 anos, em um jardim de infância, em uma favela na região metropolitana de [cidade]."
	P15 "... [país] trabalhar. Eu morei 5 anos no [país]. E isso mudou minha vida. Inclusive 5 anos morando lá, pendurei frango, trabalhei em linha de montagem. Já era formado."; "Eu morei um ano no [estado federativo] em [cidade], dando aula ...", "... servi no quartel ..."
	P16 "... trabalhar na Fundação [nome] ..."; "... fui contratado pela Empresa [nome], para trabalhar no Projeto de Integração do Rio São Francisco com Bacias Hidrográficas do Nordeste Setentrional – PISF."; "... fui aprovado no concurso do INSTITUTO [nome] ... " ... professor do Instituto [nome] ..."

	P20 “Em 2007 já estava em outro cursinho como voluntária ...”. “De 2008 a 2011 atuei como docente de [área do conhecimento] na rede privada de ensino ...”
	P25 “... consegui uma escola uma vaga para dar aulas numa escola estadual com a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Dessa forma, eu estudava durante o dia e dava aulas a noite. Durante os dois primeiros anos da minha graduação foi assim. E nesse momento, a docência ganhou meu coração, mas ainda via muito marginalizada, o salário não era nada atraente, mas me ajudava nas contas.”; “... assumi em julho de 2010 o posto de fiscal agropecuária, voltando novamente para [cidade/estado]. (...) mas também tive a oportunidade de conhecer melhor o outro lado da agricultura, que são os pequenos e médios agricultores. Eu vim da agricultura familiar, mas no órgão pude conhecer muitas outras realidades. Foram dois anos e meio de muitas experiências e aprendizado.”
	P27 “Na busca pela sobrevivência em [cidade] fui fiscal a paisana de coletivo, trabalhei em locadora de vídeos”

CATEGORIA DE ANÁLISE	SUBCATEGORIA DE ANÁLISE	UNIDADE DE REGISTRO
AUTOFORMAÇÃO	PELA PERCEPÇÃO DO QUE FAZ SENTIDO PRA SI.	P2 " Surgiu a oportunidade de participar de uma seleção para ser educadora do BB. Ao longo de uma semana, juntamente com colegas de todo Brasil, participamos do processo que, ao final, não foi positivo para mim, e o feedback recebido pelos avaliadores foi de que eu dominava muito o lado ambiental e social, mas a instituição era focado no econômico. Certamente que foi desgastante para mim, mas a compreensão de que os lados social-ambiental foram ressaltados, me fez prosseguir na busca do que sempre acreditei."
		P7 "Posso dizer que assim quis o "Destino" que eu utilize o meu dom de me comunicar de forma prazerosa com um público tão variado, levando o conhecimento científico adquirido na vida profissional. E para isso me preparei nas duas ciências: da [área do conhecimento] e na [área do conhecimento]."
		P9 " As meninas do [nome], com excelente formação e pouco obedientes foram, por um tempo, um estorvo para os novos donos: eram indisciplinadas, incontroláveis... e eram as melhores alunas do colégio. Foi um desafio e um aprendizado para todos. "; " Um dos motivos que me levou a escolher o curso de [área do conhecimento] na [sigla da universidade] foi o fato de ter lido uma reportagem sobre uma excursão espeleológica no jornal [nome], que recebíamos em casa todos os dias."
		P10 "Decidi cursar [área do conhecimento] no Ensino Médio, quando percebi que amava as aulas de [área do conhecimento] e, principalmente de [área do conhecimento]. Era evidente que minha curiosidade e vivência na infância influenciaram isso. Quando ingressei no curso vi que era o que eu queria mesmo. "; "Desde minha infância fui preparada, mesmo sem saber, para ser professora da área de [área do conhecimento], mais especificamente de solos. A vida me conduziu para ser professora, desde a educação básica, até a universidade."
		P14 "No ensino médio estudei em uma escola estadual, na região nobre da cidade, e que ficava a 2 horas da minha casa. Acho que o trajeto diário e cansativo para a escola, me despertou questões sobre quais eram os espaços que eu conseguia me sentir pertencente. Nascia ali uma futura geógrafa, sem título, mas atenta ao espaço vivido, construído, ocupado e as relações e disputas sociais pelo território."
		P15 "... mas é lá atrás aqueles anos no internato, que me despertaram para a [área do conhecimento]."

	P18 " ... eu destacaria o quão importante são as experiências que temos durante a infância, seja na vivência familiar ou na escola, quando crescemos em contato com a natureza e as coisas da terra, despertando a curiosidade sobre os fenômenos e sobre a vida. Neste exercício de "viajar" sobre as memórias, buscando traçar uma relação entre o que vivi e a minha escolha profissional, com foco na Educação em Solos, concluo que especialmente minhas vivências da infância e escola fundamental, e depois em uma fase mais avançada da pós graduação, foram talvez os mais determinantes para os meus interesses de vida e atuação no presente. "; "Acredito que nossas inclinações para trabalhar com ensino são construídas ao longo das nossas vivências desde a infância. Porém, considero que um marco quando me dei conta do meu desejo por trabalhar com ensino superior se deu em uma tarde em que eu estava ajudando meu orientador em uma aula prática, durante minhas atividades de iniciação científica na faculdade de Biologia. Neste dia, senti uma satisfação imensa em fazer o que eu estava fazendo, e fiquei pensando que seria um trabalho que eu adoraria fazer: ser professora/pesquisadora em uma Universidade. Desde então, passei a pesquisar sobre o que seria preciso para alcançar este sonho. Passei a pesquisar sobre cursos de mestrado na área de [área do conhecimento] e direcionei minhas ações para obter êxito na seleção."
	P20 "Tenho a convicção que foi através da educação, muito incentivada pela minha mãe, que tive minha ascensão pessoal e profissional e acredito muito que ela tem o poder de emancipar a vida de todos, assim como fez com a minha. No entanto, é necessário que existam oportunidades e incentivos."; "... no entanto, eu costumo dizer que na extensão e com a educação em solos está o meu coração, é um espaço de felicidade para mim, mesmo sendo muito trabalhoso, porque esse processo de entrega que a extensão necessita nos exige muita energia, mas a recompensa é muito satisfatória."
	P23 "Lembro-me de chegar na escola e correr para lavar os pés que estavam cheios de "barro" (solo argiloso com poros repletos de água), e isso nem importava, pois eu sabia que era necessário, afinal meu sonho só eu poderia buscar e realizar."
	P24 "Sendo da [área do conhecimento], deveria ter tido [área do conhecimento], mas não tive. Pouco se falava ou sequer se cogitava da riqueza que o solo tinha. Na agronomia, manejo ecológico não existia. Sou de uma época cujo lema: "produtor no vermelho não pensa no verde", era discurso de parte da academia. Cheguei aos solos, ainda na [área do conhecimento], pelos meandros da iniciação científica (IC) com o querido agrônomo [nome próprio], orientador do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e de muitas coisas da vida. Também fiz pesquisa com o pessoal da Física da FCT, Prof. Dr. [nome próprio] foi meu orientador: difração de raio X de argila de olarias...penso que esse foi o prenúncio da [área do conhecimento] que já me queria, mas eu não sabia..."

	P25 "Nesse período, ainda pré-adolescente/adolescente eu não entendia muito da vida, mas já entendia que a educação iria trazer melhorias para nossas vidas. Minha mãe falava como um mantra na nossa cabeça, 'estudem, estudem para vocês terem uma vida melhor'. E assim se fez. Havia muita, muita dificuldade, mas ainda assim observo privilégios na minha vida: ter pais apoiadores, pais presentes e que não mediam esforços para nos oferecer a educação que mudaria de vez nossa condição social.", "... e a graduação em [área do conhecimento] seria a forma de mudar de vida. Era um sonho, o sonho de mudar de condição social, sonho de não precisar viver tão angustiada com contas, sonho de trabalhar nas agrárias que é área da nossa família, que de ambos os lados (paterna e materna) eram pequenos agricultores, sonho de aprender, atuar e fazer a diferença na sociedade."
	P27 "Na [sigla da universidade] eu tive meu primeiro contato com a extensão, e rolou uma química de cara, eu fui voluntário no Programa Solo na Escola da [sigla da universidade] escondido do meu orientador. (...) mas adorava receber os visitantes na exposição didática. Suspeito que nasceu ali um Educador em Solos.(...) Certo dia recebemos uma turminha de crianças, e tinha esse garoto que ficou próximo a mim durante toda a visita, sempre muito atento e participativo, ao final da visita a professora deles disse que um dia quando adultos eles poderiam estudar ali também em algum dos cursos de graduação, daí esse garoto levantou aquela mãozinha (pequena) e perguntou: mas o tio [nome próprio] estará aqui ainda? Bom, nem precisa dizer a emoção que senti de ouvir isso e saber o quanto aquele momento foi importante para ele. Tive então a noção do quanto podemos impactar a vida de uma criança com o nosso trabalho, com o nosso exemplo. Aquele dia eu tive a certeza, que quando conseguisse o cargo de professor eu criaria também um projeto Solo na Escola. A essa altura a semente da educação em solos já estava semeada, seria só uma questão de tempo até que ela se desenvolvesse e frutificasse, isso felizmente aconteceu."
	P28 "A partir da leitura deste livro, acendeu em mim a vontade de conhecer a [sigla da universidade] e lá estudar."; "Devido à tempestade que precipitou na cidade de [nome], na madrugada do último dia de prova dissertativa e aos transtornos causados por ela, a [sigla da universidade] mudou as provas para o período vespertino, já a partir do ano seguinte. Sem saber, a Agrometeorologia já estava presente em minha vida!!!"; "Desde o estágio com o Prof. [nome próprio] no CENA até o final do mestrado, pude conviver com uma pessoa da mais elevada criatividade, empatia, didática e honestidade. Na época eu ainda não entendia, mas hoje vejo que a docência começou a nascer em mim a partir deste convívio científico!"
	P29 "Imagino que esses sutis estímulos tenham sido o grande e silencioso motor que me levou a escolher a [área do conhecimento] como carreira profissional."

		P32 "Apesar de viver na zona urbana, a perspectiva de escolher um trabalho que possibilitasse o desenvolvimento de técnicas e inovações para a área rural me motivou a prestar vestibular para o curso de [área do conhecimento]..."; "A rotina da pesquisa e do laboratório permitiam uma imersão nas atividades, sendo as épocas de mais trabalho após as colheitas das culturas principais, quando vinham grãos e solos para o processamento das análises. Todas as atividades eram feitas em conjunto, mesmo que cada estudante fosse responsável por manter o seu projeto. Isso proporcionava mais leveza às atividades, tornava o dia a dia agradável e divertido e havia um grande sentimento de pertencimento e um senso de construção pelo coletivo. A participação no PIBIC foi essencial para o traçado da trajetória profissional, que caminhou diretamente para a área acadêmica e posteriormente para a docência em ensino superior."
AO LONGO DA VIDA.		P1 "Com o objetivo de buscar um maior conhecimento, cursou..."; "Desde o primeiro dia, desenvolve atividades de pesquisa (...) participando de grupos de pesquisa em projetos do grupo (...). Durante esse período desenvolve atividades de pesquisa (...)."; "A participação em inúmeros congressos pelo Brasil e também de cursos e seminários que contribuem para o aprimoramento nas áreas de pesquisa, ensino e extensão, bem como a experiência junto ao Departamento de Solos, associado à dedicação à pesquisa e ao ensino, tem motivado a seguir a carreira de pesquisador/docente..."; "A busca incessante para não "entrar em zona de conforto" garante energia extra para a procura e inserção em desafios cada vez maiores tanto na pesquisa com solos na agropecuária quanto no ensino e educação em solos com muito entusiasmo."
		P7 "... gostava de registrar as atividades de campo por meio de fotografias e no escritório de confeccionar mapas de solos, de uso dos solos, entre outros, pintando com lápis de cor as delimitações de limites no mapa. Ôpa.... fotografias e desenho e pintura??? Acho que aqui tem um veiozinho de [área do conhecimento]..."; "Ôpaaaa... novamente... olha aí a [área do conhecimento] e a [área do conhecimento], atuando como linguagem especial para a popularização dos conhecimentos técnico científicos.";

	P9 " ... desenvolvesse desde cedo grande autonomia e independência. "; "...mas não me impediria de manter a iniciativa, sonhar e buscar o que necessitava e acreditava."; " É preciso dizer também que um dos grandes desafios foi lidar com o machismo forte e arraigado daquele ambiente, o que fortaleceu a minha nascente perspectiva feminista. Assédios foram uma constante. Assim, entre aulas, trabalhos de campo e encontros de estudantes fui me apropriando de conhecimentos diversificados e de uma ética do estar no mundo."; " Comecei a lecionar na [sigla da universidade] em agosto de 1983, aos 23 anos de idade, recém-formada em [área do conhecimento] pela [sigla da universidade]. De bagagem, trouxe de minha graduação, os diversos aprendizados conceituais e metodológicos, a prática da militância política no movimento estudantil, a experiência de monitoria e a participação em diversos Encontros Nacionais de Estudantes de Engenharia e nos Simpósios Nacionais sobre o Ensino de Geologia no Brasil. (...) Era recém-formada em engenharia e não tinha a dimensão dos desafios que viriam, assim como não tinha nenhuma capacitação específica para dar aulas."; "Embora eu não tivesse estudado solos em minha formação universitária, logo percebi a sua importância e necessidade e advogava o tema tanto em sala de aula como nas instâncias de discussão curricular."; " Nas andanças de campanha pude conhecer todos os recantos de [cidade] e das redondezas. Por alguns meses, todos os dias, ao final da tarde, visitava famílias de porta em porta. Este foi um processo riquíssimo de mergulhar na realidade da pobreza brasileira que eu pouco conhecia. Experimentei acolhimento e solidariedade tanto maiores quanto mais pobres as famílias. Uma vivência e aprendizado que me marcaram profundamente e que fortalecem a minha compreensão do que é ser uma servidora público e a quem tenho que servir."; "O treinamento na então Wageningen Agricultural University (WAU) ofereceu-me excelentes condições de infraestrutura, em especial nos quesitos informática e biblioteca, além de equipamentos de laboratório. (...) Uma cultura de trabalho oposta à nossa, o que exigiu considerável esforço de aprendizagem e adaptação, principalmente quando levamos junto o nosso complexo de vira-latas, a nossa baixa autoestima nacional. Nesse contexto, iniciativa, independência e objetividade foram aprendizados muito importantes desse tempo, e vão marcar definitivamente a minha forma de trabalhar."; "Na [país], isso é agravado pelo fato de se trabalhar em inglês em um país onde se fala holandês. (...) viver na [país] foi uma inesquecível lição de cidadania e igualdade social que deixou profundas marcas em mim e em minha família. O profundo respeito ao que é público – por que é de todos, e não de ninguém – a reciclagem e o não desperdício, a educação e o respeito no trânsito, e a ausência de preconceito social foram definitivamente internalizados em mim. Aprendi também o valor da nossa maravilhosa natureza e clima: desde então não deixo um dia sequer de me regozijar com o nosso céu tão azul. E também com a solidariedade e calor humano de nosso povo, que deixou claro para mim, o enorme potencial que temos de criar uma sociedade alternativa e original."; " A participação no curso de [área do conhecimento] me deu várias oportunidades de capacitação e proporcionou novas interações, (...) Com isso pude conhecer melhor a realidade da educação básica, especialmente da educação pública, o que fortaleceu o meu compromisso de trabalhar na universidade sempre com a perspectiva de uma contribuição efetiva para a educação básica
--	---

	de qualidade."; " Matriculei o meu filho, então com cinco anos, em uma cooperativa de pais de filosofia construtivista [nome da escola]. (...) Este novo contato com a educação básica, seus desafios e dilemas, junto a uma escola com uma proposta pedagógica menos tradicional me proporcionou uma vivência nova e um aprendizado surpreendente, o que me tornou definitivamente uma militante da educação. Paulo Freire, arte educação, construção do conhecimento, diálogo de saberes, educandos e educadores aprendizes, são referências e conceitos que se incorporaram definitivamente à minha formação pessoal e profissional, modelando e remodelando a minha prática cotidianamente."; "O Programa [nome] foi uma escola para nós! Foi um programa que precisou se reinventar continuamente. Para mim, em especial, foi um importante laboratório de práticas extensionistas e aprendizados de metodologias, além de um incrível espaço de formação cidadã."; "E passo a entender a extensão como um processo de comunicação, uma ação contínua de educação, compreendendo que ninguém educa ninguém, as pessoas se educam no diálogo. E, assim, de sua importância como instrumento de formação de nossos estudantes. Participar dessa comissão me oportunizou consolidar conceitos e práticas da extensão universitária e fortalecer a minha concepção de universidade socialmente referenciada."; "... com a educação em solos e posteriormente com a ação museal e com o movimento agroecológico, o meu fazer acadêmico não conhece mais a dissensão ensino, pesquisa e extensão. Os espaços físicos podem até ser diferenciados, mas a ação é integrada e integral."
	P10 " Todas as atividades docentes por mim desenvolvidas foram importantes para minha carreira acadêmica, pois me permitiram traçar um panorama sobre a Educação em Solos entre os estudantes do Ensino Fundamental e Médio e perceber o quão aquém está este tema, tanto nas escolas públicas como privadas."

	P11 “Esse foi o grande divisor de águas na minha vida. Um mundo novo se abriu para mim. Sou muito grata por ter vivido 05 anos na residência estudantil, onde fiz amigos e aprendi sobre a diversidade, viver em coletivo e sobre muitos jeitos de viver com os companheiros de diferentes partes do estado. Com os meus companheiros também aprendi sobre as infinitas possibilidades de aprendizado extraclasses que a universidade pode proporcionar. Busquei e vivi intensamente todas as oportunidades que a academia podia me ofertar.”; “O período na [sigla da universidade], foi fundamental para o meu amadurecimento profissional, tanto em relação ao aprofundamento do conhecimento teórico, como na prática de laboratório e desenvolvimento de pesquisas científicas.”; “Elaborar os projetos de pesquisa e extensão aguçavam a minha capacidade criativa e o sentimento de liberdade para poder criar e devolver para a sociedade tudo aquilo que até então eu havia desfrutado na universidade. Foi nessa fase que iniciei os projetos de extensão com educação em solos. Eu aliei a demanda de alunos que queriam desenvolver atividades com educação ambiental, ao meu próprio desejo de trabalhar de maneira mais próxima a sociedade.”; “Mesmo com esse conflito interno, continuei as aulas para futuramente ampliar a minha percepção e compreender que tudo está interligado. Afinal, na natureza, mais do que competição, encontramos muitos mecanismos de cooperação e principalmente de interconexão. Assim, eu decidi que o meu trabalho seria pautado no cuidado do meio ambiente (que prefiro chamar de natureza) e no bem-estar do ser humano e sociedade. Penso que não há como separar isso.”
	P12 “Esta experiência me deu uma visão de mundo muito clara, o da cidadania, em que todos somos responsáveis por melhorar o ambiente onde vivemos.”; A experiência de 2 anos como professor substituto no Departamento de Solos da [sigla da universidade] (durante o período do meu doutoramento) me encantou e me despertou para a carreira docente. Também neste período eu tive a oportunidade de fazer um curso de formação de professores para o ensino superior, oferecido pela [sigla da universidade]. Onde tive mais noção sobre didática, pedagogia da educação, psicologia da educação entre outros temas importantes e frequentemente desconhecidos para os doutores das engenharias. Esta experiência afetou muito a minha forma de ser educador.”

P13 "Na Universidade as diversas experiências acadêmicas e do dia a dia concretizaram meu modo de ser, pensar e agir. Considero que foi neste período que alcancei maturidade para encarar a vida com algum propósito. Construí uma visão de mundo onde a preocupação com as mazelas sociais e com a conservação dos recursos naturais prevaleceram. Busquei as manifestações artísticas, especialmente a música, como forma de interação social e de diversão. Assisti muitos filmes, li muitos livros, visitei museus, cantei e aprendi a tocar instrumentos musicais. Aprendi a cultivar e preparar meus alimentos e me apaixonei pela gastronomia. Viajei e conheci tantos lugares quanto pude conhecer. Reforcei a importância da educação afetivos com minha família, minhas amizades e meus amores. Compreendi a importância da educação formal e informal e me dediquei aos estudos. Me identifiquei com a carreira acadêmica e abracei as oportunidades de trabalho, estágio e de todo conhecimento que podia acessar."; "Foi nesse período também que observei minha avó desenvolver a doença de Alzheimer, que sofri com o diagnóstico de câncer de próstata de meu pai, e que aprendi que a dor e sofrimento são aspectos inerentes à caminhada de todas as pessoas, inclusive das aparentemente incondicionalmente felizes."; "Acredito que construo minha forma de ser, pensar e agir desde o nascimento. Penso que reencontro os estímulos, afetos e incentivos que recebi desde a infância e resignifico sempre que novas experiências são vividas. Que nossas capacidades e habilidades são moldadas a partir das nossas experiências cotidianas e de nosso acesso a oportunidades, bens e serviços. Me relaciono com as questões pessoais e de trabalho com afeto, compromisso e respeito, e penso que todas as pessoas que tem condições, deveriam cooperar pelo bem estar e bem viver em comunidade."; "O convívio com colegas da pesquisa e extensão, o acesso aos laboratórios e demais espaços da universidade, a continuidade da pesquisa de campo regular, foram elementos de grande impacto na formação e atuação profissional, e influenciaram na minha forma de compreender como, para, e com quem desejava contribuir com a construção do conhecimento."

	P15 “Isso foi o maior legado que eu aprendi na minha formação. Então eu nunca separei questões da natureza do ponto de vista de processos solo, formação de rochas, ação do clima das questões da sociedade como a questão agrária urbana, política, econômica etc. Então, eu sempre trabalhei esses 2 elementos juntos, a natureza e a sociedade.”; “Tu tem que saber trabalhar os traumas a teu favor e dizer assim “não, não sou isso, eu sou algo melhor que isso”. E posso usar isso para dar a volta por cima.”; “O ato de trabalhar com solos com as crianças e com a educação de solos, ele te humaniza, tu deixas de ser somente aquele professor pesquisador, científico. (...) E o solo, o ensino de solos te torna uma pessoa mais simples, mais humana, mais fraterna. Para saber encarar as coisas que rolam dentro da universidade, muita vaidade, muita competição. Isso não vale a pena. Isso tudo fui aprendendo com o ensino de solo. Quando vejo uma criança entrar no laboratório, aquele bando de crianças fazendo fuzuê, gritando. Eu olho. E vejo o futuro potencial que tem naquilo ali. Então eu acho que esse é um legado que a gente deixa.”; “Falo assim, pessoal, o tempo todo eu estou aprendendo através da pesquisa ação. Tem um lado muito presente, é meu, da minha formação “Paulo Freiriano”, eu não posso negar, construtivista. Fui ler Paulo Freire e fui ler Vygotsky que é um autor marxista.”; “Quando eu fui lendo e fui aprendendo, fui transformando o meu pensar. Então acho que tudo está conectado, tudo está conectado. Só que as pessoas ficam nos seus cantos.”; “Hoje eu sou Professor Universitário. Quando me perguntam a profissão, digo Professor Universitário formado em [área do conhecimento]. E aí eu comecei a assumir ser um professor e comecei a estudar, a correr atrás de questões mais didáticas. E aí de tudo isso, eu tenho que dar aula, preparar as aulas. Foi quando eu encontrei o caminho do ensino de solos, que para mim me ajudou, facilitou. Essa relação com o ser o professor e não ter vergonha de ser professor. Acho que é maravilhoso.”; “... muitas vezes o pessoal pede ajuda para identificar um problema ambiental que tem a ver com solos. E perguntam quanto vou cobrar. E não cobro nada. Eu sou um funcionário público de uma universidade pública, tudo o que eu aprendi foi o que a sociedade me deu essa oportunidade. Batalhei claro, estudei muito, a gente estuda muito e tudo, mas eu não ligo pro dinheiro.”
	P16 “E continuo aprendendo sobre a Ciência do Solo e sobre ensinar, um prazer e orgulho que tenho.”; “O que transformou o trabalho numa experiência humana muito rica, com compartilhamento e troca de saberes, experiências, para construção do conhecimento. Tendo sido muitas vezes um exercício pedagógico.”; “Com esses Mestres, entre outros com quem trabalhei e me ensinaram muito, descobri que existe um conhecimento muito difícil de ensinar, o conhecimento tácito.”; “... trabalhei com profissionais de diversas áreas, de diferentes lugares do Brasil, um grande intercâmbio cultural, troca de saberes, de experiências; as quais carrego até hoje.”

	P18 "Ainda sobre a minha formação, as experiências com o biomonitoramento e estudos sobre os efeitos da poluição sobre os ecossistemas eram temas que me intrigavam. Hoje, enquanto profissional que também atua na Educação em Solos, vejo que a perspectiva dos organismos de solo, seu ambiente e suas interações foram pouco trabalhadas na faculdade de [área do conhecimento], faltando uma visão mais integrada e holística. Essa deficiência também constatei nos cursos ligados às [área do conhecimento] quando cheguei no campus onde me encontro, há 10 anos atrás, o que me levou a propor uma disciplina de [área do conhecimento] para os cursos de [área do conhecimento] e [área do conhecimento]"; "Meu trabalho de dissertação de mestrado foi meu primeiro contato mais direto com a [área do conhecimento], ainda em uma perspectiva que ignorava muitos elementos importantes que não costumam ser trabalhados nos cursos de [área do conhecimento], mas que deveriam (por exemplo, propriedades físicas e químicas dos solos que interferem de forma direta sobre o desenvolvimento dos organismos e na disponibilidade dos contaminantes para estes grupos)"; "Quando retornei ao Brasil em 2008 para os trabalhos de campo da tese, novamente junto à [sigla da universidade], também iniciei minha participação em eventos científicos com minicursos e palestras nesta área, comissões como a da ABNT (que propõe as normas de ensaios de ecotoxicidade no Brasil), aulas práticas com meu orientador de mestrado na [sigla da universidade], e coorientando estudantes. Todas estas experiências e interações foram me moldando para usar o conhecimento que eu pude acessar e desenvolver no doutorado, para uma aplicação em situações reais no Brasil, fosse na avaliação de áreas contaminadas, no desenvolvimento de protocolos ou mesmo de instrumentos legais nesta temática."
	P20 "E quanto mais eu estudava [área do conhecimento], mais eu queria estudar, principalmente a parte da natureza que era encantadora para mim"; "Minha mãe não ficou muito satisfeita, não queria que eu fosse professora, e a todos que eu contava me desestimulavam dizendo: mas você tem potencial para um curso melhor....., você vai sofrer muito nessa profissão....., mas eu não me importei, estava focada nesse objetivo."; "... e já tinha a vontade de aprofundar a minha formação na área da [área do conhecimento], no entanto, coloquei como meta que estudaria tudo com dedicação para que pudesse ser uma boa professora."; "... na [área do conhecimento] eu encontrei o encanto do conhecimento das questões relacionadas a natureza, pois o solo me pareceu muito sistêmico e integrado aos diversos aspectos do espaço natural e as questões humanas ligadas ao uso da terra."; "Em meio a essas questões busquei também adquirir experiência em sala de aula, e quando estava no segundo período da graduação, ano de 2006, me candidatei para dar aula gratuitamente num curso de pré-vestibular para estudantes de escola pública, e assim iniciei a minha caminhada docente."; "Orientar os estudantes nas feiras de ciências sempre foi um prazer, nessas atividades eu conseguia garantir um engajamento e conexão com o objetivo proposto. Hoje reflico sobre como essas experiências eram formativas para mim e para os estudantes."; "No entanto, em março de 2020 foi instaurada a pandemia da COVID – 19, e isso fez todo o planejamento inicial parar, eu e

	os extensionistas ficamos bem perdidos no começo, pensando em como um projeto de extensão, que tem por natureza uma contribuição direta com a comunidade, poderia continuar. Mas, com o aprendizado sobre plataformas de reunião, como o Google Meet, e de produção de materiais didáticos, com o Canva, foi possível continuar as nossas reuniões para estudo e iniciamos a adaptação de alguns materiais didáticos para contribuir de maneira remota com a educação em solos.”
	P23 “[área do conhecimento] era licenciatura e me auxiliava muito na parte pedagógica. Eu sempre quis ser docente. A [área do conhecimento] fazia parte das minhas raízes, e o conteúdo sobre solos era muito amplo, foram tantas matérias.”; “Seguir sem almejar ser melhor ou pior que ninguém, apenas buscando oferecer o meu melhor onde estiver, com coração grato e pronto para aprender, pois isso deve vir antes que o meu querer ensinar.”; “Assistir ao vídeo do dia em que fui pega de surpresa (falha minha talvez) porque havia um discente sem a visão na escola e precisei rapidamente usar dos materiais disponíveis, na ocasião solos e rochas de diferentes texturas, para que assim ele entendesse nossa mensagem, compartilhasse suas experiências e acima de tudo: que ele nos ensinasse! Sim, ele me ensinou muito naquele dia! Especialmente que se estou ali, devo estar preparada para, adivinhe? Oferecer meu melhor com os recursos que tenho! Afinal eu me propus a isso, e ele, bem como todos os demais merecem receber o que tenho de melhor!”
	P24 “O pai, pouco, pouquíssimo saía. Então, embora andasse com dificuldade, eu, pequena pessoa com deficiência, descrevia tudo que via, eu não sabia, mas a mim cabia levar o mundo para casa. Assim foi também na escola, como não corria e com dificuldade andava, interagia com as pessoas no plano das ideias, das confidências. Penso que eu era a criança mais bem informada daquele gigante diminuto mundo de conflitos, de nenhuma acessibilidade, nada de solos ou terra, mas de amizades que perduram, poucas, mas até os dias atuais. Penso que tudo isso contribuiu muito para que me tornasse a professora que sou: observar, relatar, ouvir, criar, imaginar, improvisar, andar/ficar, todos esses verbos cresceram fortes em mim. Definitivamente, a paralisia não paralisa se a gente não deixar.”; “Meus avós maternos, [nome próprio] e [nome próprio], fizeram a passagem muito cedo: ele, câncer de pulmão; ela, de cabeça. Sempre ouvi dos meus tios contarem, mesmo quando nem se tocava nesse assunto, que adoeceram pelo uso de veneno nas roças de algodão, amendoim e café. Os equipamentos de segurança? Nunca souberam o que é. Meu pai teve câncer de próstata e minha mãe, problemas neurológicos. Todos manejaram agrotóxico durante muito tempo. Se existe uma relação de causa e efeito, no caso deles, nunca saberemos, mas dados oficiais de centros de pesquisa renomados indicam que sim. O agro é morte!”, “No ano de 2012, meu sobrinho foi diagnosticado com uma doença raríssima: anemia aplásica grave ou aplasia de medula.(...). Apesar de todos os esforços, em exatos cinco meses e meio dos primeiros sintomas, (...) aos 20 anos de idade, fez a passagem. Acredito essa informação porque uma das possíveis causas para a medula deixar de produzir sangue e passar a produzir gordura é a exposição aos agrotóxicos. Pois bem, foi nesse contexto que passei

	a me interessar ainda mais por esses assuntos. Produzir “comida de verdade” em solos que requerem pouca ou nenhuma intervenção, em equilíbrio com os outros ecossistemas, livres do agrotóxico, é a única garantia de sobrevivência, de dignidade para essa sociedade caracterizada pela desigualdade, com parcela gigantesca imensamente sofrida. Além disso, fomentar a organização dos agricultores e agriculturas, garantir seus direitos e seus espaços de fala, são alguns dos princípios que acredito. Porém, a quem interessa o contrário? As doenças, as mortes, a precarização do trabalho, a pandemia? Produzir solos degradados é uma estratégia muito lucrativa para os que, sob a égide do agronegócio o torna produtivo, mas a custas de quê, de quem?”;
	P25 "Agronomia era um curso elitizado, de certa forma ainda é, por se tratar de um curso integral, a diferença é que agora há algumas políticas públicas de permanência, que na época não havia, mas é assustador para algumas pessoas dividir espaço com alguém de classe social muito abaixo da sua. Essa passagem é muito emblemática na minha trajetória, pois reflete muito na maneira que busco atuar atualmente (falarei adiante)."; "Eu perdi vagas para filhos de pessoas influentes, filhos de produtores, para homens, mesmo tendo certeza de que eu era melhor que todos. Eu vivi uma época muito cruel com agrônomas, hoje eu vejo que ainda é baseado em muita luta, e faz parte das minhas lutas na universidade, mas em 2004/2005 o mercado era muito complicado para as mulheres, era um ambiente completamente machista. Eu sofri demais, pois eu sabia do meu potencial, e o pior, era se sentir usada, mas nunca lembrada para as vagas. Além de mulher, eu era pobre, não tinha influência nenhuma, o que não me abria portas." ; "O primeiro semestre foi desafiador, eu precisava de embasamento teórico, precisava estudar todos os dias assuntos alheios ao que vinha estudando no mestrado e doutorado, mas essa era uma experiência em que quase todos os docentes ali passavam."; "Quando voltávamos desse evento, cada um tinha algo pra contar, e ali percebi neles o mesmo brilho nos olhos de quando eu participei de meus primeiros eventos, da experiência de ver pessoas valorizando seu trabalho, interessados pelas suas ações e das trocas de experiências. Eles estavam gratos, entusiasmados, cheio de novas ideias e motivados pelos seus cursos. Nesse momento, descobri que o projeto ia além do público que a gente atingia, e que os maiores beneficiados eram os discentes participantes. Eles se sentiam pertencentes e importantes para sociedade. Eu como docente, percebi a importância do meu papel como educadora, facilitadora, motivadora, entre outras."; "Falando dos desafios da minha profissão, já destaquei anteriormente o machismo. Os cursos de agrárias, de maneira geral, ainda são mandados por homens, homens tem os cargos de diretoria, de coordenações, de chefias. Já foi muito pior, hoje temos mulheres em qualquer posto que se propõe a estar, mas vejo a dificuldade, ainda o desrespeito, a falta de consideração. Também levo isso pra minha prática de educação, meninas me perguntam sempre, como fazer para não viver brigando, como ser uma profissional de destaque em meio a tantos problemas, então digo que não passou, que a aprendi a viver essa realidade com o tempo, que aprendi a dar importância maior nas conquistas, minimizar as atitudes ruins, mas também com terapia (risos)."; "Avaliando nesse relato, percebo o quanto fui persistente, resiliente

	nos meus propósitos, e que ainda sou, mas que tive em cada fase da minha história pessoal e profissional (e que se misturam), pessoas que foram necessárias, que acreditaram em mim, que me motivaram, que viram além, que eram minha base, meu suporte, e é essa pessoa que eu quero ser. Abrir caminhos, facilitar, mostrar possibilidades e ajudar mudar realidades, especialmente daqueles que vem de duras realidades, daqueles que precisam trabalhar pra complementar renda, daqueles que precisam de uma forcinha nas disciplinas, no estágio, no mercado de trabalho...eu quero ser ponte, e ponte firme!"
	P26 "E foi durante o estágio curricular obrigatório que redescobri minha paixão por solos. Durante esse período eu convivi com muitos pequenos agricultores da região do vale do [cidade] em [estado federativo]. E lá pude vivenciar as necessidades dos produtores, a dificuldade em fazer a terra produzir, diante de tantos problemas que muitas vezes não era possível controlar. Políticas públicas, falta de recursos, técnicos, questões ambientais principalmente ligado as chuvas, e muitas vezes geada, inviabilizavam as atividades. Vi crianças trabalhando na roça de fumo, famílias inteiras envolvidas com a produção da terra. Vi rios assoreados, o próprio rio Itajaí vermelho carregando silte e argila em todo seu curso até chegar ao mar. Todas essas vivências despertaram-me para olhar para os solos e considerar que eu poderia fazer mais."

P27 "Falar do pequeno até o adulto (...) é algo bem inusitado, é algo que já imaginei em muitas partes, mas jamais como um tudo, por isso, será um desafio escrever as linhas que se sucedem. Acredito que será também uma oportunidade de saber como eu mesmo me enxergo."; "Na cidade a vida começou a mudar um pouco, viver longe da mãe durante a semana, trouxe desde cedo algumas responsabilidades que na época pesavam, mas que hoje não vejo como ruim, afinal era preciso se resolver quanto a cozinhar, limpar, lavar, fazer tarefa de casa ..."; "Naquela época eu não tinha essa dimensão, mas hoje vejo que ter professores com formação em Licenciatura e em Agricultura foi o que permitiu uma mais adequada formação no curso técnico. Com ingresso no curso de [área do conhecimento] em 2001, logo pude perceber as diferenças entre os profissionais da Escola Agrícola com os da Universidade, por conta também, das diferentes formações acadêmicas e pelo curso de [área do conhecimento] na [sigla da universidade] ser um curso novo."; "Durante um período da graduação fiz estágio na Companhia de Limpeza Urbana do [estado federativo], uma experiência marcante, na qual tive que liderar uma equipe de 15 pessoas na área de produção de mudas de espécies florestais e ornamentais. Essa experiência foi fundamental pois pude vivenciar a rotina de uma empresa e comparar com a rotina de iniciação científica, foi assim que decidi que iria para a área acadêmica."; "No mestrado em um instituto de pesquisa, pude abrir o horizonte de atuação profissional, antes me via apenas como futuro Professor Universitário, agora começava a cogitar a possibilidade de ser também pesquisador. No [sigla da instituição] tive uma formação muito boa e comecei efetivamente minha vida na pesquisa e peguei gosto por aquilo."; "Tive a oportunidade de realizar o doutorado sanduiche na [nome da universidade] em [estado/país], um período muito produtivo, difícil, desafiante. Chegar em outro país, outra língua que não dominava, fazer pesquisa no formato deles, foram 6 meses muito intensos, mas que valeram a pena e contribuiu muito para a minha formação profissional e pessoal. Ter contato com as pessoas, com a cultura, com a universidade foi maravilhoso, mas me fez valorizar mais o Brasil e me deu a certeza que aqui é o meu lugar, e que mesmo lá sendo maravilhoso, eu não trocaria pela minha vida aqui."; "... e agora como é ser professor? Essa é uma das maiores falhas dos nossos programas de pós-graduação, eles não nos preparam para sermos professores, apenas para sermos pesquisadores, mas tudo bem, eu estava grato demais a Deus para reclamar de qualquer coisa a essa altura da vida. Imagino que minhas aulas não deviam ser boas, mas uma certeza os alunos tinham: eu me preparava para estar ali, das minhas incontáveis falhas como professor e ser humano, posso dizer que uma não tenho, pois levo e levarei sempre muito a sério o meu ofício como professor, mesmo tendo passado 11 anos de sala de aula, esse sentimento não muda em mim, eu amo o que faço, mesmo com todos os problemas do dia-a-dia que as vezes nos deixam desanimados, a beleza e o poder dessa profissão te completam de tal forma que é difícil de expressar sem deixar de ser piegas."; "... na Rural, pude realizar iniciação científica, participar de projetos de expressar sem deixar de ser piegas."; "... na Rural, pude realizar cursos de graduação (inclusive LiCA), conviver com colegas de diferentes culturas (estudantes que vieram de norte a sul do Brasil), fazer disciplinas em diversos departamentos, trabalhar no restaurante universitário,

estagiar em empresa, trabalhar em buffet. Todas essas experiências me influenciaram e me ajudaram na construção do profissional que sou. "; "... no mestrado (...) Do ponto de vista do conhecimento, foi uma fase que dei um salto muito grande, aprendendo novas técnicas, me aprofundando mais na área de atuação, lendo bastante artigo científico, convivendo com pesquisadores científicos, ali naquele período eu tive a certeza do que queria fazer para a vida: pesquisador de uma instituição de pesquisa ou professor de uma instituição de ensino. Mas no que tange a educação em si, não tive nesse período, qualquer tipo de formação específica. "; "... percebia nos professores pesquisadores da [sigla do programa] dificuldades no processo de ensino-aprendizagem, inclusive isso era até discutido entre nós colegas, mas sempre com o entendimento que eles não foram formados para dar aula e sim para serem pesquisadores. Nesse período, eu comecei a entender que a falta de uma formação específica não era necessariamente motivo para não fazer algo, ali eu percebia em cada professor/pesquisador a capacidade de querer entregar algo de qualidade mesmo não tendo uma formação em docência. Esse aprendizado eu carreguei comigo e utilizei dele mais a frente quando me tornei professor. "; "No doutorado cursei uma disciplina de Práticas Docente, que abriu um horizonte, mas não foi suficiente para suprir uma formação. Posteriormente, fiz o máximo de estágio em docência que pude nas disciplinas de graduação, aprendi bastante na prática, o que me ajudou muito depois, mas ainda não tinha uma noção técnica de estruturação de aula, plano de aula, técnicas relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem, tudo isso permanecia ainda descoberto. "; "... você se torna professor, mas sua formação foi apenas para pesquisador. Mas ao longo da trajetória a gente procura se espelhar nos melhores professores que tivemos, e buscamos nesses professores as referências para o professor que se quer ser. E assim foi, com acertos e erros, nascendo um professor do magistério superior. "; "... entendendo que o processo ensino-aprendizagem é um serviço ao próximo (no caso os estudantes), e que nesse processo você (professor) se beneficia enquanto saber técnico, enquanto ser humano, enquanto formador de opinião, ou seja, muita responsabilidade. "; " Aqui pude propor um projeto de extensão que foi o Práticas Ambientais Sustentáveis, fiquei quatro anos a frente da coordenação, com muito aprendizagem, o projeto nasceu por demanda dos estudantes, mostrando a importância da extensão. Nesse período pude exercitar e estudar sobre educação, e isso foi pavimentando a estrada que viria."

	P28 "... que provocou uma significativa mudança na minha maneira agrônômica de perceber o solo, a paisagem e o ambiente. E vislumbrar novas alternativas de trabalho, interagindo diretamente com crianças do ensino fundamental e jovens do ensino médio."; "Como não tenho formação pedagógica, tenho estudado bastante e tentado, junto com os bolsistas, voluntários e estagiários, desenvolver novas alternativas de trabalho na área de solos. Sempre com a colaboração da Profª [nome próprio], uma apaixonada pela educação e pela formação continuada de professores universitários."; "O que mais me incentiva é que a partir destes projetos, timidamente iniciados em 2007, percebi a melhoria nas minhas aulas de graduação, nos cursos de [área do conhecimento], [área do conhecimento], [área do conhecimento], e [área do conhecimento]."
	P29 "Durante toda a graduação busquei suprir minha falta de familiaridade com o universo rural através de estágios, complementando assim, com experiências práticas e vivências a teoria adquirida em aula, nas áreas de [área do conhecimento], e [área do conhecimento]"; "Todas as atividades realizadas até aqui me trouxeram valiosos conhecimentos acerca do funcionamento e estruturação das atividades acadêmicas, entre elas a docência e a gestão de projetos recursos humanos e financeiros na universidade. Contribuindo assim para uma consistente formação profissional na carreira de docência que espero poder retribuir à sociedade na forma de disseminação de conhecimento e formação de novos profissionais das áreas das ciências agrárias e ambientais, todo o investimento de ter cursado excelentes universidades públicas ao longo de minha vida acadêmica."
	P31 "Na época a visão que eu tinha do curso era bastante reducionista, muito vinculada a [área do conhecimento], manejo de plantas. Logo percebi o desafio que enfrentaria, especialmente pela questão de gênero, num campo predominantemente masculino. Até então eu não tinha presente que a participação feminina raramente excedia 5%. Nesse sentido lembro da ressalva de alguns professores que nos consolavam com a perspectiva de que as meninas eram mais dedicadas, portanto, poderiam dedicar-se a tarefas de laboratório, ficando implícito um relativo preconceito a atuação feminina na profissão."; "Acredito que minha adesão ao projeto, que se estendeu por décadas, deveu-se a oportunidade de intensa interação entre diversos campos do conhecimento, e um espírito de equipe devotada a fazer acontecer um projeto ousado. Foram anos de um exercício de interdisciplinaridade desafiadora. Por se tratar de uma pequena universidade comunitária, o corpo docente era reduzido, de modo que assumíamos diversas disciplinas não somente da área de formação, mas também de áreas conexas. O departamento ao qual me vinculei denominava-se "Estudos Agrários", em que convergiam diversas áreas do conhecimento que possibilitavam uma ampliação da formação disciplinar em solos. No campo pessoal, a vida comunitária em Ijuí eram um estímulo à parte. A possibilidade de convívio com colegas de trabalho que tinham o mesmo objetivo e forte espírito de equipe faziam o intenso trabalho de ensino, pesquisa e extensão valer a pena."; "A partir de 2013 passei a fazer parte do corpo docente de um mestrado interdisciplinar em Desenvolvimento Regional e

	posteriormente também do mestrado interdisciplinar criado em 2018, em [área do conhecimento],. Este, foi fruto de um longo processo de construção em que tive participação ativa. Em ambos os programas trabalhei com a dimensão ambiental do desenvolvimento, fruto de um longo processo de aprendizado, por muitas vezes autodidata.”; “... os longos anos de atuação na educação foram lapidando minha autopercepção como educadora e acredito que vamos nos tornando educadores melhores, com maior empatia com os educandos, especialmente aqueles com que interagimos mais intensamente, em orientações de graduação, mestrado o doutorado. É tão fácil empolgar-se com a vida a partir do conhecimento, mas é ainda mais fácil quando a gente partilha aquilo que sabe, aquilo que viveu e que acredita.”
	P32 "Até então a minha construção profissional vinha se moldando, e era basicamente norteadas pela pesquisa e questões acadêmicas dentro da área específica de [área do conhecimento],. O ingresso na [sigla da universidade], instituição que estou há 10 anos, se deu em 2013 e no início eu compreendia muito pouco da proposta do curso e como a agricultura estava relacionada de maneira tão forte com a questão agrária, o capital, as desigualdades sociais e à construção histórica de todas essas diferenças no nosso país.”; "Pude conviver com professores de várias áreas, principalmente da área da Sociologia e Antropologia, que ajudaram a despertar um olhar para o rural além da produção agrícola, mas um rural habitado por pessoas que praticam agricultura e da agricultura como fato social. Passei a aprender mais sobre metodologias em extensão rural, agroecologia, espaços de educação não formal e sobre o legado de Paulo Freire, tão importante nessa área de atuação. A extensão na área de Educação em Solos pode facilmente entrar e fazer parte desse processo, principalmente por acreditar na educação como forma de transformação social."
NA PRÁTICA EDUCACIONAL.	P1 "Ao longo da trajetória, as orientações de iniciação científica e estágio obrigatório sempre com muita energia e apreço. Neste caso, a dedicação é parte rotineira quanto a perseverança nesta atividade, vislumbrando que é uma oportunidade para termos e mantermos a nossa base científica ativa e a construção de novos profissionais. Inúmeros bolsistas e estagiários de diferentes níveis fazem parte de projetos e das atividades de pesquisa."

	P2 "Na sala de aula da graduação, o ensino do solo é acompanhado de diálogos sobre a urgência de se compreender a relevância do solo na vida de todas as criaturas e consegui inserir nas ementas das disciplinas o componente de educação em solos."; "Em 2012 tive a oportunidade de aprovar um programa de extensão, na educação em solos – o programa [nome], com três projetos: [nome], [nome] e o [nome]. As propostas brotaram das interlocuções com agricultoras(es) e professoras(es) sobre o avanço da degradação dos solos na região do cariri paraibano e da total falta de compreensão da importância do solo."; "... ao longo do tempo as propostas foram ampliadas e em 2022 o [nome] passou a ter os projetos [nome], [nome] E O [nome], abrindo espaço para que o solo na escola fosse transformado num programa, [nome do programa], com os seguintes projetos vinculados: SOLO NA ESCOLA (EDUCAÇÃO EM SOLOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA), GEOTINTA (SOLO E ARTE) E #REDESOLO (SOLO NAS REDES SOCIAIS)."; "Temos diversas inspirações, de [nome próprio] a [nome próprio], de Ana Primavesi, de Sadhguru e trabalhado arduamente na divulgação da importância da educação em solos, em toda a região do [nome], além de direcionar ações para outras regiões do estado, atendendo a convites de escolas."; "A partir dos diálogos com professores parceiros, também tive a grata alegria de ver que se inspiraram na Educação em Solos para elaborar projetos que foram vencedores em um programa do Governo do estado da [estado federativo] (Giramundo Israel) e que os levou a viver 40 dias de experiência naquele país, divulgando a importância de se olhar o solo com olhos de respeito e amor. Mais ainda, porque, motivados, ao retornar ao Brasil esses professores conseguiram elaborar disciplinas eletivas sobre a importância do solo e de me procurar para elaborar trabalhos para participar de eventos científicos avançando na divulgação da educação em solos."; "Aliás, como trabalhamos com a Educação em Solos de maneira ampla, as ações passeiam nos territórios quilombolas, nos assentamentos, na feira agroecológica e convencional, nas comunidades das louceiras. De maneira, lúdica, por meio da arte com a tinta de solo ou do teatro de fantoches – o teatrinho do solo, vamos sensibilizando as pessoas para o entendimento do solo como patrimônio, herança, mas como dádiva divina, como parte e extensão nossa, de nosso corpo, de nosso presente e futuro."; "Mas conto com a sensibilização dos monitores e monitoras, professoras e professores, agricultoras e agricultores, que se encontram motivados a prosseguir com a proposta de edificar a Educação em Solos, por amor: amor ao planeta, amor às criaturas, amor ao chão que pisamos. E sonham comigo e me impulsionam a prosseguir, com alegria, com entusiasmo e com determinação. Por amor. Porque é amor o que sentimos quando vivemos a Educação em Solos e nos deixamos tocar pela emoção de sentir o solo e saber que alguém também se sensibilizará e se fará multiplicador, alertando e instruindo, esclarecendo e despertando outras consciências que olharão o solo e serão sua voz para construção de um mundo melhor para todos os seres."
--	--

	P6 “... percebi que precisava desenvolver algumas atividades, principalmente na área de Ensino de Solo, em 2014, ministrei um curso de formação de professores da educação básica, na minha cidade natal, [cidade], foi o embrião para criação do Projeto [nome].”; “O que sempre motivou, minha trajetória é poder contribuir com um mundo melhor”
	P7 “Entre as atividades realizadas por mim, de 1994 até os dias de hoje, na [nome da instituição], bem como em outros locais (escolas, universidades, congressos e simpósios, feiras agropecuárias, assentamentos, comunidades, ONGs, instituições públicas e privadas etc) cita-se: palestras, cursos, exposição, oficinas de materiais didáticos lúdicos, excursões técnicas, orientação a estagiários, bancas de defesa de TCC e mestrado, elaboração de material didático lúdico utilizando solo em sua composição, elaboração de publicações técnica e lúdicas etc. Uma característica que sempre me acompanhou foi a facilidade de adaptar a linguagem técnico científica para a linguagem mais informal, para atender o público diferenciado das escolas, estudantes universitários, comunidades, agricultores, sociedade em geral etc. Sempre usando técnicas de muitas imagens e pouco texto e a interação com empatia e comunicativa com o público alvo.”; “... sempre que ocorre a oportunidade procuro nas minhas ações de Educação em Solos orientar os jovens estudantes do ensino médio sobre as opções de profissões que eles gostariam de seguir. Muitos não sabem ou tem ideia do que desejam fazer e quem sabe, ao falar da área ambiental e suas relações com as demais profissões posso ajudá-los a fazer uma escolha.”
	P8 “Considero fundamental, nas ações individuais e coletivas que participo com famílias de agricultores, lideranças, técnicos, escolares e grupos diversos, os processos (relações e sistemas complexos), fundamentado em valores como respeito, humildade, solidariedade, educação, coragem, empatia, senso de justiça, ética, honestidade e prudência, que interagem com metodologias de educação-extensão rural e social para oportunizar experiências e práticas na concepção progressista e a perspectiva educacional problematizadora de Paulo Freire, princípios que muitos colegas extensionistas praticam e adotam em suas práticas cotidianas, embora diversos colegas praticarem as concepções pedagógicas conservadoras.”; “Os desafios permanentes de quem participa de processos educativos de extensão rural e pesquisa participativa é manter-se atualizado, motivado e consciente de suas ações e papel como servidor público perante a sociedade, incluindo os mais necessitados e excluídos.”

P9 "Desde o início de minha atividade docente na [sigla da universidade] valorizei as aulas e viagens de campo, um espaço diferenciado e denso de aprendizagem. (...) Foram viagens ricas e de muitas trocas e construção de conhecimentos. "; "Iniciei a minha docência como uma professora muito tradicional, que enchia o quadro, usava fichas, e que, nas provas, queria respostas idênticas ao que tinha lecionado. Tinha um genuíno desejo, até uma ilusão, de que os estudantes aprendessem tudo aquilo. Com o tempo fui percebendo e aprendendo que o processo ensino-aprendizagem se realiza por diversas e distintas dimensões cognitivas, e que os professores são apenas mediadores e facilitadores desse processo. Por outro lado, não parava de estudar, de inserir novidades nas disciplinas e de pensar em atividades extraclasses, tais como excursões, montagem de coleções, etc."; "No mestrado continuei a refletir sobre a nossa prática pedagógica nos cursos lecionados para estudantes de ciências agrárias..."; "... com [nome próprio] e [nome próprio] começamos a refletir sobre a educação em solos, seus desafios e suas possibilidades. E ao mesmo tempo tive a oportunidade de conhecer os textos de Paulo Freire (na [pais]!!!), e passei a refletir a minha prática pedagógica enquanto educação, ampliando os meus horizontes em relação ao ensino."; "Refletindo sobre isso e sobre esse período, entendo que isso, na verdade, está relacionado com a politização da minha ação docente. Politização no sentido de que o meu fazer docente vai ganhando intencionalidades claras no entendimento do papel da universidade e de seus fazeres."; "A ação educativa do [nome do projeto] é ancorada em uma intencionalidade político pedagógica de base Freiriana (sócio construtivista). Esta assume a abordagem holística e a construção do conhecimento a partir das vivências cotidianas e do diálogo de saberes. O processo educativo-comunicativo é visto como a construção e reconstrução contínua de significados da realidade que busca a conscientização e a autonomia dos sujeitos, ou seja, é fundamentalmente político e dialógico. Político porque a opção metodológica que carrega em si reflete uma intencionalidade, que é, em sua essência, ideológica. Dialógico porque a construção dos significados se dá pelo debate, pelo diálogo democrático entre educadores, educandos e objeto do conhecimento (Freire, 1979, 1995). Essa prática pedagógica é potencializada com o uso de metodologias participativas e instrumentalizada pela pedagogia de projetos. Ela é utilizada tanto na formação dos estagiários como pelos próprios na condução de oficinas e minicursos."; "... a proposta pedagógica que embasa nossas ações permite despertar e desenvolver nos estagiários as habilidades de aprender sempre; de ouvir aprendendo, de mediar/facilitar a ação coletiva; de auxiliar outros a aprenderem, e de trabalhar em grupos. A orientação e acompanhamento destes estudantes é parte essencial da minha atividade docente, que já há algum tempo, extravasou os limites das salas de aula, retroalimentando-a, sintonizada com as novas propostas de formatos e concepções de ensino-aprendizagem. Por isso, hoje sinto-me à vontade para dizer que já não sou mais aquela professora que era no início de minha carreira, e me sinto em contínuo movimento de construção enquanto educadora."; "Compreendo e assumo a educação em solos como (estratégia de) educação ambiental onde o solo é tema gerador. "; "... a educação em solos aos poucos foi permeando a minha atividade acadêmica. No ensino, está presente nas disciplinas que leciono e, em

	particular, na disciplina de Problemas Especiais que ofereci em 2003 para orientandos e co-orientandos. Na pesquisa, passou a ser o cotidiano, especialmente depois que o Programa de pós-graduação em Solos me definiu como orientadora específica de projetos de educação em solos. Fora da pós-graduação, a pesquisa, enquanto pesquisa ação é uma constante em minhas atividades no Museu [nome]. Na extensão é o que faço diuturnamente. A educação em solos se tornou a razão e a emoção da minha ação educativa. Nesse contexto, oriento estudantes, organizo cursos e oficinas, ministro palestras, desenvolvo materiais e viajo muito.”; “O novo curso embutiu inovações conceituais e metodológicas: passou a abordar solos na perspectiva de suas funções, ao invés de atributos e propriedades e adotou o enfoque agroecológico nos processos de construção do conhecimento no tema. Assim, se apropriou do leque de metodologias que viemos construindo e adaptando ao longo dos anos: círculos de cultura, instalações artísticas pedagógicas, vivências, diálogos de saberes e caminhadas.”; “Nesses cursos, consegui concretizar a síntese dos meus aprendizados dos últimos 20 anos. E realizar a articulação entre educação em solos e agroecologia em um ambiente dialógico de efetiva construção do conhecimento, empoderamento e autonomia de sujeitos educandos e educadores.”; “Nas práticas e nos conceitos. Fiz mestrado, doutorado e me apaixonei por solos... e hoje, a minha ação acadêmica e pessoal consiste em fazer as pessoas perceberem e se sensibilizarem com os solos. Para gostar e cuidar.”; “... fortaleceram e mantêm o meu compromisso e envolvimento com a educação enquanto processo transformador e libertador de descoberta e apropriação do mundo.”
	P11 “... eu reestruturei o projeto - que passou a se chamar Solo na Escola – [sigla da universidade]: sensibilização para a temática solos e meio ambiente – formei a minha equipe de alunos, passamos a criar oficinas, realizar eventos em diversas escolas da cidade e orientar TCCs. Posteriormente ajudei a montar o museu de ciências da terra, conduzido por colegas e através do projeto Solo na Escola, monitorar as visitas ao Museu e ao laboratório de educação em solos que também montei nessa época. O projeto tem um significado muito especial para a minha profissional, pois foi me dedicando profundamente as atividades que eu consegui encontrar um novo sentido para o meu trabalho, mesmo estando em um ambiente profissional que para mim era inóspito e que eu pensei por diversas vezes em deixar. Com o projeto eu conseguia novamente me sentir útil para sociedade e retomar o meu potencial criativo no trabalho.”; “Assim, mais uma vez com o desejo de dividir com a sociedade aquilo que sei, decidi montar outro projeto de extensão, onde eu ministrava aulas de yoga gratuitas em duas turmas: 1- na cidade, para a comunidade geral; 2) na universidade, para a comunidade acadêmica.”; “Assim, nesse ano de 2024 estou motivada a unir cada uma dessas vertentes do meu ser e realizar um trabalho com propósito, onde sociedade e natureza estejam cada vez mais interconectados.”

	P12 “A motivação para desenvolvimento destas atividades é a criação de uma sociedade mais esclarecida e empoderada para decidir seus rumos, especialmente no reconhecimento da importância dos solos e a sua preservação.”
	P13 "Neste período desenvolvi projetos de criação e consolidação do Núcleo de Estudos em Agroecologia do [sigla do instituto] [cidade]. Trabalhei buscando aproximar consumidores e produtores orgânicos, no desenvolvimento de sistemas de produção de base ecológica, oferecemos cursos de formação inicial continuada para professores e agricultores e desenvolvi ações de divulgação e popularização do conhecimento científico e tecnológico referente à ciência do solo. Atuei em conselhos municipais de meio ambiente e alimentação, conselhos gestores de unidade de conservação e participei de diversos eventos de extensão universitária, especialmente voltados a educação em solo e a promoção da agroecologia.". "Busco inserir a temática dos solos em todas as disciplinas, inclusive estimulando os estudantes a desenvolverem e aperfeiçoarem experimentos didáticos. Reconheço a relevância dos solos, sua invisibilidade perante grande parte da sociedade e a diversidade de oportunidades que o “tema solos” nos abre para abordagens transdisciplinares sobre diversas questões que comprometem o bem estar e bem viver da sociedade. Arte, mudanças climáticas, biodiversidade, produção de alimentos, contribuições da natureza para as pessoas, formação inicial continuada, agroecologia, ciências da natureza e da Terra, educação ambiental, sem falar nas diversas abordagens da educação formal voltada ao ensino médio... Busco estar atento às demandas e arranjos locais para orientar projetos e abordagens voltadas ao contexto regional, e que possam contribuir com a sociedade."
	P14 "Ao mesmo tempo, encontrei um ambiente departamental desunido. Percebo que meu instituto é esvaziado, os discentes e docentes, frequentam aulas, reuniões, etc., e não permanecem no local. Passei os 2 primeiros anos tentando humanizar minhas disciplinas, tentando oferecer um outro olhar dos futuros geógrafos para as tão temidas disciplinas de [área do conhecimento] e [área do conhecimento].". "No momento tenho repensado minha prática docente, e penso em inúmeras possibilidades de mudar de universidade e até muitas vezes de profissão. Mas abandonar tantos anos de carreira, e recomeçar seria um desafio muito grande.". "Com esse tempo consegui conquistar os estudantes e torna-los mais atentos às Ciências da Terra. Mas confesso que para mim foi um processo desgastante, preciso agora focar no meu reencontro com essa área. Durante minha atuação em outras universidades, sempre tive laboratórios e grande facilidade para trabalhos de campo, como na [sigla da universidade] tenho muita dificuldade nessa questão, me voltei para as práticas extensionistas de Educação em Solos. Mas essa é uma história recente da minha carreira, na qual, ainda preciso me dedicar e aprender muito."

	P15 “E aí esse lado meu que é um lado que eu sempre trabalhei vinculado aos movimentos sociais no campo, justiça social. E, eu sempre trabalhando como geógrafo com problemas ambientais, mas também com quem é que sofre os problemas ambientais. Então quem sofre com as erosões? O pessoal que têm menos dinheiro, os pequenos produtores. Então eu fui me engajando com isso. E aí eu tenho um trabalho com técnicas de bioengenharia, com palhçada, com bambu, que eu trabalho há 15/16 anos, recuperando as erosões e sempre vinculado, quase sempre aos pequenos agricultores, que são os despossuídos, não tem dinheiro.”; “Eu tenho uma Práxis, que é muito interdisciplinar. Trabalho com colegas físicos, com químicos, trabalho com pedagogos, sociólogos, arquitetos, engenheiros ambientais.”; “Mas eu trabalho à práxis. Eu tento unir minha teoria com a prática. Então a práxis para mim é uma teoria e prática. Eu ir para campo fazer os levantamentos, estar junto com as crianças, me colocar lá para poder ensinar. Aí isso é uma prática que envolve a teoria e prática, uma práxis que vai me transformando. Eu também vou me alterando, me metamorfozando, entendendo os conceitos entre educação e ensino.”; “Quanto mais a gente divulgar o conhecimento, difundir o conhecimento e propiciar que mais pessoas possam ter informação e saber usar essa informação de uma maneira ética, honesta. Para mim, é isso que interessa. Eu não quero fazer carreira política. Não ligo a mínima. Faço com prazer, faço com Alegria. Sim, é claro que às vezes a gente se frustra. Está dando aula, o aluno não presta atenção, mas solos ele te humaniza.”
	P16 “E o Projeto Solo na Escola/[sigla do instituto] me aproximou de colegas da minha instituição, dos professores do município onde eu acabara de chegar, de outras instituições, me aproximou da comunidade. Foi um laboratório, no qual eu pude experimentar vivenciar a prática docente, conhecer a realidade de escolas do município, dos seus alunos.”; “Através da demonstração de maquete e de experimentos com materiais conhecidos, que fazem parte da rotina diária deles, possibilitou-lhes o contato com a ciência de uma forma muito mais atraente, conforme os seus depoimentos, os de seus professores, pais e diretores das escolas; superando um desafio muito comum, nas escolas da educação básica, construir uma ponte entre o conhecimento científico e o cotidiano dos alunos. E vários desses alunos se tornaram nossos alunos no [sigla do instituto], um deles, inclusive, tendo sido bolsista em um projeto de pesquisa nosso.”

	P17 "... a minha vida sempre teve relação direta com o solo e é a partir dele que tenho o entusiasmo de continuar caminhando e transmitindo a tantas pessoas o quanto esse recurso natural é importante para a nossa existência e, que, além de tudo o que ele nós proporciona como meio de produção podemos também contemplá-lo através da arte utilizando como matéria prima para produção de tinta e confecção de monólitos que são esculturas reais do perfil solos."; "Iniciei a minha vida profissional na extensão rural e nessa atividade sempre trazia nas conversas com o produtor a importância da nossa relação com o meio ambiente. Hoje entendo que sempre fui um educador porque a minha forma de expressar foi sempre muito explicativa e tinha uma grande preocupação que o produtor entendesse da melhor forma o que estava orientando. Hoje também entendo, que essa prática ou forma de ação vem da infância e com a convivência familiar no meio rural."; "Inicialmente extensionista educador e depois me encontrei em uma sala de aula e nela a realização de ser um educador em solos. Inicialmente me questionava da forma de atuação em sala e sempre buscava formas para melhor transmitir informações aos alunos. Hoje tenho a certeza que a forma que trabalho em sala é mais atrativa para o aluno porque trazer o solo até a sala de aula através da arte ou levá-los para atividades a campo com certeza torna-se uma aula mais leve e, esse contato direto com o solo aumenta a curiosidade e desperta interesse sobre o solo."; "Na verdade o que quero e me motiva enquanto educador em solos é que entendam que depende de cada um de nós cuidar do solo porque ele é essencial para nossa sobrevivência e, que, possui inúmeras funções e uma delas que é minha grande paixão hoje é contemplá-lo a partir da arte."
	P18 "No início, existia um preconceito em relação a esta disciplina por parte de outros colegas, como se estudar [área do conhecimento] do solo fosse algo "menor" para a formação de um engenheiro agrônomo ou florestal; como se a produção de alimentos ou o funcionamento de uma floresta não dependessem dos organismos do solo. Sinto uma mudança em relação a isso, assim como um espaço maior para esta temática em eventos da área."; "... considero meu início na Educação em Solos em 2015, quando iniciei os projetos de extensão em escolas abordando biodiversidade do solo de forma mais incisiva."; "... projetos de extensão, e foi então que o projeto [nome] iniciou, primeiramente se chamava [nome]. Neste projeto, buscamos trabalhar temas relacionados à biodiversidade do solo e serviços ecossistêmicos com estudantes do ensino fundamental (especialmente 3º e 4º anos, tendo como base as diretrizes curriculares nacionais), favorecendo também a aproximação das escolas com a Universidade, preferencialmente trazendo as escolas para aulas de laboratório e de campo na [sigla da universidade]."; "Voltando às dificuldades da vida docente, o excesso de aulas e burocracia, aliados à falta de base que vários estudantes tem chegado à universidade (o que vai se refletir na sua falta de autonomia nas aulas e na iniciação científica e maior exigência de acompanhamento dos professores), somando-se à falta de apoio institucional (seja por falta de verba, seja por setores que não são suficientemente eficientes, talvez também por falta de verba/mão-de-obra ou excesso de burocracia), faz com que os professores produtivos trabalhem absurdamente acima das 40 h

semanais para conseguir manter a produção científica e a busca por recursos financeiros. E ainda nem cheguei na questão salarial... Bem, por que relatei tudo isso? Porque parece-me que todos estes desafios não seduzem as novas gerações a se aventurarem no ensino, seja em escolas, seja na universidade.", "Mesmo nos trabalhos de consultorias ou treinamentos técnicos, busco fazer apresentações didáticas para que os envolvidos entendam o porquê das avaliações propostas (geralmente envolvendo ensaios de ecotoxicidade com organismos de solo). As pessoas só vão se importar com o que elas conhecem. Também tenho uma preocupação em propor metodologias que sejam plausíveis para serem aplicadas e interpretadas por empresas de consultorias e órgãos ambientais, diminuindo as incertezas na tomada de decisão sobre locais contaminados, avaliação de agrotóxicos, etc."; "Na universidade, entre minhas metas estão a formação de profissionais competentes e éticos, capazes de atuarem com autonomia e excelência, não só no mercado de trabalho mas principalmente como cidadãos proativos na sociedade. Em suma, sinto que sou movida tanto pela motivação e gosto por estudar e difundir os temas relacionados à [área do conhecimento], quanto pela consciência de que estes conhecimentos são fundamentais frente aos desafios ambientais globais: conservação do solo, mudanças climáticas, produção de alimentos, bem estar humano. Também acredito que o fato de que estudar o solo e sua diversidade é algo que fascina a todos sem distinção."; "P.S.: E agora, relendo este texto, constato que talvez eu nunca tenha pensado em determinadas ações como parte da Educação em Solos, mas na verdade elas o são."; "Tocou-me ver as condições de muitos estudantes das escolas públicas que pareciam passar por muitas necessidades, envolvendo higiene básica, saúde mental e outras dificuldades relatadas pelas professoras. Nas escolas públicas, vê-se salas de aulas com um grande número de estudantes e sem uma estrutura de laboratório para ensino de ciências. Nas atividades que desenvolvemos na [sigla da universidade] com as turmas, proporcionamos o uso de lupas e microscópios por estes estudantes e uma visita a uma trilha ecológica no próprio campus. As crianças expressam o desejo de estudar na universidade e mostram muito interesse e envolvimento nas atividades que desenvolvemos. Há desconhecimento de muitas pessoas da comunidade de que a universidade pública é gratuita."	P20 "Essa experiência docente me fez despertar para a necessidade de buscar metodologias que chamassem a atenção dos estudantes, nesse sentido, fazia experiências com os estudantes, levava amostras de rochas, solos para aula e isso deixava o cotidiano da sala de aula com adolescentes mais leve."; "A estudante justificou sua atividade pelo fato de ter percebido que o ensino de solos não era tão aprofundado no seu campo de estágio e isso despertou em mim aquela inquietação da estudante de escola pública que não teve o ensino de [área do conhecimento] na sua formação escolar. Percebi que deveria desenvolver um projeto na busca de contribuir na mudança dessa realidade. Diante disso, em 2017, surge o projeto [nome]."; "Algo a ser destacado desses seis anos de projeto de extensão é que uma semente forte vem sendo plantada em todos os que passam pelo projeto, já temos estudantes desenvolvendo projetos de especialização e mestrado na temática como continuidade do que começou na Licenciatura em [área do conhecimento] do
--	---

[sigla do instituto]. Estudantes egressos que contam com os recursos didáticos do projeto para aplicar em suas salas de aula. Sendo assim, o objetivo de espalhar a mensagem da educação em solos e desenvolver uma consciência pedológica vem sendo materializado com a rede que vem se formando. Ainda temos muito o que fazer, mas em cada extensionista, cada docente que nos convida para realização de oficina, cada estudante que se encanta com os experimentos, sinto que estamos no caminho certo, com muitos ajustes ainda a serem realizados, mas um bom caminho já foi percorrido até aqui.; "... mas durante as atividades de ensino ligadas ao componente de Pedologia eu comecei a estimular uma maior aproximação dos estudantes da licenciatura com os solos e com a educação em solos. A Pedologia muitas vezes é ministrada nas instituições de ensino superior de forma muito técnica e mecânica, o que faz estudantes de licenciatura, que muitas vezes trazem deficiências da sua vida escolar se afastarem desse componente curricular. Sendo assim, comecei a promover aulas com amostras de solos para que os estudantes entendessem melhor sobre cores, texturas e estruturas."; "Os estudantes ligados ao projeto desenvolveram muitas iniciativas como jogos, experimentos, materiais didáticos como slides adaptados para o ensino fundamental e médio, e esses materiais foram utilizados para realização de oficinas em escolas de ensino fundamental em áreas rurais com plantação de cana-de-açúcar, numa escola localizada em um quilombo, e essas experiências foram permitindo a troca com estudantes e professores que tinham vivências diretas com o solo no sentido da sua sobrevivência, estudantes que olhavam para o solo como um elemento importante para produção do alimento e que deve ser conservado. Esse ponto é muito relevante, pois a maior parte dos extensionistas são de áreas urbanas e essa experiência prática através das oficinas também se tornou formativa para eles."; "No ano de 2019, o nosso projeto recebeu um convite de uma secretaria de educação municipal para realizar uma conversa sobre solos com os professores de [área do conhecimento], aceitamos o convite e passamos uma manhã com esses docentes dialogando sobre o ensino de solos e mostrando algumas possibilidades metodológicas que poderiam favorecer suas práticas docentes. Essa experiência despertou em mim a importância de compartilhar com outros docentes o conceito de educação em solos e práticas metodológicas que podem contribuir para se alcançar uma consciência pedológica."; "Nesse processo de ressignificação das práticas também foi elaborado o nosso site: [endereço], e nele foram postados vários materiais didáticos que poderiam ser utilizados por estudantes e professores durante o ensino remoto. Também reforçamos nossa atuação nas redes sociais com a elaboração de materiais didáticos para o Instagram e com a realização de lives."; "Algo que contribuiu muito para as ações do projeto nesse ano foi o comprometimento dos estudantes extensionistas que assumiram a missão de dar continuidade aos objetivos do projeto, independente da minha possibilidade de estar supervisionando-os, sendo assim, foram realizadas oficinas com estudantes e formação continuada sobre solos com docentes de [área do conhecimento]."

P21 "A prática docente, permitiu a ampliação de horizontes e possibilitou uma visão mais prática e holística, sobretudo para a necessidade de maior atenção para alguns aspectos dentro da área de ciência solo. Entre outros aspectos, a degradação ambiental caracteriza fator de grande risco para a humanidade."; "...entendi torna-se crucial o estímulo ao conhecimento e valorização do solo, através de ações sociais onde a participação das crianças e jovens das escolas tem um papel fundamental. Somado a isso, constatei que dentro do Sociedade Brasileira de Ciência do Solo (SBCS), Divisão 4 – Solos, ambiente e sociedade, é a menor divisão e pouco conhecida, pois apresenta principalmente poucos pesquisadores, publicações e projetos, assim, encontrei uma oportunidade de área atuação."; "A intencionalidade do projeto de extensão, o qual sou coordenador é promover a discussão, avaliação e socialização de saberes voltados a ciência do solo nos segmentos do ensino, pesquisa e extensão. Sendo assim, o projeto segue uma tendência atual de reduzir o espaço existente entre a pesquisa, ensino e extensão, levando conhecimento a respeito do solo para aquelas pessoas no início de sua formação, os escolares de ensino médio, crianças e jovens."

P23 "... coordeno o projeto de extensão Solo na escola [sigla da universidade], cujo objetivo é divulgar o conhecimento científico e tecnológico relacionado à Ciência do Solo, promovendo a conscientização da importância da conservação do solo, contribuindo para a atualização do ensino, estimulando a curiosidade e a experimentação nos docentes e discentes de ensino fundamental e médio."; "Nosso projeto, pois embora seja coordenado por esta que vos escreve, somente acontece pelo auxílio de várias mãos, e por isso registro minha gratidão aos bolsistas e colaboradores. As atividades do projeto são pensadas para levar conhecimento sobre solos, propiciar uma experiência única em via de mão dupla, ou seja, para o público-alvo e aos executores da ação, entendendo que a atividade extensionista em essência possibilita a troca mútua de saberes, o aprendizado conjunto, o amadurecimento e crescimento intelectual, social e profissional."; "Estou funcionária pública em um Estado caracterizado pela relevante importância da agropecuária no Produto Interno Bruto (PIB). Compartilhar conhecimento sobre a importância do solo e as formas corretas de uso torna-se essencial para o desenvolvimento sustentável. A mudança de comportamento dos que já atuam no setor há longos anos talvez seja utópica, mas a construção e reconstrução do saber é possível. Entendo que você que lê este relato possa ter alguma aversão aos grandes produtores, mas a questão é, diante da realidade atual o que me cabe? Se não posso mudar o mundo como gostaria, o que posso fazer agora para ao menos melhorar o que tenho?"

		P24 “Nesse contexto, no ano de 2007, com fomento da Pró-Reitoria de Extensão, antiga PROEX, nasceu o projeto [nome]. Coloide: partículas diminutas dos solos, minerais ou orgânicas, parte ativa, a que “faz acontecer”. O nome incomum desperta curiosidade e permite levar essa conversa para lugares indizíveis. Junto com o [nome] nasceram também TCCs, uma infinidade de trabalhos apresentados em eventos científicos e de extensão, o Laboratório de Geologia e Pedologia “Ana Primavesi”, mais de 10.000 pessoas atendidas pelo projeto, egressos que não perdem uma única oportunidade para oportunizar aos seus alunos a experiência que um dia tiveram, enfim... A lista dos feitos é grande. O projeto amadureceu e atualmente o [nome] é educação em solos, em [área do conhecimento] e [área do conhecimento], vejamos por quê.”; “Portanto, cheguei até aqui por caminhos bonitos, pintados com geotinta a base de solo; trechos complexos da pesquisa, do ensino e da extensão; trechos solitários e sofridos, com perdas irreparáveis que me fizeram repensar meus relacionamentos, a vida, as pessoas, a saúde, questões essas que passam pelas minhas escolhas e pelo debate político; em paradas e recuos estratégicos, fiz e refiz minha prática pedagógica e hoje tenho claro a serviço de quem quero estar. Foi esse caminho, com trechos tortuosos, sombrios e alguns potentes e bonitos que me levaram à educação em solos, em [área do conhecimento] e [área do conhecimento], não “qualquer” educação, mas a contra-hegemônica, a subversiva, a bonita, a desafiadora, a viva, como deve ser.”
--	--	---

P25 " ... em 2013 tive meu primeiro projeto de extensão aprovado, como coordenadora, num edital do MEC, PROEXT 2013. O projeto era voltado para agricultores de dois assentamentos da região, buscando comunicar práticas de aproveitamento de resíduos (compostagem), produção de hortaliças, planejamento e matemática básica visando a administração da propriedade. "; "Fiquei inquieta e pensando no que poderia fazer pela cidade e por perto, e veio como uma luz a ideia do projeto de extensão lá da [sigla da universidade], com as crianças, com as escolas, lembrei de como foi marcante para mim, e quanto foi importante para aqueles estudantes que nos visitaram. Então fui me aprofundar no assunto, e me deparei com os materiais e site do Programa de Extensão Solo na Escola da [sigla da universidade], que era coordenado pelo professor [nome próprio]. "; "... vejo que o Projeto Solo na Escola vai além disso, ele é um projeto formador. Os discentes que participam, sejam os petianos ou não, saem sempre melhores do que quando entraram. Percebo mudanças, reflexões, aprendizado em todas as esferas: pessoal, profissional e social. As trocas de experiências, as conversas, as dúvidas, o sentir-se importante, e se importar com o outro, são atos vistos diariamente nas ações e que são tão importantes para o entendimento da sociedade, das lacunas da educação, da promoção do aprendizado, do fazer-se de espelho. "; "Por outro lado, vejo que os alunos que participam (que recebem as ações), aprendem, revisitam conteúdos, mas também vai além disso, eles se veem no lugar dos discentes e com isso, se interessam pelos cursos, ou mesmo que não seja pelos cursos de Agronomia e Engenharia Florestal, mas se enxergam como na graduação, que é possível, que é um lugar para todos, especialmente os alunos das escolas públicas. "; " Pensando nos valores que repasso nas ações, através dos discentes participantes, e também na minha prática como educadora, penso primeiramente em respeito, respeito às diferenças, respeito à educação, respeito às limitações de cada um. Observando minha trajetória, observo que sempre respeitei, que admirei as pessoas e isso leva a outros valores como o compromisso, a responsabilidade, a solidariedade, a humildade, empatia, e a disciplina. Vejo que sempre tive como base esses valores, entender o outro, dar oportunidade, dividir meu tempo, meu conhecimento, ter humildade de reconhecer erros, voltar atrás. "; " Minha maior alegria é ver meus alunos bem, desenvolvendo, se destacando, e quando formam tendo sucesso profissional. Tenho orientados de classes sociais distintas, mas acredito que pelo respeito e empatia que possuo naturalmente, vejo uma diversidade de pessoas ao meu redor, e me sinto muito feliz com isso, me procuram por afinidade, por sentirem em mim esse respeito. Tenho vários alunos que olho e me vejo, lá nos anos 2000, cheios de sonhos, pobres, sem grandes influências, e pra esses, realmente eu dedico meu tempo, busco motivá-los, mostrar que é possível, que a educação salva, que a educação muda a vida, muda a condição social, e quando eu vejo alunos transformando suas realidades, e de suas famílias, eu vejo que é pra isso que eu vivo, que eu trabalho, é esse o meu propósito de vida. "

	P26 “Depois disso, percebi que queria ser professora, que me sentiria muito feliz se eu pudesse compartilhar todas essas histórias, experiências com os alunos. Transformar vidas e me ver transformada a cada ano que findasse uma turma.”; “E como comentei anteriormente, a experiência vivida no projeto solo na escola em [cidade] eu trouxe para [cidade]. Comecei com pequenas exposições didáticas, em eventos específicos, e hoje temos uma agenda de apresentação. Não temos um local próprio para desenvolver as atividades extensionistas de forma permanente, mas levamos a percepção ambiental do solo em eventos aqui na região. No dia mundial do solo buscamos escolas para visitar a exposição na universidade, nas feiras das escolas municipais e particulares. E a maior divulgação é feita na maior feira agrotecnológica da região norte – [nome] todos os anos na cidade de [nome].”; “Hoje quando recebo mensagens dos meus ex-alunos, muito deles terminando o doutorado e se tornando professores como eu, sinto que estou cumprindo meu papel, que estou transformando vidas, influenciando pessoas a seguir seus destinos, despertando no coração e na mente deles esse amor pelo solo.”
	P27 “Em 2018 finalmente pude implementar o Projeto Solo na Escola (desejo nascido lá em 2010), foi a realização de um sonho, mas com muitos desafios e dificuldades no processo, que óbvio fazem parte da caminhada das instituições públicas de ensino, ainda mais em um Campus em implantação. Muitas dificuldades encontradas nesses cinco anos de projeto aqui, questão de infraestrutura, questão de encontrar voluntários (cursos de engenharia), questão cultural das escolas de virem até o espaço do projeto ou até mesmo de receber, questão da minha própria formação em educação que é deficiente, enfim, nada disso tem impedido de realizar o nosso trabalho e tentar mudar essas realidades. Por isso, é preciso dizer que muitos avanços foram conseguidos, isso se deve a persistência, paciência, perseverança de que quando se está fazendo o certo, mais cedo ou mais tarde, os frutos vêm.”
	P28 “Sou docente há quase 40 anos e minha área de atuação é [área do conhecimento]. Após tantos anos atuando como engenharia agrônoma e professora universitária (sou formada desde 1980!) comecei a questionar porque não conseguíamos bons resultados na questão da preservação do solo e do ambiente. Senti vontade de trabalhar com crianças, para observar se elas podem se tornar agentes de mudança nos seus locais de origem.”; “A partir de 2014 passei a priorizar as atividades de extensão, com foco na educação em solos. O que me motiva? O brilho nos olhos das crianças que interagem nas nossas apresentações.”; “Pois no período acima citado, notamos a curiosidade das crianças e dos jovens para saírem dos “muros da escola” e conhecerem a Universidade (que fica a 12 km do centro da cidade de [nome]).”; “As ações desenvolvidas com os alunos mostram o significado da importância dos solos à vida das pessoas e a necessidade da sua conservação e uso sustentável. O aluno vê-se como um investigador e não apenas como um receptor do conteúdo abordado. Estas crianças passam a serem difusores do conhecimento que lhes é transmitido de forma lúdica, tornando-se agentes de transformação. Também propiciamos um mais

	amplo intercâmbio Universidade-Comunidade, bem como uma melhor formação dos estagiários, alunos dos cursos de [área do conhecimento] e [área do conhecimento] da [sigla da universidade]."
	P31 "O início de minha atividade profissional foi como professora das disciplinas de [área do conhecimento] também, [área do conhecimento] por 2 anos. Até então minha preocupação como docente iniciante era de prover uma boa formação nestas áreas do conhecimento. Como todo iniciante, tendemos a ter por modelo de atuação profissional aqueles mestres educadores que mais nos inspiraram. Não foi diferente comigo. Hoje tenho claro que ser educador é um desafio que nos exige preparação e dedicação contínuas para além da formação técnico-científica."
	P32 "O Projeto [nome] teve início em 2015, a partir de uma oficina realizada com estudantes do curso de [área do conhecimento] com o objetivo de produzir materiais com o tema de Educação em Solos.(...) Nos primeiros anos do projeto, de 2016 a 2018 ele era denominado [nome] e as principais ações educativas traziam assuntos de gênese de solos, funções do solo e conservação do solo. (..) A partir da consolidação do projeto na Universidade, procurou-se trazer uma identidade que melhor representasse a missão institucional e o diferencial do curso de [área do conhecimento] desde a sua criação. (...) O projeto passou então a se denominar "[nome]" que reforça o aspecto do solo como ser animado, e não inerte, e que melhor dialoga com os sistemas de manejo sustentáveis e com a agroecologia."; "Acredito que o ponto forte deste projeto esteja também relacionado em articular as potencialidades regionais do ambiente da Universidade e o caráter agroecológico do curso de [área do conhecimento] aos conhecimentos sobre o solo. O projeto, assim como o solo, não está isolado no ambiente, mas interconectado e apoiado a projetos de segurança alimentar, consumo consciente, relações ecológicas, elementos da flora e fauna nativas, arte e ciência."

**APÊNDICE 5 – GRELHAS DE ANÁLISE DA FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS QUE NÃO SE AUTODENOMINARAM
EDUCADORES EM SOLOS**

CATEGORIA DE ANÁLISE	SUBCATEGORIA DE ANÁLISE	UNIDADE DE REGISTRO
HETEROFORMAÇÃO	FAMILIAR	P3 "Apesar do salário de sargento de meu pai, habilmente pulverizado na educação dos cinco filhos por minha mãe, tive uma infância e adolescência que considero rica intelectual e humanisticamente. Mesmo hoje é ainda viva a lembrança das coleções de discos de música clássica de meu pai e a preciosa biblioteca de minha mãe, sempre a nossa disposição."; "No final da infância e durante a adolescência, o interesse pela natureza intocada e o desprezo pela exploração humana se acentuou a medida em que as leituras (muitas fornecidas pelos irmãos mais velhos, já na faculdade) apontavam que o trabalho de muitos (que viviam mal) sustentava a vida palaciana de poucos."
		P4 "Desde pequeno, fui incentivado a ler livros de histórias e ciência."; "já havia decidido que gostaria de seguir carreira acadêmica e me tornar professor universitário, muito influenciado por conversas que tive com um primo, que era professor da Universidade [nome]."
		P5 "Meus pais sempre incentivaram a estudar. Sempre fui estimulado a estabelecer relações e interações sociais. (...) Também fui estimulado a praticar esportes."; "Minha mãe é assistente social (...) sempre fez trabalho voluntário, algo que sempre me estimulava a fazer."; "... a atuação com meio ambiente do meu pai, pendi para a chamada geografia física."

	P22 "Mas foi minha irmã [nome próprio]. que fez o contraponto e lhes disse que eu deveria, sim, ser professora, pois eu seria uma excelente profissional! Isso ficou tão forte dentro de mim que me impulsionou a buscar esta meta ..."; "[nome próprio]sempre foi um eterno incentivador dos meus sonhos e sempre, sempre valorizou e sempre se orgulhou muito da minha profissão... ele adorava ficar ao meu lado nos fins de semana quando conseguíamos nos encontrar (ele fazia [área do conhecimento] na [sigla da universidade] de [cidade]) para ver minha preparação das aulas e atividades juntos aos meus queridos alunos."; "por muito incentivo do [nome próprio] eu passei no Mestrado em [área do conhecimento] na [sigla da universidade]. Afirmo isso, pois A. sempre me dizia que eu tinha muito para contribuir na formação dos futuros professores pois minha intervenção junto aos professores seria numa movimentação de multiplicadores impactando mais e mais vidas de inúmeras crianças. Isso mexeu muito comigo e confesso que me mobilizou a buscar no mestrado em educação o foco na área de formação de professores."
	P30 "Ver essa luta da minha mãe foi importante porque nos mostrou que a gente podia lutar também e melhorar. E ela sempre nos ensinou que podíamos vencer, que podíamos lutar e que a melhor coisa era o estudo, que o estudo era realmente o melhor caminho para conquistarmos a Independência. Eu acho que essa é a questão fundamental. Ali, naquele momento, era Independência."
COMUNIDADE	P3 "Ainda que na época não me desse conta, hoje reverencio a atitude deles em permitirem que participássemos das conversas que tinham com amigos, geralmente sobre assuntos filosóficos ou científicos, mesmo que as vezes fossem madrugada adentro." P5 "Convivi, de forma harmoniosa, com amigos e pessoas de todas as classes sociais e com distintos poderes aquisitivos durante o período do basquete."
ESCOLAR	P3 "Na escola, a leitura foi a habilidade mais preciosa que desenvolvi, que me permite aprender sempre, e independentemente."; P4 "... uma escola particular de pequeno porte"; "... matriculado na quinta série em uma escola pública."; "Chegando à oitava série (...) mudar para uma escola particular, que me preparasse melhor para os vestibulares ..." P5 "Estudei sempre em escola particular ..."; "O que me leva a cursar geografia numa instituição pública (...) uma professora que tive no colegial. Ela me marcou demais por tratar a geografia de forma crítica.";

	P22 "Realizando meu estágio no magistério numa escola particular tive o prazer de conhecer uma excelente professora que me ensinou demais sobre os ofícios da carreira docente e muito do que fui como professora na educação infantil e ensino fundamental eu devo a ela." P30 "A gente se dedicou ao máximo. Estudamos bastante, com muita responsabilidade. E vimos ali realmente uma forma de mudança de vida, no estudo. E era uma coisa que a gente gostava, então era bom estudar. Sempre foi muito bom estudar."
ACADÊMICA	P3 " ... fui aprovado em [área do conhecimento] (...) na [sigla da universidade] [cidade/estado]"; "Ansioso para desfrutar do ambiente científico, no segundo semestre do curso deparei-me com dois entusiasmados professores, então pós-graduandos na [sigla universidade], [nome próprio] e [nome próprio], na disciplina de "[área do conhecimento]". Fui selecionado como monitor da disciplina no semestre seguinte e pude desfrutar da sua orientação e incentivo."; "Temeroso, despedi-me de meus primeiros orientadores alguns anos depois quando se transferiram como docentes recém-contratados para a [sigla da universidade]. No entanto, o vírus da pesquisa pedagógica havia sido inoculado e se instalava confortavelmente em mim."; "Passei a ser orientado pelo Prof. [nome próprio], desta vez na área de física do solo, e com ele comecei a desenvolver meu trabalho de graduação. Também este mestre se transferiu para a [sigla da universidade] mais tarde e, já sob a orientação do Professor [nome próprio], terminei a graduação."; "Optei por concentrar-me na mineralogia do solo, e procurei o professor [nome próprio]na Universidade [nome], em [cidade], que me recebeu muito bem. Ao receber aprovação no PPG da [sigla da universidade]..."; "... convivendo com colegas como Dr. [nome próprio] ([sigla da universidade]), [nome próprio] (hoje na [sigla da universidade]), [nome próprio] ([sigla da universidade]) e mestres como [nome próprio], [nome próprio], [nome próprio], entre outros."; "Observar e conviver com [nome próprio], o ser humano e o cientista, já teria valido a ida a [cidade]. Mas houve muito mais. Induzido pelo [nome próprio] matriculei-me nas disciplinas de 'Construção do Objeto Científico' e 'Filosofia da Ciência' ..."; "... então ministradas pelo Prof. [nome próprio]. O conteúdo fascinante e a personalidade carismática do Dr. Marre, cuja humildade realçava sua maestria, produziu mais um salto na minha percepção."; "... o que permitia minha saída para o doutoramento. Conversando com [nome próprio], alguns foram sugeridos. Conversei com Dr. [nome próprio], da [nome da universidade] durante um Congresso Brasileiro de Ciência do Solo, e acertamos minha ida para aquela Universidade."; "A experiência de realizar o programa de Mestrado despertou bastante meu interesse no estudo do impacto de atividade humana sobre solo e no exercício da construção de modelos de evolução pedogenética baseado em teorias de sistemas."; "Ainda alguns meses antes de completar meu programa de mestrado fui persuadido pelo meu amigo [nome próprio] a concorrer a uma vaga para professor substituto na Universidade [nome]"; "Ao ser aprovado, considerei não assumir a posição quer porque ainda não tinha defendido o mestrado, mas com o incentivo do Prof. [nome próprio], decidimos ir para [cidade]"; "Lá, convivi com ótimos professores

	como Dr. [nome próprio] Dr. [nome próprio], Dr. [nome próprio], Dra. [nome próprio] (no departamento de agronomia), Dr. [nome próprio] (hidrogeoquímica) e Dr. [nome próprio] (Geomorfologia), no Departamento de Geociências.”; “Em janeiro de 2005 tive meu primeiro encontro com o [nome próprio], visitando-o em [cidade]. Concordamos em explorar o tema Saprólito, uma necessidade muitas vezes levantada nos Congressos Brasileiro de Ciência do Solo. Voltei a [cidade] e comecei a preparar projetos, que submeti ao Edital Universal e para Bolsa de Pós-doutoramento junto ao CNPq.”;
	P4 “... ingressei para o ensino superior no curso de [área do conhecimento] da [sigla da universidade]...”; “... a disciplina que futuramente se tornaria a mais importante de minha carreira acadêmica, a Gênese do Solo.”; “cursando a disciplina “[área do conhecimento]” e ainda atuando como monitor na SOL220, decidi que eu gostaria de seguir carreira acadêmica na área de solos.”; “... tive um maior contato com os professores da disciplina, particularmente com a professora [nome próprio]. (...) preparei materiais complementares da disciplina, ofereci monitorias especiais sobre assuntos periféricos da disciplina, elaborei questões, revisei materiais, realizei entrevistas etc. Essas atividades desenvolvidas como bolsista neste projeto me aproximaram bastante da prática docente e da preparação de materiais para os estudantes.”; “No meu TCC, dei prosseguimento à pesquisa voltada para a Educação em Solos no nível superior, estudando o emprego de atividades extraclasses no ensino da disciplina [área do conhecimento]”; “... fui convidado pela professora [nome próprio] a ajudá-la a ministrar um curso de formação em minerais, rochas e solos para os monitores do Parque [nome] ...”; “... fui convidado pela professora [nome próprio] a coorientar uma estudante de graduação, que também trabalhou em seu TCC com Educação em Solos.”; “... mestrado em [área do conhecimento] da [sigla da universidade] ...”; “No doutorado, seguindo na linha de [área do conhecimento]...”
	P5 “Foi quando conheci um professor e sua laboratório de solos. (...) Este professor viria a ser meu orientador de monografia, mestrado e doutorado.”; “... Mestrado [área do conhecimento] [sigla da universidade] ...”; “... Doutorado [área do conhecimento] [sigla da universidade] ...”
	P19 “... ingresso no curso de [área do conhecimento] ...”; “... uma palestra que assisti no período de férias da graduação em um evento, ministrada pela professora [nome próprio], a qual eu já havia tido aulas durante o meu curso de graduação, estimulado e entusiasmado pela palestra e por conhecê-la como professora, em março de 2000 iniciei meu primeiro estágio em laboratório da universidade, na área de [área do conhecimento] ...”; “Por ter me identificado e apaixonado pela área de [área do conhecimento], busquei o mestrado, e iniciei em março de 2003 o Mestrado em [área do conhecimento] na Universidade [nome], sob orientação do professor [nome próprio] e coorientação do professor [nome próprio].”; “Foi na Universidade [nome] que tive um maior contato com a área de Educação em Solos, a partir da visita ao Museu de Solos [nome] (...) e conhecimento das atividades desenvolvidas.”; “Durante o mestrado em [área do conhecimento]

	na Universidade [nome], tive a oportunidade de conhecer outros profissionais na área de [área do conhecimento], e conviver em um ambiente voltado para a [área do conhecimento], com um Departamento de Solos.”
	P22 “Como eu já trabalhava em [cidade] optei em ficar em [cidade] e realizar meu curso de graduação na [sigla da universidade] onde eu o realizei trabalhando durante os 4 anos.”; “... realizei uma especialização em [área do conhecimento]”; “orientação brilhante do meu orientador prof. [nome próprio].”; “Assim, optei em prestar o doutorado no Brasil no Estado de [nome]. Passei em várias instituições, mas escolhi a [sigla da universidade].”; “e mais uma vez [nome próprio] estava lá na minha qualificação... ajudando a reconstruir um caminho que eu não conseguia enxergar felicidade. Nunca vou me esquecer novamente da postura dela sempre acolhedora, calma, certa, precisa e competente que apontava a direção sem vaidade e glória... é disso que me refiro quando na academia não vejo tantos exemplos como os dela! Penso que Mabel me orientou também nisso... Não apenas na dimensão epistemológica da apreensão dos conhecimentos, mas na dimensão pedagógica das relações humanas tão desumanizadas na contemporaneidade.”; “[sigla da universidade] e lá desenvolvo minha pesquisa de posdoc e participo de pesquisas que muito contribuíram para ampliar minha visão de universidade e gestão, fora ter tido a maravilhosa oportunidade de conhecer professores pesquisadores de todo o Brasil que me ensinaram demais.”; “querida professora [nome próprio]. A simplicidade dela, misturada com a competência e a propriedade da sua fala me impactaram logo de início e nesses anos todos de convivência e acompanhando sua maravilhosa trajetória ...”; “Professor [nome próprio] que sempre me ajudou imensamente na vida acadêmica ora nos conselhos acerca do contexto institucional ora nas inúmeras contribuições que deu nas bancas dos meus orientados de IC, mestrado e doutorado. [nome próprio] tem uma capacidade maravilhosa de acolher o próximo e um cuidado genuíno em contribuir com o outro sempre destacando para com todos a sua importância e seu valor e mostrando para as pessoas novos caminhos e possibilidades! Ganhei um amigo maravilhoso na [sigla da universidade] e sei que é para toda a vida!”

P30 "... escolhendo a [área do conhecimento]. Prestei vestibular. (...) a Universidade Estado do [nome], a [sigla da universidade] e lá eu cursei o bacharelado e a licenciatura. Ficando no total de 6 anos, já que eram 4 anos de bacharelado e depois mais 2 anos para licenciatura."; "Durante o segundo ano de graduação, eu me interessei e cursei a disciplina de pedagogia 1, já no terceiro semestre, e me apaixonei imediatamente. Eu não sei explicar. Não sei o que aconteceu, mas eu me apaixonei pelo processo, me apaixonei pelo laboratório, por estar em laboratório, fazendo as análises. Realmente gostei muito. E a minha professora de pedagogia, que acabou sendo a minha a orientadora. Fui monitora de pedagogia dela. Passei por todos os processos. Depois fui bolsista de iniciação do projeto dela. E durante todo o restante da universidade, estive envolvida com projetos e com estudos de pedagogia."; "... a professora [nome próprio], já aposentada da [sigla da universidade], foi uma peça fundamental, ela me apresentou a pedagogia. Uma mulher forte, independente que eu tinha muito, sem dúvida, como espelho. Ela representava também muito do que eu achava que eu seria, que eu poderia ser. Uma pessoa muito querida que me apresentou e me iniciou no mundo da pedagogia. (...) Foram mais de 4 anos trabalhando com essa professora, com iniciação científica, com projetos. Eu saí da graduação de [área do conhecimento], que não era muito comum, sabendo identificar, caracterizar e mapear solos. Efetivamente, não era comum. E isso foi fruto do envolvimento do projeto, porque senão não teria realmente só com as disciplinas, não teria alcançado isso."; "... o mestrado na [sigla da universidade]. E foi o que eu fiz. Aí eu fiz a prova para [sigla da universidade], passei em muito boa colocação e ganhei bolsa. Houve prova, entrevista e passei. Mas eu queria continuar trabalhando com o solo. E aí, durante o meu mestrado, eu desenvolvi um trabalho que não era somente sob o solo. Era sobre o solo e os demais fatores."; "... eu tive a oportunidade de ter um excelente orientador, professor [nome próprio], que tinha, então, a especialização em erosão dos solos. Ele não era pedólogo. Mas tinha uma grande experiência em erosão de solos."; "Tendo sido orientado pelo [nome próprio], que é um dos grandes nomes em erosão dos solos no mundo, na universidade de [nome]."; "Mas o mais importante foi ser coorientada pelo professor [nome próprio], outro expoente da pedagogia brasileira. (...) Tenho admiração imensa por ele como profissional, como professor e como pessoa. Então, uma pessoa que foi muito, muito importante para mim também, com que eu podia falar de solo, que eu podia conversar sobre Pedagogia fortemente. Então, esse foi um nome importante."; "E durante o mestrado eu fiz uma disciplina na [sigla da universidade], como aluna especial, que foi a disciplina de micro morfologia dos solos com a professora [nome próprio] também foi um grande aprendizado estar naquele ambiente, estar na [sigla da universidade]. Conhecer outros professores como professor [nome próprio], professor [nome próprio]. Então foi uma experiência muito boa."; "... tive contato com o Professor José Pereira de Queiroz Neto da Geografia Física da [sigla da universidade]. (...) É um agrônomo com uma visão geográfica fantástica. Muitos anos atuando dentro da [área do conhecimento] da [sigla da universidade] (...) Era uma pessoa com que eu me identificava muito, com as pesquisas dele e com as abordagens dele, sempre olhando o solo na paisagem, não olhando o solo apenas com o olhar da agricultura, que era um pouco mais o olhar do agrônomo. Mas olhando o solo

também como elemento da paisagem, como elemento do ambiente, como constituinte das formas do relevo. Um olhar bastante geográfico, geomorfológico, que me interessava, que eu me identificava pela minha formação nata, de forma natural."; "E fiz o meu doutorado na [área do conhecimento] da [sigla da universidade], no LABOPED, Laboratórios de Pedologia do professor [nome próprio], e foi uma grande experiência, enorme experiência estar com ele, uma mudança de ambiente muito grande."; "Um aprendizado com [nome próprio], que é um gigante, as abordagens das nossas conversas, como ele conduzia as nossas reuniões de trabalho, eram sempre muito inteligentes, muito interessantes e me marcam até hoje. E eu me espelho bastante nele, não só nele. Eu trago um pouquinho de todos os meus orientadores. A Professora [nome próprio], o Professor [nome próprio], Professor Franklin Antunes[nome próprio] e o [nome próprio]. Eles marcaram minha vida fortemente como profissionais que eu admiro muito."; "Até que eu me aproximei, me deparei, conheci e me aproximei, a partir de 2016, da área de geodiversidade e geopatrimônio e geoconservação, através da professora [nome próprio], da [área do conhecimento] da [sigla da universidade]."; "E isso culminou na minha ida para o pós-doutorado a convite do professor [nome próprio], que é o maior nome hoje no mundo, junto com o professor [nome próprio], da [país], da geoconservação. O maior nome, sem dúvida, do geopatrimônio no mundo."

CATEGORIA DE ANÁLISE	SUBCATEGORIA DE ANÁLISE	UNIDADE DE REGISTRO
ECOFORMAÇÃO	RELAÇÃO COM LUGAR DE NASCIMENTO, ONDE MORA OU MOROU.	P3 "Os anos nos [país] foram riquíssimos, com experiências preciosas que mesclaram traumas e vitórias, reflexões profundas e decisões que nos afetaram."; "Aproveitei os anos em [cidade] para realizar cursos de pequena duração sobre técnicas de ensino."; "Decidimos planejar uma nova saída, desta vez para [estado federativo], buscando excelência em nossas áreas na [sigla da universidade]."
		P4 "Nasci na cidade paulista de [cidade], filho de uma família de classe média."
		P5 "E lá fui eu estudar numa cidade a 200 km da minha cidade natal. Inicialmente, morei numa pensão, que era uma casa de madeira, com dois quartos, que dividíamos em oito homens, todos estudantes e calouros na [sigla da universidade] em 2002. Foi uma experiência incrível dividir uma casa tão pequena com tantas pessoas."
		P19 "Durante a minha infância e juventude, apesar de viver no meio urbano, no município de [cidade], interior do Estado de [estado federativo], eu tinha muitas relações com o meio rural e vivências nesse meio ..."
		P22 "Decidimos então nos casar e com um salário de professora e uma bolsa de mestrado mudamos para [estado federativo] e lá começamos nossa vida juntos."; "No ano de 1997 embarcamos para os [país] e no [estado] [cidade] ..."
		P30 "Eu achei um pouco distante do meu mundo, achei que poderia ser uma coisa que eu tivesse que morar numa área rural. Eu sempre fui da cidade, da capital do [cidade] ..."
	RELAÇÃO COM LUGAR DE PASSEIO, VIAGEM, BRINCADEIRA.	P3 "O momento em que os fenômenos da natureza me despertaram uma curiosidade mágica se perdeu na infância. Sempre me instigaram as florestas escuras e as montanhas inexploradas, como afinal, hoje reconheço, é de se esperar em todas as crianças. Este sentimento, no entanto, não se dissipou com o tempo."; "À medida que cresci e minha estatura permitiu, fui autorizado a manipular um antigo telescópio de espelho, relíquia paterna elegantemente instalada em tripe de madeira encerada, com seu contrapeso ameaçador. Apontá-lo para o céu noturno e tentar distinguir as crateras da Lua das manchas de fungo no espelho sempre foi um desafio, mas percebo agora, agradecido ao velho telescópio ..."

	P4 "Os resultados deste trabalho foram apresentados pela [nome próprio] e por mim no vigésimo primeiro World Congress of Soil Science ..."
	P5 "Viajávamos, até certo momento da vida, todo ano para a praia."
	P30 "Trabalhei no Médio Vale do Paraíba do Sul na graduação, trabalhei na região Serrana do estado do Rio durante o mestrado, e aí migro no doutorado para o Pantanal.", "... quando fui a [nome da universidade] (...) Foi assim uma experiência grande que ganhei nessa área. Também já trabalhava um pouco com erosão de solo, mas não era meu foco e pude aprender mais sobre essa área."
RELAÇÃO COM O MEIO ACADÊMICO (PESQUISA, ENSINO, EXTENSÃO).	P3 "Ao tentar cumprir o intenso programa de atividades que propunham, me vi organizando a coleção de minerais e rochas, inclusive fazendo visitas de alguns dias na [sigla da universidade]; realizando pequenos experimentos química de solos; mapeando uma área de tinguaitos no campus; colhendo milho sob um temporal; acompanhando os trabalhos de [nome próprio] com o Professor [nome próprio] em arenitos no distrito de [cidade]; e estagiando com [nome próprio] o Levantamento de Solos da Quadricula de Assis - SP."; "Em 1995 iniciei minha participação no [sigla do programa de pós]. Decidimos estudar uma pequena unidade de bacia no campus, utilizando o modelo de Huggett de evolução pedológica na paisagem."; "Retornamos a [cidade] e a [sigla da universidade] em Agosto de 2001. A chegada a [sigla da universidade] foi estimulante, com muitos planos. Encontrei o setor de [área do conhecimento] abandonado (...) traçamos alguns planos para desenvolver nossa área. Graças ao apoio do Departamento, conseguimos dar início a um "proto" laboratório e iniciarmos a orientação de dissertações de mestrado."; "Em [cidade] foi me dada a incumbência de coordenar o projeto Solo na Escola [sigla do projeto] ..."; "Alguns anos depois, [nome próprio] foi aprovada no concurso para Professora no Departamento de Educação da [sigla da universidade], cidade vizinha a [cidade]. Esta combinação permitiu que desenvolvêssemos alguns projetos juntos no [sigla do projeto]. Realizamos várias edições de um curso para formação de professores estaduais em parceria com a Diretoria Regional de Ensino. Uma grande operação resultava na articulação da disciplina de [área do conhecimento], obrigatória para doutorandos do [sigla do programa de pós], o reconhecimento do certificado do curso pela diretoria de ensino como válido para pontuação para progressão funcional dos professores, e a estrutura do [sigla do projeto]."

	P4 “Meu trabalho como monitor pode ser considerado um marco em minha trajetória acadêmica, no qual tive pela primeira vez um contato com a atividade de ensino. Além de lidar com os estudantes, tirando dúvidas e dando explicações, muitas vezes para turmas grandes...”; “... para dar continuidade a um projeto do [nome]. Me interessei pela proposta, visto que iria continuar trabalhando com o ensino da [área do conhecimento], e poderia dar continuidade aos meus trabalhos ...”; “... ajudá-la a ministrar um curso de formação em minerais, rochas e solos para os monitores do Parque [nome], o que constituiu minha primeira atividade de extensão.”; “... a coorientar uma estudante de graduação, que também trabalhou em seu TCC com Educação em Solos.”
	P5 “... no laboratório de solos, ele me convidou a iniciar um projeto de extensão chamado [nome]”; “... continuei trabalhando no [nome]. Sempre estive nos trabalhos de campo e no revezamento para receber as visitas.”
	P19 “Porter me identificado e apaixonado pela área de [área do conhecimento]”; “Foi na Universidade [nome] que tive um maior contato com a área de Educação em Solos, a partir da visita ao Museu [nome]”; “... ingressei como professor substituto atuando em disciplinas na área de solos para cursos de graduação na Universidade [nome], e tive a oportunidade de ter maior contato com o Museu [nome].”; “... foi a partir do meu ingresso como professor efetivo na Universidade [nome] ...”; “Outra fonte de inspiração na área de Educação em Solos foi conhecer o “Museu [nome]”
	P22 “Meses depois ingresso numa Universidade particular bastante conceituada em [cidade/estado] [sigla da universidade] lecionando nos cursos de licenciatura como professora de [área do conhecimento].”; “... realizei o concurso para professor efetivo na [sigla da universidade] campus de [cidade] e com aprovação no concurso início uma nova fase na minha vida.”; “... assumo a disciplina de [área do conhecimento] em diferentes cursos de Licenciatura e comissões de diferentes funções. Tive o prazer de atuar como coordenadora no PIBID e na orientação de iniciação científica ...”
	P30 “ Fui monitora de pedologia dela.”; “... eu fui professora substituta tanto na [sigla da universidade]. Como eu fui professora substituta na [sigla da universidade]. Na [sigla da universidade] montei e dei uma disciplina optativa que se chamava “[nome da disciplina]”, isso foi muito bacana. Dei erodibilidade dos solos também foi muito importante. Antes, enquanto eu estava no mestrado, fui tutora também dessa disciplina de erodibilidade. Depois, quando terminei fui contratada como professora substituta e mais à frente contratada como professora visitante. E sempre todos me conhecendo justamente pela expertise em solos.”

		RELÇÃO COM O LUGAR DE TRABALHO.	P22 "... que recebi o convite de assumir uma classe na escola que fiz o estágio de magistério"; "... recebi outro convite de trabalhar como professora no ensino fundamental e como professora no curso de magistério de um colégio em São Paulo."; "Fui trabalhar em duas escolas e continuei atuando como professora de ensino fundamental e professora no curso de magistério." P30 "... fui professora do fundamental 2 e do ensino médio, por cerca de 3 anos mais ou menos, enquanto eu estava cursando a licenciatura."; "No fim de 2001 prestei concurso para o [nome da instituição] e passei..."
--	--	---	--

CATEGORIA DE ANÁLISE	SUBCATEGORIA DE ANÁLISE	UNIDADE DE REGISTRO
AUTOFORMAÇÃO	PELA PERCEPÇÃO SOBRE O QUE FAZ SENTIDO PRA SI.	P3 "Ainda que não declarada e talvez nem mesmo consciente, esta decisão simbolizou a opção de nossas vidas: crescermos como pessoas e experimentar o mundo."; "Tais 'descobertas' me fascinaram tanto, e tão absorvido fiquei na leituras de Ilya Prigogine, sugeridas pelo Prof. [nome próprio] após conversarmos sobre meu projeto de dissertação, que hoje desconfio que tenha exagerado um pouco na discussão de minha dissertação sob uma ótica de sistemas complexos."
		P5 "O que me marcou foi meus pais conseguirem proporcionar essas coisas a custas de renunciar (...) foram os sacrifícios feitos para podermos estudar com qualidade. Claro que entendo que esses sacrifícios que menciono não chegam nem perto dos sacrifícios e provação que passa a fração mais pobre da classe trabalhadora."; "O que me leva a cursar geografia numa instituição pública foi todo esse contexto familiar narrado e uma professora que tive no colegial. Ela me marcou demais por tratar a [área do conhecimento] de forma crítica. Outro aspecto marcante na escolha do curso tem relação com a criação familiar de forma relativamente livre."; "Num primeiro momento, escolhi a [área do conhecimento] da [sigla da universidade] de [cidade] por ser conhecida, naquela época, por ser forte na chamada [área do conhecimento] e pelo viés crítico que vi na professora do colegial. Contudo, conforme fui tendo contato com os professores, disciplinas, pesquisas, grupos de pesquisa e, claro, a atuação com meio ambiente do meu pai, pendi para a chamada geografia física."; "... a única certeza que trouxe da minha formação (graduação, mestrado e doutorado) no interior do estado de [estado federativo] foi fazer um projeto de extensão parecido com o [nome do projeto]."
		P19 "Durante a minha infância e juventude, apesar de viver no meio urbano, no município de [cidade], interior do Estado de [estado federativo], eu tinha muitas relações com o meio rural e vivências nesse meio, e isso me levou ao ingresso no curso de [área do conhecimento]."; "Durante o mestrado mantive minha paixão pela [área do conhecimento] e, apesar do doutorado não ter sido em [área do conhecimento], ingressei no doutorado em [área do conhecimento] da Universidade [nome] em 2005, com tese na área de solos."; "É possível que essa busca em criar ferramentas para abordar a [área do conhecimento] tenha vindo da minha dificuldade de aprendizagem e até mesmo pela dificuldade na minha atuação como professor em fazer com que os alunos visualizassem algum processo relacionado ao solo, buscando formas lúdicas e práticas para o Ensino de Solos."

	P22 “Seis meses depois comecei a realizar um trabalho voluntário no departamento de [área do conhecimento] desta universidade ensinando [área do conhecimento] para alunos que frequentavam as classes de aulas da universidade. Confesso que meu precário inglês não me impediu de aprender e enfrentar o desafio de ensinar [área do conhecimento] pois o que eu precisava arduamente era ter de volta a possibilidade de ensinar e isso foi uma das coisas mais lindas e gratificantes que me ocorreu.”; “Quando decidi fazer o concurso de LD me perguntava o que significa este título. Sempre considerei que este título deveria ser entendido como algo relacionado a nossa capacidade expressiva de ensinar com extrema competência e não vincular isso apenas a produção científica desvinculando o papel pedagógico do ensino, da pesquisa e da extensão na nossa ação como professores universitários que somos. Infelizmente não consigo entender como este título para alguns não mobiliza a ressignificação da docência na busca de sua qualificação abarcando a pesquisa e a extensão numa tríade real e forte. (...)Esta liberdade da docência implica numa enorme responsabilidade cidadã de ser e estar no mundo.”
	P30 “Então estudando eu fiz vestibular e passei. Escolhi a carreira de [área do conhecimento]. Engraçado que naquela época (interessante lembrar isso), eu já gostava de natureza, já gostava de meio ambiente e já gostava de solos.”; “Tudo isso foi muito desafiador, eu acho que poucos teriam perseverado, mas aí linkando com aquele início eu não poderia desistir. Então, mesmo estando num trabalho novo, estando estágio probatório, um trabalho 40 horas semanais, morando no [cidade], estudando em [cidade], com a área no [região do país], com uma filha pequena, eu terminei o meu doutorado, apenas tirei a licença maternidade, que me foi concedida, e terminei.”; “Dificuldades são muitas, que vão desde o fato de ser mulher, de ser geógrafa e estar numa área dominada por pessoas com formação na agronomia, isso por vezes não é bem visto. Eu acho que isso tem caído por terra, o que é muito bom, mas ainda existe um pouco essa diferenciação, isso, às vezes, se constitui numa dificuldade, mas eu acho que tem sido cada vez menos difícil, mas porque nós estamos cada vez também mais nos impondo e mostrando o nosso valor.”

AO LONGO DA VIDA.

P3 " ... a leitura foi a habilidade mais preciosa que desenvolvi, que me permite aprender sempre, e independentemente. "; "Lá também aprendi como os valores humanos se manifestam nas relações de poder, e pude observar as 'regras do jogo' e suas moedas: o poder instituído, a posse material, a beleza estética e o conhecimento. Já lá percebi que não tinha sido contemplado com muitas destas moedas. Nada disso, porém, diminuiu o deslumbramento de aprender a ler. "; "À medida que cresci e minha estatura permitiu, fui autorizado a manipular um antigo telescópio de espelho, relíquia paterna elegantemente instalada em tripe de madeira encerada, com seu contrapeso ameaçador. Apontá-lo para o céu noturno e tentar distinguir as crateras da Lua das manchas de fungo no espelho sempre foi um desafio, mas percebo agora, agradecido ao velho telescópio, que o maior efeito daquelas horas foi a lenta percepção de que o conhecimento poderia não apenas vir da leitura dos livros, mas também da leitura da natureza. "; "Enquanto na infância a leitura me pareceu abrir as portas de um reservatório imenso do conhecimento humano registrado nos livros, a experimentação e a observação científica exercitadas na Universidade me mostraram que eu poderia ser agente, que eu mesmo poderia conversar com a natureza sem a mediação de outro autor. "; "Também a convivência com pessoas de diversos países e culturas (Estados Unidos, Polônia, México, China, Coreia, Japão, Indonésia, Alemanha, Argentina, (...)) foi muito importante para minha formação, me possibilitou exercitar um olhar tanto sobre eu mesmo quanto sobre o meu país, a partir de pontos de vista diversos. "; "Agora eu entendia que a ciência é uma produção da mente humana, um método para interpretar o mundo, e que entender nosso entorno e nossa origem é quase a essência de sermos humanos e a base da filosofia. Finalmente se dissipou a ideia de 'homem' separado da 'natureza', e me reconciliei com as Ciências Humanas. "; "Leituras inspiradoras neste período foram principalmente as do já citado Prigogine, von Bertalanffy principalmente em sua vivência como embriologista e, portanto, com um forte viés biológico) e Paul Weiss e sua teoria dos sistemas organizados hierarquicamente. "; "Em 1995, nosso primeiro filho, [nome próprio], e os cuidados que sua gestão complicada requisiu, nos trouxe amadurecimento e um novo olhar sobre o mundo. "; "...só posso render reconhecimento e gratidão pela tutoria de [nome próprio]. durante toda a minha carreira docente. Sem sua experiência, conhecimento e generosidade, eu com certeza não teria realizado contribuição alguma à comunidade, hoje muito bem estabelecida, da educação em solos brasileira."

P4 "A falta de interesse da maior parte dos alunos e a mudança de colégio, somada à minha timidez, me deixaram um pouco deslocado nos primeiros meses nessa nova escola. Esse sentimento, entretanto, fez com que eu me dedicasse mais aos estudos, (...). Fui, aos poucos, pegando gosto pelo estudo. "; "... comecei a me interessar na área de Educação, e fui um dos primeiros alunos da área do conhecimento] a cursar uma disciplina optativa do Departamento de [área do conhecimento] da [sigla da universidade]"

	P5 "Quando entro no mestrado, e depois no doutorado, mesmo com temas de pesquisa longe dos solos, continuei trabalhando no [nome do projeto]. Sempre estive nos trabalhos de campo e no revezamento para receber as visitas."; "Os solos sempre estiverem na minha formação universitária, mas não foram tema de pesquisa. Enveredei-me para a geomorfologia, que abrange os solos indiretamente."; "A extensão sempre esteve presente na minha trajetória. Talvez muito influenciada pelo trabalho voluntário que minha mãe sempre fez. Penso que a extensão é fundamental na universidade. Numa universidade burguesa, a extensão é a oportunidade de levar conhecimento e experiências à população que não teve a chance de usufruir dela."
	P19 "Apesar de hoje ser professor universitário e atuar no Ensino de Solos, até cursar a Licenciatura em [área do conhecimento] em 2013, eu não tive disciplina alguma sobre educação, ensino, pedagogia, ou até mesmo sobre Educação ou Ensino de Solos. A partir disso, concordo com os autores citados anteriormente, nossa formação ocorre de forma permanente, a partir das nossas vivências e convivências, dos exemplos e referências que temos em nossa trajetória, dos nossos professores e orientadores, do espaços e lugares que conhecemos, das fontes/pessoas/lugares/espaços/ambientes/coisas que nos inspiram."
	P22 "Desde criança sempre quis ser professora... e nas brincadeiras me via colocando as bonecas, bichos de pelúcia e os outros objetos sempre prestando atenção às minhas explicações em um improvisado quadro negro e giz"; "Perdi este lado importante da minha formação universitária, mas, por outro lado, estar estudando e trabalhando no campo da formação me ensinou muito e me qualificou bastante em atuar num contexto real, complexo, difícil e árduo em ser professor num país que, de fato, nunca valorizou este profissional."; "Depois de alguns meses fui convidada pelo coordenador do curso a lecionar [área do conhecimento] na universidade como Lecture e durante três anos atuei como professora contratada nesta universidade. Foi minha primeira experiência como professora universitária e uma das mais significativas da minha história pois devido as minhas dificuldades da língua conseguia me colocar no lugar dos alunos que tentavam aprender a minha língua materna e nesse clima de respeito mútuo, companheirismo, solidariedade e horizontalidade nas relações aprendi muito com eles e pude, também, ensinar outra cultura e outros olhares acerca do meu país muitas vezes tão malvisto e interpretado pelo mundo."; "E foi nesse período que nasceu em mim o desejo de organizar um grupo de estudos e pesquisas em [área do conhecimento] o [sigla do grupo]"; "Quando estava realizando meu curso de magistério aprendi que a docência exige não apenas as técnicas de ensino, mas a correlação ininterrupta entre teorias e práticas ..."; "Ao final minha graduação em [área do conhecimento] aprendi que não basta estar formado, é preciso construir a profissão de forma atenta, reflexiva, educativa e comprometida com o outro e consigo ..."; "Dos anos de atuação como professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental aprendi que não basta estar com os estudantes é preciso contribuir com a formação e para isso é necessário querer estar de fato e apreender com eles ...";

“Nos processos de formação continuada que vivenciei durante anos e anos: especialização, mestrado, doutorado, posdoc, cursos, eventos, congressos, simpósios etc. Aprendi que não há docência, enquanto ato investigativo, sem apropriação do ato de investigação a acerca de si e do outro ...”; “Na minha primeira experiência como professora universitária nos [país] aprendi que independentemente de onde os estudantes estejam ou sejam a mobilização para o aprender é responsabilidade do docente e assim com eles entendi que se ampliasse as possibilidades de ensinagens ampliava consideravelmente a possibilidades de aprendizagens de muitos estudantes. Foi lá, também, que aprendi que quando queremos estar e aprender com os estudantes se abrindo para o novo e o desconhecido... a gente se liberta e a humildade de ser aprendente nos permite estar realmente próximo do outro e assim aprendo junto e isso tem um significado ímpar além de conteúdos ...”; “Nos anos que atuo na [sigla da universidade] em diferentes Cursos de Licenciatura: [área do conhecimento], [área do conhecimento], [área do conhecimento], [área do conhecimento], [área do conhecimento], [área do conhecimento]; aprendi que a formação inicial e a formação continuada são dimensões fundantes na construção e reconstrução da profissionalidade docente tendo eu uma enorme responsabilidade para com aqueles que buscam essa formação pois nos processos de ensinagem da área da didática... conteúdo é forma e sendo assim ao ensinar sobre o ser professor preciso ser professor que ensina por ser!”, “Aprendi que ser docente na Universidade devo respirar em cada ato meu o ser pedagógico pois uma docência decente exige uma ação pedagógica encharcada de significância no ensino, na pesquisa e na extensão de forma verdadeiramente indissociável mesmo que a própria universidade valorize uma ou outra instância...”; “Aprendi sendo gestora (vice diretora e diretora do Instituto de Biociências [sigla da universidade]) que estar na gestão é um ato de doação e comprometimento para com todos : professores, alunos e funcionários e com o todo da Universidade e deixar de lado seus interesses profissionais e colocar acima deles a própria possibilidade de manutenção da Unidade desde as necessidades básicas dos estudantes até infraestrutura para o desenvolvimento de pesquisas de ponta ...”; “Com a criação do Grupo de Estudos e Pesquisas em [área do conhecimento] aprendi que coordenar um grupo de pesquisa exige muito além de deveres e fazeres científicos, pois exige outros saberes que impactam o rumo de pessoas, pesquisas e distintas instituições ...”; “Quando eu respondi o primeiro questionário, você me perguntou se eu me considerava Educadora de Solos. Eu fiquei assim, na dúvida, porque não tinha outra opção, só era sim ou não. Eu acho que isso reduz demais. Talvez faltasse ali, deixar um espaço para colocar outras possibilidades, aí eu colocaria que para a gente se constituir ou se considerar educador já é muito. Educador em solos? meu campo de pesquisa não é solos. Como você deve ter percebido a minha história de vida inteira e aquilo que eu venho falando. O que me aproxima é a possibilidade de aprender e trazer o solo como um material rico que possibilita o sujeito a aprender. E ele pode se constituir também um material maravilhoso, um conteúdo maravilhoso para ser trabalhado de forma interdisciplinar. E eu sempre afirmo dizer que conteúdo não é fim, mas é meio. E sendo meio ele possibilita relações com e para. Então, tentando responder a tua pergunta, eu não me considero educadora de solos,

	eu tento ser uma educadora. Eu tento ser uma professora. Com p maiúsculo, apesar de muitas vezes não me considerar como tal, mas luto para que seja." P30 "E ela nos criou para sermos independentes e antes de mais nada, ainda numa época em que o casamento era muito visto como uma coisa importante na vida da mulher. A gente cresceu acreditando que nós podíamos ser independentes, de qualquer pessoa, principalmente financeiramente falando, principalmente de maridos."; "... quando eu me graduei, atuei no ensino básico (...) Mas esse período foi muito importante para mim. Estar em salas de aula com crianças me deu uma noção do preparo necessário para um professor enfrentar uma sala de aula. O fato também de ter feito Licenciatura e ter tido matérias ligadas a didática e psicologia na educação foram matérias fundamentais e são fundamentais até hoje."; "Para um ambiente bem diferente, que era onde ele tinha o projeto, e me convidou para compor. Então foi uma alegria, porque foi um aprendizado enorme pelo ambiente, pela abordagem que eu usei, que foi a análise estrutural, da pedosequência, um aprendizado que o local propicia."; "ele me deixou coordenando o laboratório dele, coordenando os bolsistas. E dando apoio aos pós-graduandos. Foi uma responsabilidade muito grande e também uma alegria ter tido essa confiança dele. Uma oportunidade enorme para ganhar muita experiência em liderar projetos e participar de reuniões de departamento e uma série de questões ali que foram muito importantes. Eu orientando os bolsistas de graduação, escrevendo trabalhos com eles, escrevendo relatórios. E muitos deles trabalhando diretamente com o tema de solos. O laboratório de solos que nós criamos e sou uma das idealizadoras dele."; "... ali eu me aproximei diretamente também do ensino de pedologia no ensino superior e no ensino de pós-graduação, que é a área que eu estou trabalhando. O nosso curso recebe pessoas de diferentes formações. Recebemos agrônomos, engenheiros, biólogos. Muitos são professores, professores de biologia, professores de Geografia, professores que dão também esse conteúdo nas escolas para os alunos. Então nós temos um público diverso, ligado a área de recursos naturais, as Ciências da Terra. Então essa diferença de abordagem e adaptação de linguagem para todos foi muito importante para minha formação, para minha construção como educadora de um modo geral."; "Fui fazer um curso dela, dessa temática, durante a minha licença capacitação. E fiquei apaixonada por essa área, é uma área muito jovem no Brasil e no mundo. Percebi que tinha ali uma carência muito grande dessa abordagem em relação aos solos. Tinha para rochas, tinha para vulcões, é até mesmo para o relevo e para outros elementos como fósseis, os elementos da geodiversidade, mas para solo tinha muita pouca coisa no mundo e nada no Brasil. (...) Eu procurava sempre expandir (...) Eu percebi que eu tinha permeado, já tinha uma formação mais holística por conta da [área do conhecimento]. E tinha permeado, conversado muito com outras disciplinas. Além da pedologia, mas com a geomorfologia, com a geologia. E isso tinha construído uma possibilidade de atuar nessa área que exige, eu acho, essa visão holística, diversificada e horizontalizada. Dado da área ambiental, então eu vi que talvez ali eu somasse alguns requisitos importantes para tratar do patrimônio pedológico."; "Penso sempre na questão da educação em solo. Muito ampla, muito aberta. Não me considero, inclusive respondi isso no questionário, não me defino como educadora em solos."
--	--

	Como também não me defino como pedóloga, embora tenha uma carreira de vivência e experiência, formação em pedagogia. Poderia me intitular pedagoga, mas não me intitulo. Então fico com a minha formação, digamos que formal. Eu sou geógrafa, geógrafa física, com especialidade em solo, em solo relevo. Inclusive, assim que me defino e atuo, como professora e procuro construir esse profissional com um olhar mais amplo sobre os solos."
NA PRÁTICA EDUCACIONAL.	P3 "Alguns anos depois, um projeto aprovado pelo Prof. [nome próprio] junto a [sigla da instituição], para incentivo aos estudantes de ensino médio às carreiras de engenharia foi repassado para minha coordenação. Este projeto teve um orçamento próximo a um milhão de reais, e atendeu aproximadamente 2000 alunos da rede pública de ensino médios por 4 anos. As atividades foram bastante ricas e variadas, com visitas de campo, práticas de laboratório na [sigla da instituição] e vários projetos associados."
	P4 "A experiência de ministrar aulas para uma turma de graduação, do início ao fim do período letivo, foi uma experiência marcante em minha carreira acadêmica, e cementou meus desejos de atuar com o ensino de solos.", "... e eu sempre buscava novas formas de explicar, ou exemplos de fenômenos conhecidos ou curiosos para traçar paralelos com os assuntos da disciplina."
	P5 "Meu projeto de extensão se chama [nome]. Tem os mesmos moldes do Trilhando, onde comecei, mas os solos não são os atores principais. Nesse projeto, quem nos visita, tem contato com um acervo de rochas e minerais, fósseis, uma estrutura didática que envolve formação da terra, placas tectônicas, até a gênese dos solos. Discutimos com os alunos, de forma crítica, sobre os acessos, apropriações, formação dos ditos recursos naturais."; "Minha intenção com a extensão não era só de mostrar o laboratório e falar do funcionamento dos elementos da natureza. Minha intenção era, acima de tudo, mostrar, de forma crítica, como a sociedade se apropria desigualmente da natureza e produz degradação também de maneira desigual, atingindo, preferencialmente, a fração mais pobre da classe trabalhadora."; "Quando cheguei no [estado federativo] me deparei com um curso de [área do conhecimento] diferente de onde tinha me formado. Deparei-me com alunos com dificuldades altíssimas (...). Essas coisas apontadas reforçam minha vontade de, ao fazer extensão, tentar mostrar aspectos da vida social que a maior parte das pessoas não percebem por não terem acesso ao conhecimento produzido dentro dos muros da universidade."; "... a intenção maior que carrego comigo, e que faz parte de toda intervenção que eu tenha oportunidade de fazer, é mostrar que a perspectiva de que há recursos naturais (entre eles os solos) é ideologicamente criada. Ela nos separa da natureza. Mostra sentido de dominação e subordinação da natureza à sociedade, com justificativa do progresso. E que esses chamados recursos são apropriados de maneira desigual. Essa sociedade baseada na exploração do homem pelo homem e da natureza para produção e apropriação privada da riqueza socialmente produzida precisa ser superada."

	P19 "Apesar de trabalhar com pesquisa em solos desde a graduação, quando em março de 2000 iniciei meu primeiro estágio em laboratório, e com Ensino de Solos desde meu ingresso como professor substituto na Universidade [nome] em 2007, foi a partir do meu ingresso como professor efetivo na Universidade [nome] em 2009 e, mais especificamente em 2011, com o projeto de extensão [nome] sob minha coordenação, que tive a oportunidade e a liberdade de efetivamente iniciar na área de Educação em Solos, criando o website [nome] (...), onde desenvolvemos atividades, experimentos, jogos e outras ações para divulgar a Ciência do Solo e facilitar a compreensão dos diferentes temas da área."; "... apesar de também trabalhar com "Educação em Solos", eu penso que as ações e atividades que desenvolvo estão além da "Educação em Solos", por isso não me autodenomino "Educação em Solos", mesmo tendo o "Ensino de Solos" como minha principal atuação ..."
	P30 "Sempre uma apaixonada por solos, inclusive construí e também ministrei um curso de morfologia de solos na [sigla da universidade]. Um curso como se fosse curso de extensão, um curso livre, que foi muito interessante, teve muito boa procura. Trabalhei com os mestrandos, doutorandos e até professores que vieram fazer esse curso, pois foi identificada realmente essa carência. Já que a morfologia tem muito a ver com a prática, não basta apenas ler. Então foi um curso muito interessante, um curso inédito na época na [sigla da universidade]. E foi um curso muito bom."; "Foi um grande desafio porque a gente tirou isso da inércia, tivemos que juntar os preceitos da geoconservação, os preceitos do geopatrimônio, com os preceitos da ciência dos solos, da pedologia para que pudéssemos construir essa visão patrimonial dos solos e criar critérios para identificação do pedopatrimônio, do patrimônio pedológico brasileiro, e esse, então, foi o meu pós-doc em 2020. E de lá para cá eu tenho trabalhado mais com essa parte. Eu tenho levado essas visões para dentro da minha sala de aula desde o ano passado. Criei uma nova disciplina que eu estou dando também no curso de pós, então onde eu posso falar de [área do conhecimento] [área do conhecimento], [área do conhecimento]."; "Eu tenho, como eu disse, uma relação muito forte com o ensino. Sou licenciada em [área do conhecimento]. E leciono no ensino superior, especialmente na pós nos últimos 20 anos. E eu me identifico muito, eu gosto muito dessa educação para adultos. Eu acho que é o meu nicho, é onde eu me sinto contribuindo mais, num lugar que eu gosto de estar e sei da importância que é preparar esse adulto, muitas vezes para estar trabalhando com as crianças, que é o caso dos professores. Então esse é um lugar também que me importa muito."; "O solo não é só sobre aquele lugar onde a gente constrói as nossas casas, constrói as cidades, planta e cultiva, cria animais. Mas como um elemento da paisagem e como uma peça nesse nosso planeta tão importante. É uma peça que conta histórias. E que conta histórias desse planeta, histórias do passado, histórias atuais e que podem nos ajudar a conviver melhor com esse planeta e ter um futuro melhor. Então, a minha atuação, principalmente mais recente nos últimos 5 anos, ela prioriza essa visão que foi crescendo em mim cada vez mais, e eu fui estudando e buscando os conhecimentos e buscando os contatos com as pessoas e trocando com as pessoas que

	pudessem cada vez mais contribuir com a minha formação dessa visão que é a visão patrimonial do solo."; "Eu fiquei ainda mais feliz por ser 2 meninas batalhadoras, guerreiras. Também fico muito feliz de poder contribuir sempre com a formação de meninas, porque querendo ou não, essa área é uma área ainda dominada por homens e, infelizmente, alguns deles ainda com a postura machista. Lembro-me que quando eu entrei para a equipe de Pedologia do [sigla da instituição] havia 13 homens e eu, então foi muito difícil. O primeiro momento que eu entrei, eles acharam que eu era a nova secretária e na verdade eu era uma nova colega de trabalho. E foi complicado, na verdade, as minhas oportunidades foram crescendo à medida que eles foram se aposentando. Infelizmente nem para campo eu conseguia ir porque tinha prioridade deles irem a campo e eu nunca era prioridade para ir a campo. Então, fazia os serviços de escritório, mas não podia ir a campo, entre outras questões. Então é difícil. Então fico muito feliz quando posso contribuir para a formação de meninas na área de solos."; "... comecei a trabalhar com pedologia ainda no meio da graduação, então são mais de 35 anos trabalhando com pedologia, por escolha, por realmente me interessar, por realmente me apaixonar por essa temática, querer trabalhar com isso, então acredito que isso é fundamental, gostar extremamente daquilo que a gente faz. E compartilhar, gostar de compartilhar e saber compartilhar."
--	--

“A vida não é a que a gente
viveu, e sim a que a gente recorda, e como recorda para
contá-la.” (Gabriel García Márquez)